



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS TRINDADE
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Pedro Cesco Litwin

Educação judaica: processos de fazer-se educador(a) da Marcha da Vida Universitários

Florianópolis

2023

Pedro Cesco Litwin

Educação judaica: processos de fazer-se educador(a) da Marcha da Vida Universitários

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Elison Antonio Paim

Florianópolis

2023

Litwin, Pedro Cesco

Educação judaica: processos de fazer-se educador(a) da
Marcha da Vida Universitários / Pedro Cesco Litwin ;
orientador, Elison Antonio Paim, 2023.

244 p.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-
Graduação em Educação, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Marcha da Vida Universitários. 3.
Educação antirracista. 4. Experiência. 5. Antissemitismo.
I. Paim, Elison Antonio. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III.
Título.

Pedro Cesco Litwin

Educação judaica: processos de fazer-se educador(a) da Marcha da Vida Universitários

O presente projeto em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Lia Vainer Schucman
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Profa. Dra. Claricia Otto (suplente)
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof. Dr. Michel Gherman
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Profa. Dra. Cyntia Simioni França (Suplente)
Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR

Certificamos que esta é a **versão original e final** do projeto de qualificação que foi avaliado como adequado para obtenção do título de mestre em Educação

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação

Prof. Dr. Elison Antonio Paim
Orientador

Florianópolis, 2023

Dedico este trabalho à memória de judeus e judias que, ao longo de milênios de diáspora, dedicaram suas vidas às suas comunidades e, às suas maneiras de resistir, colaboraram para manter acesa a chama do judaísmo.

Agradecimentos

Esta pesquisa contou com a colaboração de inúmeras pessoas que passaram por minha vida, sejam as que ficaram por pouco tempo e deixaram memórias ou as que permanecem até hoje em constante troca de experiências. A cada um desses seres, agradeço...

Primeiramente a meus pais Edylaine e Guilherme por me concederem a benção da vida e por todo apoio e suporte em minha jornada acadêmica.

À minha avó Adalgiza por me ensinar sobre a importância da verdade e minha avó Bela por me ensinar sobre a importância de me manter sempre curioso.

A meu avô Newton que me ensinou sobre manter-me paciente e bem humorado e a meu avô Maurício, uma alma generosa.

Às minhas tias Sandra, Leia, Tamar, Silvia, Simone, Sylvana, tios Abraham, Airton, Newton, Adriano e Jaques e a todos meus primos e primas Karen, Débora, Mariana, Juliana, Luiza, Julia, Paula, Beatriz, Felipe, Rafael, Matheus e tantos outros/as de graus distantes.

Ao meu orientador, professor Elison Antonio Paim por toda liberdade acadêmica e a todas/os as/os demais pesquisadoras/es do Grupo de Pesquisa Patrimônio Memória e Educação (PAMEDUC).

A todas as pessoas amadas que a vida me presenteou desde criança aos dias de hoje: Peixe, Shinji, Gui, Vavá, Vic, Fi, Santarosa, Lara, Lucas F., Dido, Finha, Marcela, Natiti, Carlos, Leo, Deborah, Vini S., Vini Oliver, Lívia, Anun, Pedro, Nigi, Garcia, Nigri, Thomaz, Federico, Nina, Betita, João, Betina, Mateos, Brisa, Cristina dentre tantas outros seres que me transformam e fortalecem.

Às pessoas queridas das comunidades judaicas brasileira, catarinense e as demais em diáspora pelo mundo que conheci nos últimos anos.

Aos membros da banca, professor Michel Gherman e professora Lia Schucman, por todas suas contribuições para o aperfeiçoamento deste trabalho.

Às/aos colegas do Laboratório Novas Formas de Antissemitismo no Brasil do Instituto Brasil-Israel, coordenado pelos/las brilhantes mentes Michel, Anelise Fróes e Bianca Bastos.

Às educadoras/es Kaki, Cel, Solange, Moiche, André do Fundo Comunitário Keren Hayesod por afetuosamente guiar a mim e as/os demais participantes da Marcha da Vida Universitários pelos lugares de memória relacionados ao judaísmo.

Às trabalhadoras/es da Universidade Federal de Santa Catarina por nos proporcionar um ambiente digno e salubre para nossas atividades.

RESUMO

Esta pesquisa investiga o processo de fazer-se educador/a do programa de educação judaica para o patrimônio Marcha da Vida Universitários. Utilizando-se de entrevistas, registramos experiências rememoradas por meio das narrativas desses educadores, atribuindo a essas trajetórias um estatuto epistemológico. São destacados na pesquisa os entrecruzamentos entre as dimensões do acesso e ressignificação da identidade judaica e o problema do antissemitismo. Para isso, este trabalho tem como referencial teórico o pensamento benjaminiano, fanoniano e a pedagogia decolonial. Assim, compreende-se as práticas didático-pedagógicas não formais coordenadas por esses sujeitos da pesquisa como situações de produção de conhecimento e cientificidade, mediante o uso social da memória.

Palavras-chave: Fazer-se educador/a; Memórias; Experiências; Antissemitismo; Educação Antirracista.

ABSTRACT

This research investigates the process of becoming an educator in the Jewish education program for the heritage March of the Living University. Through interviews, we document experiences recalled through the narratives of these educators, assigning an epistemological status to these trajectories. The research highlights the intersections between dimensions of access and the resignification of Jewish identity and the issue of antisemitism. To achieve this, the theoretical framework of this work draws from Benjaminian and Fanonian thought, as well as decolonial pedagogy. Thus, non-formal didactic-pedagogical practices coordinated by these research subjects are understood as situations of knowledge production and scientificity through the social use of memory.

Keywords: Becoming an educator; Memories; Experiences; Antisemitism; Antiracist Education.

SUMÁRIO

1	MEMORIAL	12
	1.1 Ancestrais	12
	1.2 Vida Acadêmica	17
2	INTRODUÇÃO	22
3	CAPÍTULO 1 EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO JUDAICO	34
	3.1 Dia 01 - 04/07/2022	43
	3.2 Dia 02 - 05/07/2022	46
	3.3 Dia 03 - 06/07/2022	54
	3.4 Dia 04 - 07/07/2022	70
	3.5 Dia 05 - 08/07/2022	84
	3.6 Dia 06 - 09/07/2022	92
	3.7 Dia 07 - 10/07/2022	105
	3.8 Dia 08 - 11/07/2022	123
	3.9 Dia 09 - 12/07/2022	140
	3.10 Dia 10 - 13/07/22	153
	3.11 Dia 11 - 14/07/22	158
	3.12 Dia 12 - 15/07/22	170
	3.13 Dia 13 - 16/07/22	176
	3.14 Dia 14 - 17/07/22	183
4	CAPÍTULO 2 REFLEXÕES SOBRE ANTISSEMITISMO, JUDAÍSMO E IDENTIDADES	188
	4.1 Identidades judaicas e antissemitismos	191
	4.2 Anti-judaísmo e antissemitismos	200
	4.3 Pesquisas fanonianas: antissemitismo, diáspora e questão judaica	203

5	CAPÍTULO 3: NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS, JUDAÍSMOS E RESISTÊNCIAS	211
	5.1 Breve biografia dos entrevistados	214
	5.2 Principais experiências na educação	217
	5.3 Ensino superior e mundo do trabalho	220
	5.4 Públicos e projetos educativos	224
	5.5 Principais desafios na educação e o antissemitismo	225
	5.6 Reflexões gerais sobre a Marcha da Vida e Marcha da Vida Universitários	227
	5.7 Reflexões críticas acerca da Marcha da Vida Universitários	232
6	APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS	236
	REFERÊNCIAS	211

1. MEMORIAL

1.1 Ancestrais

Seguindo a tradição de nosso grupo de pesquisa Patrimônio Memória e Educação (PAMEDUC) narro aqui uma parte de minha biografia, como um exercício de memória e apresentação de minha ancestralidade, de modo a expor experiências de vida, acadêmicas e profissionais. Por ter nascido em Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, posso dizer que sou fruto de uma convencional família intercultural brasileira. Entender essas tramas de migrações e alianças familiares é entender o que me constitui enquanto sujeito histórico e ilustra um retrato, dentre tantos, da heterogeneidade sociocultural presente em nosso país. Do lado materno, sou descendente de imigrantes libaneses e italianos e pelo lado paterno, judeus ashkenazitas imigrantes de distintos países do Leste Europeu (Rússia, Ucrânia e Romênia).

Parte de meus tataravós maternos nasceram na Itália, Pedro Cesco, em Treviso, região de Vêneto, e Emília Vassoler Cesco na região da Lombardia e vieram para o Brasil, em torno de 1894 para trabalhar, inicialmente, em fazendas de café do estado de São Paulo. Posteriormente, trabalharam na construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que teve início em Bauru - SP. À medida que os trilhos avançavam mata adentro, aumentou a família do telegrafista Pedro Cesco, a despeito das vicissitudes sofridas devido a doenças tropicais e conflitos com os indígenas Coroados (Kaingang) - os legítimos habitantes da região em aguerrida defesa de seus territórios. Se fixaram na região de Terenos - MS, onde foi confiado a Pedro Cesco o cargo de Agente da Estação Ferroviária. Sua companheira, Emília Vassoler Cesco, assumiu o cargo de Agente dos Correios da localidade. Pedro e Emília tiveram cinco filhos. Guilherme Cesco, um desses, casou-se com Nisma Abdo de ascendência libanesa e assim nasceu meu avô Newton Abdo Cesco, que se casou com minha avó Adalgiza Ocampos Cesco. Dentre as tantas memórias compartilhadas por meu avô, me lembro de como ele falava saudoso da sabedoria culinária do oriente médio que sua mãe possuía e da experiência e traumas de seu tio, sargento Elias Abdo combatente da Segunda guerra Mundial pela Força Expedicionária Brasileira.

Do lado paterno, somos descendentes da diáspora ashkenazita¹, fugitivos dos pogroms²

¹Termo que se refere a um grupo étnico judaico de raízes referentes à Europa e Leste Europeu

² Terminologia relativa a ataques violentos contra uma comunidade específica. Atualmente, esse conceito é mais popularmente utilizado para tratar de ataques contra a judeus.

do leste europeu. Mesmo com todas as dificuldades de imigrar para o Brasil, a comunidade judaica conseguiu se estabelecer em diferentes estados do país no início do século passado.

No caso dos imigrantes judeus, sua presença está diretamente ligada à atuação da Jewish Colonization Association. Esta companhia fora criada em 1891 pelo Barão Hirsch, com o propósito de livrar os judeus das perseguições e discriminações de que eram vítimas no leste europeu. Entendia ele que a única maneira de ajudá-los seria a emigração para regiões onde pudessem viver livremente. (GRITTI,2017,p. 96)³

O Barão Hirsch foi um judeu filantropo responsável pela compra de terras destinadas a esses judeus forçados à continuidade da diáspora em diferentes localidades. O assentamento de meus ancestrais comprado pela Associação de Colonização Judaica ⁴esteve localizado em Santa Maria.

Esse primeiro núcleo judaico no Rio Grande do Sul foi denominado de Filipson, em homenagem ao então vice-presidente da ICA e presidente da Compagnie Auxiliaire de Chemins du Fer au Brésil, empresa belga arrendatária, na época, da rede da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. (GRITTI,2017,p. 96)

É interessante notar que, dos dois lados, as vias férreas têm relação com a história de minhas famílias. Um dos primeiros trabalhos realizados por meu bisavô Abraham Litwin foi assentar dormentes da estrada de ferro que ligava o Rio Grande do Sul a São Paulo. Nascido em 20 de setembro de 1885, em Smolensk - Rússia, onde trabalhava com moinhos de trigo, veio para o Brasil em 1903⁵. Abraham saiu por volta de 1911 da colônia de Filipson e mudou-se para a de Quatro Irmãos, buscando maiores oportunidades na área agrícola. Lá conheceu Ana Arenzon, casaram-se e se mudaram para próximo da cidade de Erechim/RS, que se tornaria um de seus bairros, Três Vendas/RS, onde passaram a trabalhar como comerciantes. Ao longo de alguns anos, a atividade de moagem de grãos voltaria a ser desenvolvida em Erechim, por meu avô Maurício Litwin que se casou com minha avó Bela Stifelman Litwin.

Minha mãe, Edylaine, psicóloga e meu pai, Guilherme, zootecnista, puderam durante a minha infância e adolescência, me proporcionar o privilégio de acessar a educação em colégios particulares e sempre me ater apenas aos estudos. A complementaridade, conflitos, paradoxos entre cosmovisões familiares era algo constante. Transitar entre os meios cristãos sempre foi mais recorrente, pois convivi até meus 19 anos mais próximo de minha família

³ Tradução: Associação de Colonização Judaica.

⁴ Esta associação é representada com duas siglas, ICA ou JCA

⁵ Segundo Aníbal Quijano, se trata de “uma tecnologia procedente de Bagdá, integrada ao mundo muçulmano-judeu do sul da Península Ibérica” (2005, p. 11).

materna. Ir à sinagoga, na infância, durante as férias em Erechim ou Porto Alegre, também são momentos marcantes em minha memória, além de telefonemas para a família, sempre quando das festividades judaicas.

Quando vim para Florianópolis/SC morar com meu pai em 2012, aos poucos fui me reaproximando do judaísmo de maneira mais significativa. Isso, principalmente, graças às visitas mais recorrentes que passei a realizar aos meus familiares mais articulados na cultura e cosmovisão judaica, além de autores judeus como Baruch de Spinoza e Walter Benjamin, cujas ideias passaram a me chamar a atenção. Estar em Florianópolis também me deixou mais próximo de Porto Alegre, onde minha avó Bela Stifelman Litwin se estabeleceu perto de familiares, após o falecimento de meu avô Maurício, no tradicional bairro judaico do Bom Fim (na capital do Rio Grande do Sul). Recorrentemente durante a infância, sempre era relembrado por meus parentes, que eu teria um segundo nome hebraico: Itamar, uma homenagem à minha falecida tia Tamar. Além disso, me recordo dos eventos promovidos por minhas tias Leia e Sandra, por meio da Wizo, organização judaica protagonizada por mulheres judias.

Minha judeidade, principalmente em Campo Grande/MS, sempre foi um paradigma cheio de ocultamentos, blindagens, orgulho, contradições e dúvidas, na infância e adolescência. Com o tempo, amigos e colegas de colégio sempre acabavam sabendo de minha ascendência judaica, além de, evidentemente, meus familiares. Diferentes formas “sutis” ou diretas de antissemitismo eram expressas a partir disso. Piadas, estigmas, ser chamado de judeus descontextualizadamente, ou com um tom negativamente valorado, conspirações eram parte dessas expressões e sempre apareciam em muitos momentos, o que fazia com que eu não quisesse acessar e conseqüentemente me distanciou de minha judaicidade, por vezes consciente e outras inconscientemente.

Dentre as situações mais emblemáticas me lembro de, na quinta série do ensino fundamental 2, ter levado meu kipá para a escola. Na aula de Atualidades mostrei para o professor e colegas aquele objeto. Não me lembro exatamente, mas provavelmente o levei por ser alguma atividade relacionada a religiosidade ou história familiar. Meu kipá acabou virando um objeto de brincadeira que voava pela sala, até a intervenção do professor que me devolveu, advertindo a turma que se tratava de um objeto religioso, portanto sagrado e suspendeu a diversão de todos. Isso me fez colocar meu kipá na gaveta de roupas e apenas continuar a usá-lo nas minhas idas à sinagoga, quando visitava minha família em Porto Alegre

ou Erechim. Outro momento marcante da infância, foi quando uma pessoa de minha família católica me repreendeu por eu me considerar judeu em uma fala que fiz em determinado contexto que não me recordo exatamente. Essa pessoa alegou teorias conspiratórias cristãs contrárias a essa etnorreligiosidade que àquela época já me constituía, mesmo que ofuscada. Momentos como esses, além de outros, me fizeram acessar cada vez menos minha identidade judaica e me tornar, por um bom tempo, um ateu curioso das religiões em geral com certas tendências cripto-judaicas.

Minha reaproximação com o judaísmo de forma mais significativa, como dito anteriormente, se deu sobretudo, depois de morar em Florianópolis e estudar durante a graduação em museologia sobre autores judeus e fatos históricos que contemplavam os judeus, sobretudo enquanto vítimas. Me aproximei de minha prima Paula Blacher que morava em Florianópolis, que algumas vezes durante a adolescência me convidou para frequentar atividades da juventude judaica catarinense Hashomer Hatzair, mas acabava sempre me esquivando. A professora substituta que ministrou a disciplina de História da América Independente, Mônica Sol Glik, judia e argentina, também se tornou uma referência importante nesse percurso, principalmente quando nos apresentou o caso do covarde assassinato do jornalista judeu Vladmir Erzog, durante a ditadura militar brasileira.

Alguns casos de racismo/antissemitismo na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC levaram a me interessar pelo estudo dessas formas de opressão baseadas em uma ideia de raça e racialização. Dois casos foram emblemáticos nesse sentido: quando em 2014 foi feita uma pixação no Centro de Comunicação e Expressão - CCE da UFSC, que atacava um colega judeu gay que andava de kipá pela universidade e, em 2015, quando das pixações de suásticas nazistas na Sala Quilombo, local de reuniões do Movimento Negro da UFSC. Esses foram fatores que apesar de negativos, me levaram a estudar mais sobre antissemitismo, nazismo, luta antirracista e o judaísmo. Outros fatos que foram muito importante nessa trajetória foram as perseguições sofridas por parte de um dos poucos professores negros da UFSC o qual foi perseguido por um estudante neonazista em um nível judicial, acusado de racismo reverso, e quando o mesmo me relatou ter sido seguido por um skinhead no campus certa vez.

Comecei minha jornada de entendimento sobre judaísmo a partir da Ética, de Baruch de Spinoza que já estudava desde o ensino médio sem grande profundidade, a qual me foi apresentada, primeiramente, pelo pai de um amigo e posteriormente retomada por um

professor de literatura em Campo Grande. Na universidade, pude saber mais sobre este autor, a partir de outros autores intérpretes da obra, na disciplina de Sociedade e Loucura, ministrada pelo professor Marquito e pela disciplina de Epistemologia das Ciências Humanas. Além de Spinoza, Walter Benjamin me foi apresentado pelo professor Valdemar de Assis Lima, que o citava recorrentemente em suas aulas. Quando da disciplina de Introdução à Filosofia, fiquei responsável pelo seminário a respeito das teses de Benjamin “Sobre o conceito de História”, sendo introduzido ao marxismo pelo filósofo judeu.

Do ateísmo, passei a considerar os sentidos em relação a um panteísmo materialista e buscar mais sobre minha ancestralidade judaica e iniciar um letramento racial mais amplo e aprofundado. A ideia de diáspora, a teologia espinosista, uma nova ideia sobre Deus/natureza, como algo mais imanente do que transcendente passou a me despertar curiosidades que nunca mais cessaram, me gerando uma (re)ontologização outra. Por volta de 2019, ao final de minha graduação, minha prima Paula voltou a tentar me convencer sobre me reaproximar do judaísmo e me persuadiu a fazer o Taglit⁶, o qual acabei participando em Janeiro de 2020. Aquele foi um divisor de águas que me levou a morar em Israel em maio de 2021, onde fiquei por 5 meses fazendo um programa educativo: Masa⁷, e mais 3 meses com visto de trabalho, após o programa.

De Tel Aviv fiz meu processo seletivo para o mestrado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação PPGE/UFSC e, após ser aprovado, devido à pandemia de Covid-19, iniciei as aulas de maneira remota, posteriormente retornando ao Brasil em novembro de 2021 para atividades presenciais.

1.2 Vida Acadêmica

Durante minha graduação permaneci morando na casa de minha família que me concedeu as condições materiais para também ter uma dedicação plena aos estudos, bolsas, movimento estudantil e estágios. Minha trajetória acadêmica iniciou-se em 2013, migrando do

⁶ “O Taglit-Birthrith Israel é um presente, é o direito de nascença de todo judeu! O programa é uma jornada educacional e cultura de 10 dias em Israel, cujo objetivo principal é fortalecer a identidade judaica de jovens entre 18 e 32 anos.” (Disponível em <https://fundocomunitario.org.br/projeto-taglit/>)<Acesso em 17/11/2022>

⁷ “‘Masa’ (jornada em hebraico) é um projeto que garante que milhares de jovens judeus, dos 18 aos 30 anos, desfrutem de uma experiência de longo prazo em Israel” (Disponível em <https://fundocomunitario.org.br/projeto-masa/>)<Acesso em 17/11/2022>

curso de graduação em gastronomia no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) para o curso de graduação em museologia da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC. Ao adentrar a UFSC, pude notar uma diferença bastante significativa entre essas duas instituições. A primeira instituição era mais voltada à perspectiva técnica e de atenção às demandas de mercado, enquanto que a segunda mostrava uma preocupação mais crítica com as demandas sociais em geral.

Minha percepção sobre museus, museologia e patrimônio cultural passou a ser desromantizada com as disciplinas introdutórias do curso de museologia e com o diálogo com o movimento estudantil. No segundo semestre iniciei um estágio voluntário no Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia - LEIA. Sob a orientação do professor Lucas Bueno, participei de dois projetos nesse laboratório. O primeiro era uma ação de extensão no Museu de Arqueologia e Etnologia (MARquE/UFSC), catalogando os acervos arqueológicos de diferentes sítios de Santa Catarina e de outros estados do Brasil. Com a necessidade da reforma da reserva técnica do museu, fui realocado para o projeto Floripa Arqueológica que, a partir de diretrizes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), tinha como objetivo mapear os sítios arqueológicos da ilha de Florianópolis.

Conforme fui desenvolvendo meu olhar e compreensão sobre os processos museológicos e sobre a cultura de forma geral, passei a me interessar por outras áreas da museologia, tais como a comunicação, a educação museológica e a educação não formal. Nesse percurso, também comecei a estreitar minha relação com o ativismo político estudantil, participando de reuniões e eventos. Em 2014 me desvinculei do LEIA e passei a estagiar no Museu da Escola Catarinense MESC, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Neste museu pude ter mais contato com os públicos, atuando em outras áreas da museologia, tais como a gestão e a comunicação. No mesmo ano, me inscrevi em uma chapa para as eleições do Centro Acadêmico de Museologia CAMUS e fomos eleitos. A complementariedade da teoria acadêmica com a práxis pedagógica em um museu, somada à luta política estudantil junto com os professores e em defesa da autonomia e fortalecimento do curso se complementaram e ampliaram as percepções relativas às funções sociais: da universidade pública, dos museus e da classe estudantil.

Nesse período, minha companheira à época foi contemplada com uma bolsa de estudos na Austrália, pelo programa Ciências Sem Fronteira, no governo da presidente Dilma Rousseff. Acompanhei-a nesta jornada e pude ter acesso à uma ampliação significativa das

noções de patrimônio, morando em St Kilda, um bairro judeu na cosmopolita Melbourne e viajando pelo país dos povos originários Aborígenes, seus sítios sagrados e museus, além países asiáticos próximos. Ao visitar a Indonésia e Camboja, pude ter mais certeza de que a área da museologia era mesmo a que eu deveria seguir estudando. Dentre os lugares mais importantes para este alargamento do conceito de patrimônio cultural e museologia, destaco dois lugares: O Museu do Genocídio Tuol Sleng em Phnom Penh, capital do Camboja, onde visitei pela primeira vez um campo de concentração e extermínio e o sítio religioso budista de Angkor a cerca de 5km da cidade de Siem Reap também no mesmo país,

uno de los sitios arqueológicos más importantes del Asia Sudoriental. Se extiende por unos 400 km², cubiertos en gran parte por la selva, y encierra los admirables vestigios de las distintas capitales del Imperio Jémer, que estuvo en su apogeo entre los siglos IX y XIV. Entre esos vestigios destacan el célebre templo de Angkor Vat y el del Bayon, situado en Angkor Thom, que está ornamentado con innumerables esculturas. La UNESCO ha puesto en marcha un vasto programa de salvaguardia de este sitio simbólico y de su entorno.⁸

Após o trancamento do curso para esse momento fora, volto ao Brasil em 2016 e sou selecionado como monitor para a implementação do Laboratório de Ensino de Comunicação Museológica e Práticas Expográficas, sob a supervisão da professora Thainá Castro. Desse trabalho como bolsista resultou minha primeira apresentação acadêmica em um evento. O pôster construído por mim e demais colegas de outros laboratórios de ensino abordou a gestão de acervos deste laboratório em uma perspectiva didático-pedagógica a qual agenciamos enquanto monitores. Também em 2016 voltei a integrar o Centro Acadêmico como secretário em uma segunda gestão e logo nos somamos às manifestações contra a Proposta de Emenda à Constituição número 55 - PEC 55 que ocorreu no mesmo ano, durante o governo ilegítimo de Michel Temer. Na ocupação do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH/UFSC), pude participar de debates sobre o destino do país nos campos da saúde e educação. Entendi, a partir disso, a importância do entrelaçamento dessas duas áreas nas análises que viria a desenvolver posteriormente em meu trabalho de conclusão de curso (TCC).

No ano de 2017 fui reconhecido como um integrante da Capoeira Angola pelos Mestres Nô⁹ e Khorvão, dirigentes do Grupo de Capoeira Angola Palmares. Esse contato com a cultura afro-brasileira e sua dimensão intrínseca do ativismo político antirracista me levou a

⁸ Cf. (UNESCO) Em: <https://whc.unesco.org/en/list/668/>

⁹ Com a relatoria do professor Elison Antonio Paim, o Centro de Ciências da Educação CED/UFSC a Universidade Federal de Santa Catarina concedeu a Mestre Nô o título de Notório Saber em 2016.

estreitar laços pessoais com colegas negras e negros, integrantes de movimentos negros na UFSC e participar de debates sobre branquitude, antirracismo e consciência negra. Essas afetações e as experiências pedagógicas de interculturalidade crítica¹⁰ também foram fundamentais para a compreensão da importância política e étnica de auto afirmação da minha identidade judaica - até então pouco acessada - e a importância de me reontologizar nesse sentido. Posteriormente, a perspectiva política desse processo teve maior peso com a leitura do capítulo 6 do livro "Pele negra, máscaras brancas" de Frantz Fanon no qual o autor traça paralelos entre o racismo contra pessoas negras e o antissemitismo. Esse entendimento foi crucial para o desenvolvimento do presente projeto de pesquisa com o qual busquei minha inserção no Programa de Pós Graduação em Educação - PPGE/UFSC.

Ainda em 2017 passei a estagiar no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) do Centro de Ciências da Educação (CED/UFSC). Dentre tantas ações que participei no NDI, destaco as de letramento; acompanhamento de crianças com deficiência intelectual e auxílio de sala em ações de arte-educação e educação ambiental como as principais. Essa instituição de educação pré-escolar proporcionou uma potente ampliação do conceito de Educação para além das problematizadas sob a lógica dos processos museais e museológicos estudados. No mesmo ano, fui indicado pelo Centro Acadêmico de Museologia (CAMUS) como representante discente no Colegiado do Curso de Museologia, que me proporcionou um entendimento maior do processo educativo na universidade, agora no âmbito de demandas minhas e de meus colegas de graduação.

No segundo semestre de 2017 dei início ao meu estágio curricular obrigatório, sob a orientação do professor Valdemar Lima. Escolhi o Centro de Documentação e Pesquisa do Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina (CEDOPE/IPq-SC) para realizar essa disciplina. Para além das ações técnicas de gestão de acervos desenvolvidas no CEDOPE a partir da museologia, essa vivência em um hospital psiquiátrico me levou a desenvolver um projeto de pesquisa de TCC que abarcasse a experiência de estágio. A pesquisa desenvolvida se ateve tanto a debates técnicos, teóricos e éticos específicos da museologia, como também interdisciplinares com outras áreas - sobretudo antropologia, psicologia, história, enfermagem e medicina. A convivência com crianças com deficiência intelectual no NDI, juntamente com essas outras reflexões me levaram a pensar, a partir da pesquisa para o TCC, na relação entre

10 Cf.(WALSH, 2020)

museologia e saúde mental pelo viés antimanicomial. As ideias da psiquiatra Nise da Silveira¹¹, os conceitos de "educação museal", "saúde cultural" (COSTA, 2012, p. 29 apud LIMA, 2017) e "uso social da memória" (LIMA, 2017) serviram como pontes para transversalizar este debate. Dentre as demandas principais desse entrelaçamento de ideias e debates, o tema da desestigmatização de pessoas com transtornos mentais e uma reeducação sócio-cultural para tal questão se tornou central nesse sentido.

Em 2018 minha turma da disciplina Prática de Exposição desenvolveu o projeto de exposição curricular obrigatória intitulado "Mamilo Manifesto", o qual participei como integrante do grupo de trabalho de assuntos educativos. Orientados pela professora Thainá Castro, nessa exposição tratamos de temas ligados a gênero, sexualidade, feminismo, amamentação, representação artística, assédio, saúde e doenças ligadas aos mamilos, uma parte do corpo humano ainda vista como tabu - sobretudo na corporeidade feminina. No mesmo ano, sou indicado pelo Centro Acadêmico para representação discente no Conselho de Unidade do CFH, onde pude debater com demais colegas e professores, assuntos de interesse da comunidade acadêmica e da universidade como um todo. Mais uma vez, uma oportunidade de educação sensível do olhar¹² para questões da educação pública em nível superior, tratando sobre os mais variados temas.

Dentre tantas experiências importantes para minha formação acadêmica e para a vida, também destaco minha experiência como monitor em congressos internacionais como IUAES (2018); como participante em três projetos de instalações artísticas sob a coordenação da professora Thainá Castro (IUAES); como monitor no 13º Mundo de Mulheres e Fazendo Gênero 11 (2017); ministrante de ações educativas para o IX Encontro Estadual dos Sem Terrinha, ligado ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) (2015); fui à visitas técnicas decoloniais em museus e comunidades indígenas e quilombolas em SC coordenadas pela então professora do curso de serviço social, Samira Bastos e pelo então professor do curso de museologia Valdemar Lima e palestra que proferi sobre antirracismo, nazismo e branquitude na Semana da Consciência Negra da Escola Básica Irmã Teresa - Palhoça - SC

11 Juntamente com a assistente social, enfermeira e arte terapeuta Ivone Lara, Nise da Silveira fundou o Museu de Imagens do Inconsciente no Rio de Janeiro, o qual se tornou um centro de estudos em esquizofrenia de referência mundial baseado no estudo de produções artísticas de pessoas internadas. Cf. SILVA, José Otávio Motta Pompeu e (Org.). Nise da Silveira. 2013; SILVEIRA, Nise da. Cartas a Spinoza, 1995; SILVEIRA, Nise da. Imagens do Inconsciente. 2015.

12CF. LIMA (2017, p. 35)

(2019), a convite do sociólogo e ativista da luta antirracista Lucas Ferreira¹³; atuei na organização de aulas inaugurais; participei na reunião setorial em SC para a construção da Política Nacional de Educação Museal (PNEM) promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e organizada pela Rede de Educadores de Museus de Santa Catarina (REM-SC), dentre outras ações. Depois de formado, atuei como parecerista de projetos culturais na Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer de Jaraguá do Sul - SC, nas áreas de Artesanato, Manifestações Culturais e Patrimônio Cultural Material e Imaterial. Também fui parecerista em 2021, na Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal, nas áreas de Patrimônio Histórico e Artístico Material e Imaterial.

O projeto apresentado para este edital de seleção para o mestrado do PPGE/UFSC se insere como uma tentativa de promover a saúde cultural tal como proposto por Costa (2012, p. 29 apud LIMA, 2017), especialmente no recorte da região Sul do país. Entendo, nesse sentido, como fundamental a necessidade de colocar o debate sobre o processo de decolonização do judaísmo em Santa Catarina e no Brasil. Ademais, o combate à ideologia nazista presente em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul é urgente e deve ser agenciado a partir de diferentes frentes. A museologia, ciência social aplicada, essencialmente interdisciplinar (GUARNIERI, 2010), tem a responsabilidade de atuar na construção dessa frente contra-hegemônica, antirracista, anti-capitalista dialogando interdisciplinarmente, a partir de uma proposta de interculturalidade crítica (WALSH, 2010) e Pedagogia decolonial. Defendo que a transformação social, força motriz do sentipensamento¹⁴ museológico decolonial demanda processos educacionais decoloniais de uso social da memória e, nesse sentido, entendo que PPGE oportuniza o seu desenvolvimento de forma holística.

Durante as disciplinas de mestrado e as reuniões do grupo de pesquisa coordenadas pelo professor Elison Paim, pude ter uma compreensão mais ampla da dimensão processual da educação e sua relação com distintos grupos étnicos e sociais, bem como suas demandas. A importância dos movimentos sociais no processo de desenvolvimento da decolonialidade e da pedagogia decolonial foram cruciais para que eu entendesse que os diferentes processos educativos judaicos são organizações históricas de disputa e de profunda complexidade política. Essas e outras perspectivas aperfeiçoaram meu projeto de pesquisa, de modo a modificar determinadas análises e objetivos previstos no projeto original.

13 Cf. FERREIRA, 2022.

14 Cf. FALS-BORDA, 2008.

2. INTRODUÇÃO

Com o fim da Segunda Guerra mundial, após a derrota do Eixo, diferentes fluxos migratórios foram verificados no mundo. Na América do Sul, isso resultou na vinda de uma nova leva de imigrantes alemães para países como Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai. Muitos desses imigrantes fugiam da miséria ocasionada pela guerra, no entanto havia também uma determinada parcela desse complexo trânsito composta por oficiais de alto comando, técnicos militares, e soldados nazistas (MEINERZ, 2014, p.42). Parte desses responsáveis diretos por ações das forças armadas alemãs e de associações simpatizantes ao nazismo, com documentos falsos, passaram a ocultar seus nomes a fim de transitarem despercebidos entre o restante da população.

No entanto, é sabido que a presença do nazismo no Brasil não se deve apenas ao fim da Segunda Guerra. Entre os anos de 1928 e 1938, no país havia a maior associação nazista fora da Alemanha, ligada à Organização do Partido Nazista no Exterior. Com 2900 membros, esse partido se espalhou por 17 estados da federação brasileira. Esse recorte temporal é problematizado em detalhes pela historiografia e nos ajuda a entender os problemas contemporâneos ligados a esse período denominado pela historiadora Ana Maria Dietrich como “tropicalização do nazismo”. Segundo a Dietrich (2007, p. 170), em julho de 1928, na cidade de Benedito Timbó (SC), foi fundada a primeira célula do partido nazista fora da Alemanha, antes mesmo da chegada de Hitler ao poder, reconhecida por Munique.

Atualmente, Santa Catarina tem sido cenário de expressões neonazifascistas que secundarizam a garantia do Estado Democrático de Direito. Notícias e determinadas ocorrências institucionais ilustram como essa ideologia totalitária tem se materializado nas dinâmicas sociais. Dessa forma, constata-se que o mesmo país que, em apoio aos países Aliados participou na Segunda Guerra com a Força Expedicionária Brasileira (FEB) na vitória contra as nações que integravam o Eixo, ainda hoje abriga grupos simpatizantes ou expressamente declarados neonazistas¹⁵. A existência de associações que rememoram e ressignificam essa ideologia já se tornou uma ameaça direta aos diferentes grupos sociais. Como sabemos, além de judeus; o nazismo alemão foi responsável pela perseguição e assassinato em massa de comunistas, sindicalistas, sociais democratas, pessoas com

15 Cf. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/04/rs-e-o-segundo-estado-que-mais-baixa-conteudos-neonazistas-na-internet-cjmgjlsb01tf01oen2pnrk7c.html>

deficiência, homossexuais, afrodescendentes, ciganos, testemunhas de Jeová, imigrantes, povos originários dentre outros segmentos sociais. Segmentos esses que também vivem nesse estado e que podem ser alvo de grupos de pensamento supremacista a qualquer momento.

Desse modo, não apenas em Santa Catarina; mas em todo o Brasil, encontram-se grupos étnicos e identitários que no contexto da Segunda Guerra foram vítimas diretas do nazismo. Diante disso, a existência de associações neonazistas representa uma ameaça às pessoas não-brancas; LGBTQIAP+; pessoas com deficiência e imigrantes. Localizar tais corporações pró autoritárias, suas linhas de ação e vítimas em potencial tem resultado em diferentes temas de investigação – conforme se observa, dentre outras, nas pesquisas da antropóloga Adriana Dias¹⁶.

A partir de levantamento bibliográfico, foi possível localizar e relacionar o problema da presença do neonazismo¹⁷ com uma gama de trabalhos acadêmicos brasileiros no campo da educação. Destaco na minha busca as produções que abordam o tema da educação e as relações étnico-raciais; multiculturais; étnico- culturais; interculturalidade crítica, dentre outras conceituações. Nesse mapeamento, verificam-se também livros, teses e dissertações que refletem sobre a ideologia nazista em si e as implicações do Holocausto no campo da educação¹⁸. Problematização essa iniciada por Theodor Adorno na obra “Educação e Emancipação” e utilizada como referência para muitos dos trabalhos encontrados.¹⁹

Os debates que participei durante minha formação em museologia, somada a essa historiografia, além de conceitos presentes nas bibliografias analisadas me levou a acessar novamente a temática da memória e sua relação com os patrimônios culturais e a educação. Assim, procuro entender como o processo educativo de educação não formal para o patrimônio judaico Marcha da Vida Universitários (MVU) trata dessas questões com ênfase nos processos de formação de parte de seus educadores. Nessa análise, também pretendo problematizar sobre a relação por vezes inevitável entre identidade judaica e o antissemitismo, não apenas operacionado pelo nazismo ou neonazismo.

Para isso, destaco essas referidas questões também levando em conta os diferentes

¹⁶Dentre os trabalhos encontrados sobre a temática do neonazismo na contemporaneidade, destaco o TCC, dissertação e tese da pesquisadora Adriana Dias (2005, 2007 e 2010), doutora em Antropologia Social pela UNICAMP e militante pelos direitos das pessoas com deficiência.

¹⁷ Cf. Cida Bento, "**Pacto da Branquitude**" sobre branquitude, masculinidade e nacionalismo, quando aborda sobre os movimentos neonazistas e a extrema direita (p.61)

¹⁸ BEIERSDORF, Danielle. O Museu do Holocausto de Curitiba: globalização da memória e ensino de história. 201; Luz Sobre O Caos. Educação e Memória do Holocausto; REISS (2019).

¹⁹Cf. “Baumann e Adorno: sobre a posição do holocausto em duas leituras da modernidade” ALMEIDA, 2007.

museus e lugares de memória²⁰ visitados ou que se relacionam a essas viagens nos processos de formação dos educadores e dos públicos pré viagem. Uma das hipóteses é a de que muitos desses educadores já foram públicos antes de passarem por processos de formação, por isso possuem distintas experiências na educação judaica, agenciando diferentes papéis (educandos/educadores). Se demonstram impreteríveis pesquisas com ênfase em torno dessas perspectivas de gestão e extroversão de memórias relacionados a identidade judaica, antissemitismo, crimes nazistas e neonazistas. Essa urgência se dá tanto por conta de novos atentados neonazistas que ocorrem neste século, quanto pela frequente propagação de teses revisionistas e negacionistas sobre o Holocausto. Essas distorções sobre fatos históricos que tentam modificar opiniões e a memória coletiva²¹ é um ponto chave para o desenvolvimento do presente projeto de pesquisa.

Nesse sentido, entendo a Marcha da Vida Universitários enquanto um processo de educação judaica para o patrimônio e seu potencial de transformação social para além da comunidade judaica. Por isso, para além de minha identidade judaica, a proposta de reflexão sobre essa realidade perpassa outras reflexões sobre os problemas apresentados. Assim, cabe nos perguntarmos qual tem sido a função social da Marcha da Vida Universitários, para além da comunidade judaica? Como essas iniciativas de educação judaica para o patrimônio judaico²² podem ou devem se tornar referências para lidar com essa problemática, para além da formação interna de judeus e judias? Como vem sendo feito esse diálogo com outros segmentos sociais, visto que este não é um problema de judeus e outros segmentos racializados ou estigmatizados, mas de toda a sociedade?

Para entender todas essas referidas camadas, são elencados como referenciais de uso social da memória, algumas instituições museais parceiras desses programas educativos e que dialogam com esses problemas apontados. Dentre essas, o Museu do Holocausto de Curitiba, o Yad Vashem, o Museu Judaico de São Paulo, dentre outros. Para isso, utilizo dados primários coletados em visitas técnicas realizadas em ações comunicacionais e educativas promovidas por essas instituições. Além disso, as entrevistas realizadas contam com questões sobre a relação entre essas instituições e os processos de formação desses educadores/as.

A memória do Holocausto vem sendo construída a partir de diferentes narrativas e de

20 Cf. NORA, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>. <acesso em 10 de março de 2020>

21 Cf. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

22 Neste trabalho, para me referir ao conceito de educação judaica para o patrimônio judaico, utilizarei como sinônimo "educação judaica para o patrimônio"

modo a abarcar globalmente variadas instituições e pesquisas em diferentes áreas do conhecimento. Tais iniciativas promovem a interações entre sobreviventes, acervos e contextos a partir de “diferentes gêneros narrativos” compondo uma “hiper-memória do Holocausto” como aponta a socióloga Kátia Lerner (2013, p.306). Esses elementos de memórias traumáticas que interagem nos remetem a pensar na ideia de Waldisa Rússio, teórica da museologia que propôs o conceito de “fato museal”, entendido pela autora como “a relação profunda entre o homem-sujeito conhecedor, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir.” (2010a, p. 123). Muitos desses acervos e bens culturais ligados à memória passaram a ser patrimonializados e musealizados²³ e hoje nos dão a chance de nos aprofundarmos sobre as funções sociais dos museus. No entendimento do teórico da museologia Mário Chagas,

acionados pelos movimentos sociais como mediadores entre tempos distintos, grupos sociais distintos e experiências distintas os museus se apresentam como práticas comprometidas com a vida, com o presente, com o cotidiano, com a transformação social e são eles mesmos entes e antros em movimento (museus biófilos). (2012, p.7)

Pensar os programas de educação para o patrimônio judaico e os usos sociais dos museus supracitados significa, portanto, entender quais são os agentes sociopolíticos, suas motivações e instituições relacionadas que protagonizaram suas criações e vontades de memórias e suas funções sociais mais amplas, para além dos públicos judeus. Esses processos tratam da identidade judaica e também a barbáries ocorridas, nos levando a categorias tais como antissemitismo, racismo, pogroms, nazismo, Holocausto e neonazismo, envolvendo diferentes grupos étnicos e indentitários vitimados nesse período da história. A articulação e desenvolvimento deste tema na contemporaneidade está relacionada às distintas complexidades e demandas locais.

Refletir sobre a promoção da vida nos museus e na gestão de memórias envolve se ater às singularidades identitárias de cada um desses grupos sociais supracitados. Essas categorias elencadas acima, bem como suas demandas podem ser pensadas nesses museus a partir da ideia de “uso social da memória”, proposta pelo museólogo Valdemar de Assis Lima como

o exercício cidadão dos sujeitos históricos de conhecerem a sua memória, acessarem-na e a partir desse contato olharem para si mesmos, analisando a sua

23 DESVALLÉES, 2013, p.56.

realidade e exercitando o criticismo, se percebendo no mundo e construindo os instrumentos necessários para a sua autonomia o seu bem viver em comunidade (LIMA, 2017; p.139)

Nesse sentido, podemos entender o conceito de “educação museal” proposto por Lima (2017) como uma ferramenta necessária para articular “uso social da memória” com vistas à transformação social. Assim,

A educação museal é comprometida com o fornecimento de equipamentos culturais para que as pessoas tenham uma vida mais digna. Ela existe para garantir que adquiram instrumentos sensíveis de enfrentamento da realidade em que vivem. Instrumentos sensíveis, que toquem memórias afetivas e traumáticas, territoriais e que remetam as pessoas a um lugar de fala, à sua infância e tantas outras (memórias) que consubstanciam suas identidades. (2017, p. 34)

Esse conceito nos impele a buscar entender quais são as demandas sociais e educativas contemporâneas a serem contempladas, bem como a compreensão de elementos a serem analisados em diferentes tempos e espaços relacionados às problematizações apresentadas até aqui. Para essa análise, proponho a utilização de duas situações alarmantes²⁴ fotografadas em dezembro de 2019 na França e em março de 2020 em um colégio de Recife - PE. Essas fotografias (Figura 1 e 2) não resumem, mas ilustram casos relacionados a essas referidas demandas em duas perspectivas contemporâneas. A imagem abaixo nos dá a dimensão da atuação contra a memória e as pessoas judias no Estado francês. Ela apresenta o recente caso onde mais de cem lápides de um cemitério judeu na cidade francesa de Westhoffen, localizada a cerca de 40 km da fronteira da Alemanha, foram pichadas com suásticas e símbolos como o número 14, referentes a gramáticas agenciadas por grupos de supremacia branca.

Figura 1: Lápides vandalizadas por neonazistas

²⁴Cf. <https://edition.cnn.com/2019/12/14/europe/france-anti-semitic-attacks-intl/index.html>; <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/03/alunos-de-escola-do-recife-fazem-saudacao-nazista-em-sala-e-postam-imagem-em-rede-social.shtml><acesso: 10 de março de 2020 às 15h>



Fonte: Cable News Network, 2019

Conforme vemos abaixo, a segunda imagem foi postada na rede social Instagram por estudantes de 16 e 17 anos em um colégio particular tradicional de Recife - PE²⁵. Na foto, observamos a instrumentalização ideológica neonazista impactando um cotidiano supostamente distante da hegemonia antissemita europeia ou estadunidense.²⁶

Figura 2: Turma de escola realiza saudação nazista

²⁵Ressalta-se que, emblematicamente, Recife é a cidade onde a primeira sinagoga das Américas (Kahal Zur Israel) foi construída, em 1636, durante a invasão holandesa.

²⁶Vale aqui lembrar as pichações de suásticas e frases homofóbicas feitas também na Sala Quilombo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no ano de 2016. Essa sala é um espaço de convivência e atividades de estudantes negros da universidade. Este caso também foi amplamente noticiado e até hoje nenhuma atitude institucional foi tomada.



Fonte: Folha de São Paulo, 2020

Tanto a primeira quanto a segunda imagem expressam de maneira distinta como a estética e a ética da ideologia nazista marcam um cemitério (entendido aqui como um lugar de memória) e uma escola localizada no Brasil, no presente. O filósofo judeu alemão Walter Benjamin antecipou a possibilidade de acontecimentos como esses. Partindo de sua premissa de que estamos na verdade em um permanente estado de exceção, o autor indica que

articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "como ele de fato foi". Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento de um perigo. Para o materialismo histórico, trata-se de fixar uma imagem do passado da maneira como ela se apresenta inesperadamente ao sujeito histórico, no momento do perigo. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Ele é um e o mesmo para ambos: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso tentar arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. [...] O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é *privilegio exclusivo* do historiador convencido de que **tampouco os mortos estarão em segurança** se o inimigo vencer. E esse mesmo inimigo não tem cessado de vencer. (BENJAMIN, 2012, p. 244, grifo meu)

O pensamento do autor nos provoca e ajuda a analisar esse cenário de resignificação de barbáries e propor discussões que nos levem a saber lidar com tais situações de “perigo”, como essas das imagens acima. O perigo dos neonazismos, o racismo que o estrutura, bem como suas teses negacionistas que tentam revisar a história sobre seus crimes de guerra não

deixarão de ser difundidas e gerar desinformação. É urgente nos aprofundarmos sobre quais e como vem sendo propostas soluções pedagógicas que transformem essa realidade nos processos e ações educativas, lugares de memória e museus selecionados para este estudo. Esse trabalho já vem sendo feito em determinados aspectos, mas não podemos perder de vista que a cooptação de jovens para a ética supremacista branca é um sintoma que se origina a partir de muitas razões estéticas e disputas políticas que não deixaram de cessar com a derrota da Alemanha nazista. A memória de eventos como o Holocausto e outros genocídios deve ser superada enquanto uma cena cristalizada na cronologia histórica e pensada como resultado da lógica defendida pelo projeto de modernidade, obcecado pela ideia de perfectibilidade humana e progresso (BENJAMIN, 2012)

A despeito da derrota nazista ao final da Segunda Guerra, toda essa questão aqui proposta está ligada também a ações necrófilas bem-sucedidas à época da ascensão nazista. Como visto, essas vitórias nazifascistas, indispensáveis na lógica da “engenharia social” idealizadas pelo Terceiro Reich ainda reverberam. Esse conceito de “engenharia social” é proposto pelo sociólogo judeu Zygmunt Baumann como um projeto de sociedade perfeita e singular, calcado em uma “heterofobia”. O autor ainda problematiza que avançaram muito os estudos sobre nazismo e Holocausto, mas não a capacidade de compreensão de fatores que levam ao nazismo e o Holocausto. Essa reflexão é central neste trabalho para superarmos uma ideia de nazismo apenas pensando sobre um passado cristalizado. A heterofobia reforça um ideal de sociedade onde não há espaço para o diferente, visto como oposto ao ideal humano ariano. Para Baumann (1998), a dimensão estética é crucial para a busca desta perfectibilidade e beleza social que considera os genocídios como o Holocausto retratos do fracasso que é o projeto de civilização moderna (racional; planejada; cientificamente fundamentada; especializada e eficiente em sua execução).²⁷

A dimensão estética supracitada no parágrafo anterior é debatida e aprofundada na obra “Interfaces: educação e temas sensíveis na contemporaneidade”, organizada pelos professores Elison Antonio Paim e Nilton Mullet Pereira (2018). O livro abarca uma gama de autores como Walter Benjamin e Zygmunt Bauman, e articula suas ideias com pensadoras decoloniais, tais como Catherine Walsh. Embasado em perspectivas epistemológicas não eurocentradas e de modo a questionar diferentes temas e problemas frutos da modernidade, o

²⁷ Nesse sentido, as leituras realizadas em disciplinas do mestrado acerca da decolonialidade ajudam a entender nitidamente o nazifascismo como uma ideologia colonizadora das diferentes camadas que compõem os sujeitos e o campo social.

livro apresenta diferentes temáticas sensíveis que são debatidas a partir de pesquisadores formados em diferentes áreas do saber. Os capítulos presentes se relacionam aos eixos temáticos²⁸ propostos na disciplina “Os Temas Sensíveis no Campo da Educação: Questões de Ética e Estética” ministrada pelos autores no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UFSC).

Para a elaboração da presente pesquisa me ancoro em conceitos dos autores e autoras elencados até então, especialmente os que embasam os debates e propostas no livro organizado por Paim e Pereira (2018). Para o campo da Educação, diálogo com conceitos tais como o de Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial, propostos por Catherine Walsh. A autora parte das ideias de Frantz Fanon e Paulo Freire para aprofundar-se nos problemas que as colonizações geraram, especialmente em relação às demandas de povos originários.

As perspectivas de Frantz Fanon também são centrais para entendimento do racismo em suas diferentes formas, tais como o antissemitismo e a negrofobia, termos estes utilizados pelo autor. O antissemitismo conceituado em *Pele Negra Máscaras Brancas* é base para boa parte das problematizações que são desenvolvidas sobre essa questão e sua relação com a (des)construção da identidade judaica. Sabemos, para além do exemplo que trouxe acima no memorial, que o racismo dissolve o acesso de identidades e contraditoriamente, por vezes, gera acesso por meio da indignação.²⁹ Nesta segunda possibilidade de ressignificar a identidade, todavia, muitos aspectos problemáticos se desdobram e podem gerar armadilhas aos sujeitos vitimados por essas opressões e também fortalecer estigmas e estereótipos.

Articular tais ideias ao campo teórico da educação, da museologia e dos estudos sobre

28“Dimensões ética e estética da educação; os temas sensíveis e traumáticos, suas relações com a História e outras áreas do conhecimento; as relações do ensino dos temas sensíveis na escola e a criação da competência crítica da realidade contemporânea; a construção histórica de uma ‘cultura do preconceito e da discriminação’; o papel da verdade histórica na sala de aula como estratégia para conhecer o presente e nele atuar, a fim de desconstruir relações de preconceito; e formas de abordagens metodológicas dos passados traumáticos e dos temas sensíveis na escola básica” (PAIM e PEREIRA 2018 p. 11-2)

29 Aqui me inspiro em ideias como assombro, anúncio, denúncia, profecia, dentre outros apresentados por Paulo Freire em “Pedagogia da Indignação”; além de Stuart Hall e suas problematizações acerca da pergunta “quem precisa da identidade?”; Lia Schucman em “Produção de sentidos e a construção da identidade judaica em Florianópolis”, onde muitas perspectivas e referências, até mesmo metodológicas, são elencadas em diálogo sobre a identidade judaica em Florianópolis e no Brasil tais como educação formal, metodologias de entrevista, para localizar essa questão em um recorte local, de modo a entender dessa maneira como determinadas pessoas acessam sua identidade em momentos em que não há mais saída senão reconhecer-se como determinada categoria racializada que lhe foi atribuída em um sentido, muitas vezes, pejorativo, no caso o antissemitismo. Diante disso, como contraponto, para me atentar ao que pode estruturar as origens dessas novas formas de antissemitismo no Brasil, e os perigos de se acessar a identidade a partir de experiências de antissemitismo, me atenho à leitura em andamento do no livro “ O Não Judeu Judeu: A Tentativa de Colonização do Judaísmo Pelo Bolsonarismo”, de Michel Gherman, que denuncia como o aparente filosemitismo pode cooptar pessoas com discursos que em sua essência não fortalecem, mas colonizam o judaísmo de maneira, portanto, antissemita.

museus é um caminho possível para problematizar muitas violações que a lógica colonial e o projeto de modernidade impuseram a esses e outros povos em diferentes momentos da história.³⁰ Por isso, pensar nessas perspectivas decoloniais de educação não formal e museologia é uma estratégia crucial para me aprofundar nos processos educativos e museais escolhidos como recorte da presente pesquisa. Para isso, o debate de conceitos como “Fato Museológico”³¹; “museus biófilos”³²; “uso social da memória”³³ e “Educação Museal”³⁴ é fundamental para pensar uma musealidade decolonial e uma educação para patrimônio³⁵ que, efetivamente, dê conta de reduzir problemas contemporâneos³⁶ e objetivos aqui levantados.

Nesse sentido, a presente dissertação tem como objetivo geral, em diálogo com as experiências de 2 educadores/as da Marcha da Vida Universitários, analisar criticamente seus processos de formação e atuação prática nesse e outros programas educativo-culturais. Como objetivos específicos, buscamos:

- a) Registrar experiências de educadores/as como coordenadores/as na Marcha da Vida Universitários e outros processos de educação judaica, encontrando nesses discursos similaridades, tensões e conflitos.
- b) Compreender como esses educadores estão subordinados aos projetos político-pedagógicos do referido programa, bem como conhecer materiais didáticos de base.
- c) Relacionar os campos de formação acadêmica dos entrevistados e pontes de diálogo com os temas da identidade judaica e antissemitismos

Do ponto de vista metodológico, as entrevistas com educadores/as da Marcha da Vida Universitários, ponto central do trabalho, foram gravadas, transcritas e analisadas a partir dos pressupostos teórico-metodológicos apresentados a seguir. A metodologia para curadoria das fontes narrativas foi embasada pelo filósofo Walter Benjamin (2012) a partir de seus conceitos de mônada, memória, narrativa e experiência vivida. Esse procedimento metodológico vem

³⁰No caso do povo judeu, a perseguição que sofrem ocorre na Europa antes mesmo das navegações, tráfico internacional de pessoas, escravidão e invasão dos territórios de povos originários nas Américas (cf. ARENDT, *Origens do Totalitarismo*).; (DUSSEL;LANDER,2005).

³¹ Cf. SANTOS, 1996; CERÁVOLO, 2004; SOARES, 2009; CURY, 2014 e GUARNIERI, 2010

³² Cf. CHAGAS, 2012

³³ Cf. LIMA, 2017

³⁴ Cf. LIMA, 2017

³⁵Cf. GRINSPUM, 2000

³⁶ Cf. BRENER, GOLDENBAUM, BRAIA (2020) "O antissemitismo durante o governo Bolsonaro" Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1_yMUCGiFrK8SiwkWY6OH-uCVS70MQHMB/view

sendo recorrente e é utilizado como embasamento por outros membros do grupo de pesquisa Patrimônio, Memória e Educação (PAMEDUC) da UFSC. Como referência para este agenciamento metodológico, tenho como base as ideias de meu orientador, Elison Antonio Paim (2005), presentes em sua tese *Memórias e experiências do fazer-se professor*, além de outras pesquisas.

A entrevista com a narradora Karina foi realizada pessoalmente em sua casa em São Paulo e a entrevista com Celso, de última hora, teve de ser realizada de maneira remota, devido a um imprevisto de saúde. Meu contato com ambos se deu graças à experiência da Marcha da Vida, coordenada por eles. A Entrevista foi estruturada anteriormente ao contato, elencando temáticas a serem investigadas que se relacionassem com os objetivos aqui já mencionados.

A presente pesquisa também se utiliza de aspectos de estudo de caso (GOLDENBERG,1997, p. 33) de abordagem qualitativa propondo a investigação de diferentes fontes de coleta de informações e dados, tanto como, participante da Marcha da Vida Universitários, também como visitante e pesquisador da museologia e educação. As experiências de visita que tive corroboram para a minha percepção tanto a noção de tempo histórico, quanto a dinâmica museal cotidiana da instituição, no que se refere às demandas dos públicos. Dessa forma, essa pesquisa parte de distintas perspectivas críticas teórica e metodologicamente referentes à educação para o patrimônio e museologia, em torno da educação museal e comunicação museológica.

A pesquisa tem na revisão bibliográfica seu ponto de partida para contextualizar a história do nazismo no Brasil e traçar paralelos entre essa ideologia e os processos educativos analisados. Esse levantamento visa entender como se deram os agenciamentos tanto de propagação, quanto o de combate ao nazismo e neonazismo no recorte geográfico da região sul brasileira. Após detalhados, tais conceitos serão enfocados a partir do estado da arte da educação, entendendo como esses aspectos vêm sendo tratados em outros trabalhos tais como livros, teses e dissertações. Como base teórica para estudar tais problemas pelo viés da Educação, pretende-se abordar como referência, o conceito de Pedagogia Decolonial apresentada por Walsh bem como autores centrais em sua obra, tais como Frantz Fanon e Paulo Freire. Para tratar mais especificamente do antissemitismo e expressões do racismo

presente em ideologias totalitárias dialogo com Jean-Paul Sartre³⁷; Frantz Fanon³⁸ e Sigmund Freud³⁹.

De modo geral, esta dissertação está estruturada a partir da seguinte organização. Primeiramente, um memorial tratando de minha biografia e origens familiares. Seguido de uma introdução, apresentando uma síntese do problema, bem como sua justificativa, principais referenciais teóricos, objetivos e metodologias. Ademais, segue-se a partir disso, mais três parágrafos, explicitados com mais detalhes a seguir.

No primeiro capítulo desta dissertação, é apresentado o programa MV e MVU, a partir de pesquisas já existentes sobre os mesmos, bem como minhas experiências registradas em imagens, objetos de memória e caderno de campo. Além disso, apresento uma problematização teórica sobre Educação (museal, formal, não formal, informal, patrimonial etc), além de outros conceitos os quais fui apresentado ao longo das disciplinas do mestrado e no grupo PAMEDUC. Conceitos esses que se relacionam a autoras/es decoloniais para trazer contribuições sob esse viés para as ações educativo-culturais estudadas.

No capítulo 2, é desenvolvida uma reflexão acerca da ideia de antissemitismo proposta por Frantz Fanon, bem como outros conceitos destacados da obra *Pele Negra Máscaras Brancas*, relacionando-a com a temática da identidade judaica, diáspora, racismo, dentre outras. Fanon é abordado em diálogo com outros autores/as que desenvolvem reflexões acerca do tema da identidade judaica, tais como Lia Schucman, Sérgio Feldman, Michel Gherman, dentre outros. Articulam-se, desse modo, publicações sobre este tema que discutem como o problema do racismo se ressignifica contra o judaísmo na sociedade brasileira contemporânea.

O terceiro capítulo tem como base duas entrevistas com dois educadores/as da *Marcha da Vida Universitários* em uma perspectiva monadológica. Ademais, pretende-se identificar pesquisas que consubstanciam o corpo de discussões presentes neste trabalho, as quais nos levam a entender que essas formações de educadore/as para o patrimônio judaico na América Latina possui especificidades, limites políticos e potências a serem agenciadas. Essas ações aqui analisadas contribuem para a formação das identidades e, sobretudo, são organizações de resistência da diáspora. Muitos aspectos problematizados nesta dissertação acerca dos judaísmos podem ser potencializados, sobretudo em diálogo com outros segmentos sociais em

37 Cf. SARTRE, 1995. "A questão judaica"

38 Cf. FANON, 2008. "Pele negra, máscaras brancas"

39 Cf. FREUD, 2020. "Psicologia das massas análise do eu"

diásporas, racializados e que sofrem histórica tentativa de subalternização pela colonialidade. As análises, coletas e diagnósticos elaborados aqui servirão como intervenções propositivas e de agência. Ao final da pesquisa vislumbro dialogar com propostas de decolonização da judaicidade enquanto identidade, de modo a contrapor-la aos moldes pró ocidentais, racistas, ultra conservadores e capitalistas que atingem aspectos do judaísmo na contemporaneidade.

3. CAPÍTULO 1 - EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO JUDAICO

Neste capítulo narro minha experiência como participante da Marcha da Vida Universitários, propondo uma discussão sobre o viés educativo-patrimonial dos programas. Parte-se do entendimento do povo judeu como agenciador de uma cultura com práticas e tradições internas heterogêneas e promotoras de programas, projetos, ações educativo-culturais para seus patrimônios. Assim, tenho como referenciais teóricos, as pesquisas do professor Elison Antonio Paim e demais pesquisadoras do PAMEDUC. Esses trabalhos nos provocam a pensar criticamente sobre a ideia de formação de educadores, bem como sua relação com a memória, e propõe um enfoque na dimensão processual da educação relativa aos bens culturais. Nesse sentido, como ponto central, ao invés de naturalizarmos a perspectiva de formação, passamos a nos atentar a de "fazer-se", considerando assim a ideia de processo e não de produto nessa construção da trajetória de educadores, fugindo de uma naturalização da educação ortopédica⁴⁰, automatizante e bancária⁴¹. Essa provocação proposta se relaciona às atuais pesquisas de Paim, sobretudo, acerca das investigações sobre decolonialidade. (PAIM, 2005)

Para tratar da relação entre educadores dos programas estudados, os quais são fomentados e promovidos pelo Fundo Comunitário Judaico⁴² com outras instituições museais e lugares de memória (PAIM e LIMA, 2020)⁴³, parto de uma articulação interdisciplinar entre o museólogo Valdemar de Assis Lima acerca de Educação Museal e sua relação com o "uso social da memória" (2017) em diálogo com autoras que problematizam os conceitos de

40 Cf. LOPES, Maria Isabel. Ortopedizando os Corpos: Paradoxos da Modernidade. **Revista Signos**, v. 32, n. 2, 2012.

41 Cf. FREIRE (1974)

42 O Fundo Comunitário Judaico possui projetos em Israel (Aliá, Aldeias Juvenis, Mechiná, Jovens Futuros, Amigour, Bar e Bat Mitzvá, Wings, Net@ e ADI) e no Brasil (Marcha da Vida, Taglit, Masa, Chidon)

43 Cf. O artigo "Os negros olhares e os olhares negros dos educadores sobre os museus em Florianópolis: identidades, experiências e uso social da memória em espaços museais."

Educação Formal, Educação Informal e Educação Não Formal.⁴⁴

Nesse sentido, dentre as principais pesquisas sobre as Marchas da Vida no Brasil, destaco produções tais como a dissertação "Nunca mais para quem?: os trabalhos de memória em um programa educacional sobre o Holocausto" (2020) da socióloga e mestra em educação Gabriela Faermann Korman e a pesquisa intitulada "Educação em Shoah: sentidos e significados da experiência 'Marcha da vida - Universitários'" (2016), da psicóloga Lara Grinberg Kchashes.

No âmbito da Educação e sua relação de abordagem sobre o patrimônio cultural, me atendo ao debate entre os conceitos de Educação Patrimonial, de Maria de Lourdes Parreira Horta⁴⁵, educadora relacionada ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN e de Educação Para o Patrimônio, da educadora Denise Grinspum (2000), enquanto uma perspectiva outra de relação educação - patrimônio. A primeira ideia está relacionada a uma abordagem mais metodológica procedimental premeditada da relação e apropriação entre as comunidades detentoras de seus patrimônios, enquanto a segunda ideia tem uma base mais autônoma de entendimento da apropriação dos patrimônios em seus contextos comunitários.

Dessa maneira, também compreendo as provocações de Juan Garcia Salazar sobre as ideias de "casa adentro e casa afora" (2011) como pertinentes para pensarmos a identidade enquanto construção de subjetividade e auto conhecimento crítico ancestral e a respectiva difusão desse conhecimento em um sentido extra muros. Essas duas situações de "casa adentro" e "casa afora" dialogam com as propostas da Marcha da Vida Universitários, mas nos cabe a pergunta sobre como se dão as experiências "casa a fora" acerca de temas como por exemplo o anti racismo/ anti antisemitismo e branquitude e sobre qual é a amplitude desses movimentos judaicos de para o restante da sociedade, ou "casa afora".

Nesse sentido, da relação extra comunitária, algumas perguntas emergem. Ensejando a

44 "A educação formal caracteriza-se por ser altamente estruturada. Desenvolve-se no seio de instituições próprias — escolas e universidades — onde o aluno deve seguir um programa pré- determinado, semelhante ao dos outros alunos que frequentam a mesma instituição. A educação não-formal processa-se fora da esfera escolar e é veiculada pelos museus, meios de comunicação e outras instituições que organizam eventos do (sic) diversa ordem, tais como cursos livres, feiras e encontros, com o propósito de ensinar ciência a um público heterogêneo. A aprendizagem não formal desenvolve-se, assim, de acordo com os desejos do indivíduo, num clima especialmente concebido para se tornar agradável. Finalmente, a educação informal ocorre de forma espontânea na vida do dia-a-dia através de conversas e vivências com familiares, amigos, colegas e interlocutores ocasionais." (CHAGAS, 1993, p.2, Apud LIMA, 2017)

45 HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; VARINE, H.; ITAQUI, J. Patrimônio Cultural e Cidadania. In: POSSAMAI, Zita Rosane *et al* (Org.). **Museologia Social**. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal de Cultura, 2000.

ideia de Nilma Lino Gomes sobre "O Movimento Negro Educador", nos questionamos se podemos pensar em movimentos judaicos educadores ou mesmo em uma comunidade judaica educadora. A comunidade judaica está falando apenas para si mesma? Se não está, qual é a ressonância para o restante da sociedade? Como a Marcha da Vida pode também ser entendida como uma expressão da Educação Antirracista para as Relações Étnico Raciais - EARER?⁴⁶. Além dessas, tem-se como referencial para tais questionamentos, as ideias de pedagogia decolonial e interculturalidade crítica propostas por Vera Candau e Catherine Walsh.

A publicação supracitada "Interfaces: educação e temas sensíveis na contemporaneidade" (PAIM; PEREIRA, 2018) e o livro "Em busca de histórias outras: perspectivas decoloniais na América Latina" (2022), organizada por Claudia Miranda, Elison Antonio Paim e Helena Maria Marques Araújo, educadore/as que se debruçam sobre o campo da decolonialidade, educação, ensino de história e currículo é uma das perspectivas nas quais me ancoro como referência para esta parte de minha pesquisa. Entende-se nesse sentido, tanto os agenciamentos das comunidades judaicas de educação para o patrimônio judaico, quanto a educação para o patrimônio judaico, de maneira mais ampla, como perspectivas históricas da educação, construídas pela diáspora no Brasil e também com sua respectiva rede comunitária fora da "América Latina"⁴⁷. Essas perspectivas educativas são compreendidas aqui como construções de resistências outras, contra os colonialismos externos (seja na Europa ou em outros territórios) e colonialismos internos⁴⁸ produzidos contra os judeus no próprio território da Abya Yala⁴⁹.

É importante problematizar a ideia de religiosidade, conceito ocidental que deve ser utilizado com as devidas ressalvas para tratarmos do judaísmo, a qual seria apenas uma das camadas que constituem este grupo etnicorreligioso. Tal problematização da ideia judaísmo como religiosidade me foi apresentada por autores como Santiago Slabodsky e Yonathan Listik. Esses intelectuais judeus, respectivamente argentino e brasileiro, travam um debate acerca da ideia de civilização judaico-cristã enquanto invenção ocidental e deslocam a ancestralidade judaica desta categorização ocidentalizante e que coloniza o judaísmo.⁵⁰

46 Conceito desenvolvido na tese de doutoramento em andamento de Valdemar de Assis Lima, defendida em novembro de 2023.

47 Expressão cunhada por Lélia Gonzalez (1988), Cf. Gonzalez, Lélia. 1988. "A categoria político-cultural de amefricanidade". Tempo Brasileiro (Rio de Janeiro), nº. 92/93 (jan./ jun.): 69–82.

48 (SANTOS, 2004)

49 Termo que se refere à cosmovisão de povos originários para designar o território das atuais Américas, anteriormente às invasões coloniais.

50 São várias as colaborações entre os autores em lives no Youtube tratando desse assunto.

Essa referida resistência protagonizada por povos judeus em processos educativos internos da comunidade se dá em contraposição a dimensões das diferentes colonialidades. O professor Elison Paim tem promovido pesquisas recentes no campo da educação, sobretudo na temática do ensino de história, currículo, memória e patrimônio. Paim (2018) relaciona tais temáticas nos apresentando que estudiosos da decolonialidade⁵¹,

apontam que a colonização aconteceu e continua acontecendo em várias frentes, como a colonialidade do poder, a colonialidade do ser, a colonialidade do saber e a colonialidade da natureza. Para esses autores, tais conceitos são centrais nas construções de análises que buscam compreender a colonialidade como a outra face da modernidade. (p. 12 -13)

Partindo dessas análises, podemos pensar sobre como tais colonialidades afetam o judaísmo. Os desdobramentos dessas formas de colonialismos também têm como resultado epistemicídios e memoricídios os quais são há milênios mitigados pelos agenciamentos educativo-culturais da comunidade judaica e para a própria comunidade. A publicação supracitada ainda nos aponta horizontes de resistências que podem nos fazer questionarmos, por exemplo, a própria função social não apenas da UFSC, mas de universidades em relação às demandas das comunidades judaicas e demais grupos étnicos que vem sofrendo tentativas de subalternização ao longo da história. Sustento estes questionamentos a partir do museólogo Valdemar Lima que nos propõe perguntas como: "Há um projeto político-pedagógico na UFSC que toma a ambiência acadêmica como territórios possibilitadores de interseções entre localismos identitários e epistemologias diferentes?" (LIMA, 2021, p. 04).

Sabemos que a resposta para essa pergunta ainda é não. A cultura do povo judeu, bem como suas demandas, ainda estão invisibilizadas na UFSC e em muitas outras instituições de educação em aspectos culturais, étnicos e epistêmicos. Da mesma forma, muitos outros grupos que sofrem tentativa histórica de subalternização também estão sub representados ou pouco contemplados nessas dimensões socioculturais.

Diante disso, este capítulo também propõe narrar minhas experiências em um programa de educação para o patrimônio cultural judaico, promovido pelo Fundo Comunitário Judaico, em uma perspectiva crítica. Nesse sentido, conto aqui mais uma parte de meu processo de identificação e acesso à minha construção indentitária enquanto judeu. O presente capítulo, além de discorrer sobre a origem, objetivos e experiências da Marcha da

51 Cf. Walsh (2008, 2009, 2013); Maldonado-Torres (2007, 2009); Grosfoguel (2009); Quijano (2009); Silva (2013)

Vida Universitários, articula os conceitos de educação vinculadas ao patrimônio, além de mencionar outras iniciativas educativo-culturais judaicas similares ou dialógicas. Esta pesquisa, a princípio, incluía em seus objetivos a análise dos processos de fazer-se educador/a de outro programa educativo judaico denominado Taglit. Todavia, de acordo com as orientações da banca de qualificação do trabalho me ative apenas ao projeto Marcha da Vida, com recorte na modalidade Marcha da Vida Universitários, destinado a um público entre 18 a 34 anos, diferentemente da Marcha da Vida tradicional, realizado por escolas judaicas com estudantes do ensino médio.

Desse modo, pretende-se, à luz do conceito de fazer-se antirracista⁵², preparar um substrato teórico que embasa parte das entrevistas do capítulo 3, relacionando o campo da memória às experiências desses/as educadores/as. Assim, a MVU e outros programas promovidos nas comunidades judaicas (tais como Taglit, Masá, Shnat, dentre tantos outros) podem ser entendidos como ações culturais e educativas agenciadoras do uso social da memória judaica. Dessa maneira, ainda de acordo com as ideias de Lima, esses programas educativos judaicos têm destaque, sobretudo em aspectos de resistência étnicorreligiosa, ética e cultural pois nos provocam a entender que

nossas memórias devem se insurgir, se levantar em defesa dos nossos direitos à existência, de exercermos a autoria das nossas próprias histórias, de atuarmos em nossas histórias, de construirmos nossas narrativas, fortalecermos nossas identidades, de defendermos nossas subjetividades, enfrentando as tentativas de apagamento e subalternização, reagindo a aquilo que ameaça nosso direito à vida, problematizando o racismo e a forma como historicamente se constituem as relações de poder, propondo possibilidades outras em oposição à institucionalização do racismo, à monocultura do poder, a essa concentração de poder em um único grupo que promove as mortes de pessoas, sobretudo de pessoas pretas. (2022, p.74)

Transcrevi neste capítulo meu caderno de campo com as principais experiências de ensino-aprendizagem enquanto participante da Marcha. A Marcha da Vida será aqui apresentada em possíveis diálogos com autores decoloniais que pude conhecer ao longo das disciplinas realizadas durante o mestrado. Essas ideias dialogam com a relação desses programas estudados e os museus, tema que será tratado nas entrevistas. Por isso, a ênfase nos pressupostos da museologia e da educação museal serão importantes neste processo.⁵³

52 Conceito também trabalhado na tese de doutorado de Valdemar de Assis Lima, qualificada em julho de 2023.

53 Cf. Política Nacional de Educação Museal. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf> <acesso 20/11/22>

Falar em educação museal a serviço da transformação social é falar também da utilização de ferramentas educacionais de enfrentamento das formas de opressão e violências que atingem grupos subalternizados,[...] Apresento uma problematização sobre a importância de os museus desenvolverem uma política de educação atenta, sensível e socialmente responsável em lidar com questões como negritude, branquitude e justiça racial. Essa política educacional será importante para a construção de um programa educacional com competência e sensibilidade política para tratar de temas que constituem pauta urgente no enfrentamento das desigualdades sociais. (LIMA, 2017, p. 29)

Tais ideias buscam dialogar com a perspectiva de Educação Patrimonial Decolonial defendida pelo museólogo Atila Tolentino (2018, p.58) o qual defende que

uma Educação Patrimonial que parta da diferença e da interculturalidade precisa ser aguerridamente defendida. Não é possível mais se admitir que práticas de patrimonialização mantenham e reproduzam a colonialidade do poder e que as práticas educativas reencarnem e sejam reprodutoras da colonialidade do saber e do ser. Nestes tempos em que avançam políticas neoliberais e que ondas conservadoras em todos os ambientes sociais se avolumam, é premente debatermos, pensarmos, agirmos e resistirmos por uma Educação Patrimonial decolonial e pós-abissal, como um projeto político, ético e social.

Este capítulo enfoca, portanto, as ideias supracitadas para o desenvolvimento de um debate sobre a Educação para o Patrimônio Judaico. Somada às experiências que participei em outros programas educativos judaicos; cadernos de campo; visitas técnicas e as posteriores entrevistas, podemos assim esboçar uma perspectiva de educação judaica decolonial. Nesse sentido, vale destacar que a ideia de decolonialidade é entendida aqui como processo de devir e resistência e não um protocolo hermético. Vera Candau e Catherine Walsh são autoras centrais para tratarmos as diferenças culturais como potencialidades para uma interculturalidade crítica que consubstancia uma pedagogia decolonial. Entendemos essas diferenças como legítimas e potencializadoras da cosmogonia judaica, externa e internamente, ou seja, tanto às comunidades judaicas em um aspecto mais religioso (judeus ultra ortodoxos; ortodoxos; conservadores; liberais; humanistas; reformistas, seculares, reconstrutivistas ou mesmo ateus) quanto etnicamente. A diáspora judaica, que data da assim denominada Idade Antiga, levou pessoas judias a se identificarem em categorias étnicas tais como (Ashkenazim, Sefaradim, Beta Israel, Mizrahim, entre dezenas de outras) e que também serão levadas em conta nesse debate que se propõe complexificar as nuances relativas à complexa e heterogênea cultura judaica.

Nesta porção do texto apresento a organização antes e durante a realização da Marcha da Vida Universitários ocorrida em julho de 2022, bem como algumas informações gerais. Cada dia da viagem está descrito com as principais atividades realizadas pelo grupo, os locais

visitados, apresentação de metodologias de ensino, além de outras questões logísticas.

Anteriormente ao embarque ocorreram quatro encontros online onde pudemos conhecer alguns dos participantes, discutir temas basilares sobre os assuntos que teríamos contato e tirar dúvidas diversas relacionadas ao programa, conteúdos, questões sanitárias, logísticas, dentre outras.

Tivemos uma aula com o professor Michel Gherman e algumas atividades isoladas onde a maior parte dos participantes eram de São Paulo e Porto Alegre. Estava prevista também uma aula com o professor Carlos Reis, diretor do Museu do Holocausto de Curitiba, que por conta de um imprevisto teve de ser cancelada. Nosso calendário de encontros virtuais pré Marcha da Vida Universitários se deu da seguinte forma:

- 20/02/2022 (Domingo): das 18h às 20h;
- 23/03/2022 (Quarta-feira): das 20h às 22h;
- 15/05/2022 (Domingo): das 18h às 20h;
- 08/06/2022 (Quarta-feira): das 20h às 22h.

Assim, recebemos posteriormente nosso roteiro de viagem “Marcha da Vida Universitários - Fundo Comunitário - No fundo somos um só - 2022”, transcrito na tabela abaixo (Figura 3):

Figura 3: tabela com cronograma da MVU 2022

DATA	ATIVIDADES
03/07/22	- Embarque para a Polônia, por São Paulo
04/07/22	- Chegada à Cracóvia; - Cerimônia de Abertura; - Tour no bairro judaico.
05/07/22	- Visita ao bairro judaico; - Visita ao gueto de Cracóvia.
06/07/22	- Auschwitz-Birkenau; - Viagem para Kielce.
07/07/22	- Viagem a Lublin; - O gueto de Lublin;

	<ul style="list-style-type: none"> - Visita a Majdanek; - Viagem à Varsóvia.
08/07/22	<ul style="list-style-type: none"> - Viagem para Tykocin; - Visita ao shtetl; - Visita à floresta de Lupochova; - Visita ao campo de Treblinka; - Viagem à Varsóvia; - Kabalat Shabat.
09/07/22	<ul style="list-style-type: none"> - Gueto de Varsóvia; - Ruínas do Gueto, Muralha; - Museu Polin; - Umschalplatz; - Rota do Heroísmo.
10/07/22	<ul style="list-style-type: none"> - Visita ao cemitério judaico de Varsóvia; - Viagem de trem para Berlim.
11/07/22	<ul style="list-style-type: none"> - City Tour; Memorial do Holocausto; - Portão de Brandemburgo; - Museu Judaico
12/07/22	<ul style="list-style-type: none"> - Museu Topografia do Terror; - Checkpoint Charlie - Finalização - Tempo Livre - Embarque para Israel (chegada de madrugada e viagem para Jerusalém)
13/07/22	<ul style="list-style-type: none"> - Yad Vashem; - Shvil Hamechaber; - Abertura no Mount Herzl; - Passeio Ben Yehuda
14/07/22	<ul style="list-style-type: none"> - Visita ao Ner Yaakov - Monte das Oliveiras - Visita à cidade velha de Jerusalém
15/07/22	<ul style="list-style-type: none"> - Visita à uma sinagoga reformista em Shoham - Viagem à Tel Aviv - Visita ao Museu ANU (Beit Hatefutzot) - Almoço no Shuk Carmel - Shabat no Namal
16/07/22	<ul style="list-style-type: none"> - Dia Livre

17/07/22	<ul style="list-style-type: none"> - Viagem ao Sul - Projeto Ale Neguev de reabilitação para necessidades especiais - Almoço em Nashim Mevashlot - Visita fronteira com Gaza e Sdot Neguev - Netiv Hashalom - Jantar com imigrantes ucranianos
18/07/22	<ul style="list-style-type: none"> - Encontro com o jornalista Ohad Chemo (canal 12) - Visita a Myheritage - Projeto Amigur de idosos sobreviventes - Festa de Encerramento
19/07/22	<ul style="list-style-type: none"> - Embarque de volta para o Brasil

Fonte: Fundo Comunitário Judaico, 2022

3.1 Dia 01 - 04/07/2022

O grupo saiu de São Paulo no dia 03 de julho de 2022 e chegou à Cracóvia, cidade da Polônia, no dia 04 de julho de 2022. Logo fomos apresentados ao professor e historiador argentino-israelense Moshé que nos muniu com informações do desenvolvimento sócio-histórico e político local, durante o trajeto até o hotel no qual ficamos.

O referido país foi dominado e dividido em diferentes ocasiões. A mais recente foi a divisão entre Alemanha e União Soviética-URSS, quando da Segunda Guerra Mundial e anteriormente, dominada pelo império austro-húngaro. Durante 5 séculos, Cracóvia foi a capital da Polônia e possui uma complexa história urbana. Data da idade média a chegada dos judeus ao país, os quais foram alocados em bairros específicos da região (Figura 4).

Figura 4: bairro judaico de Cracóvia



Fonte: autor, 2022

Em momentos de trânsito entre os lugares de memória, muitas informações eram apresentadas a partir de diferentes momentos históricos sem que fosse seguida necessariamente uma cronologia linear dos acontecimentos.

A abertura da Marcha da Vida ocorreu na sinagoga mais antiga da Polônia, coordenada por Celso Zilbovicius, odontologista e professor da Universidade de São Paulo, no departamento de Saúde Pública; Karina Iguelka, psicóloga e Solange Bauso, coordenadora e representante do Fundo Comunitário Judaico Keren Hayesod de São Paulo. Conceitos como a

dimensão processual da educação, experiências, memórias, identidade, encontros, locais de sociabilidade, linha pedagógica, foram colocados nas falas das coordenadoras, além da roda de apresentação dos 40 marchantes⁵⁴.

Muitas informações sobre os locais por onde passávamos surgiam o tempo todo e em algumas vezes de forma mais superficialmente e posteriormente retomadas de maneira mais aprofundada. Em momentos de trânsito algumas informações e pontos de vistas surgiam de nosso guia/educador/historiador Moshé, tais como a Polônia ser apontada como o país mais judaico até a Segunda Guerra e que Auschwitz não deveria ser entendida mais como um campo de concentração mas como um museu.

Uma das primeiras atividades que realizamos foi uma visita ao Centro Cultural Judaico de Cracóvia (Figura 5). De acordo com as mediadoras que nos atenderam no auditório, a cidade com antes do nazismo possuía um número de 70.000 judeus, para apenas 1.000 hoje em dia. Alguns conceitos interessantes surgiam e se misturavam nas explicações como memórias familiares judaicas; segregação; sobreviventes do Holocausto; situação do povo cigano e o atual problema dos refugiados ucranianos que ultrapassava à época os 170.000 em Cracóvia. Ao passarmos próximos a um cemitério judeu durante um de nossos deslocamentos, outra informação que me chamou a atenção foi que, na atualidade, não judeus se voluntariam para realizar a manutenção de cemitérios judeus da região.

54 Marchantes é a terminologia utilizada para se referir aos participantes da Marcha da Vida.

Figura 5: Centro Comunitário Judaico de Cracóvia



Fonte: autor, 2022.

As discussões no Centro Cultural Judaico se relacionaram a temáticas tais como o antissemitismo na cidade que segundo as palestrantes estão mais restritos à ambiência das periferias de Cracóvia. Outra temática importante, conseqüentemente, é relativa à segurança da pré-escola que foi instituída nas dependências do local; além de temas como a questão LGBTQIAPN+ que tem sido tratada pela comunidade judaica local. Além disso, o conceito de *Tikun Olam*, que trata da necessidade de "reparar o mundo" também nos foi apresentado.

3.2 Dia 02 - 05/07/2022

No segundo dia da viagem, enquanto esperávamos a chuva passar, Moshé nos reiterou que as visitas que faríamos aos lugares de memória não tinha ênfase apenas na dimensão cronológica do tempo, nem na geografia dos locais, mas sim teria como foco diferentes abordagens temáticas.

Nos foi narrado que de acordo com documentações referentes à República Checa, a chegada dos judeus à Polônia datava do século XVIII, quando a principal denominação religiosa do país era de ordem pagã. Assim, os judeus se estabeleceram na região a convite do rei nos primórdios do feudalismo⁵⁵, sendo a principal "rede social" que unia essa comunidade judaica que se formava ali a língua hebraica. O convencimento para que judeus se mudassem para a Polônia foi a garantia, por parte da monarquia, de infraestrutura básica (por exemplo: uma sinagoga e um cemitério judaico) e a defesa garantida por meio da guarda real aos judeus. O desenvolvimento da comunidade judaica na Polônia fez do local um importante centro de estudos rabínicos, teologia e filosofia judaica. Grandes nomes de rabinos surgiram durante a permanência de judeus na região.

Neste dia visitamos a sinagoga nomeada em Idish Oiche Shul, ou Sinagoga Alta; a Sinagoga Velha, considerada a mais antiga da Polônia, de estilo gótico e de distinta imponência estrutural que visava uma demarcação política da comunidade e ampliar a segurança do local, além de outras sinagogas. Fomos também ao cemitério judaico Remuh (Figura 6) guiado por um discurso pedagogizado a partir de conceitos como o de memória relacionada à vida e uma explanação sobre os procedimentos ritualísticos fúnebres em diferentes momentos da história judaica.

55 Quando a principal matéria prima que girava a economia era a madeira.

Figura 6: Cemitério judaico Remuh



Fonte: autor, 2022.

Foi exposto que durante o período do primeiro templo de Jerusalém, o procedimento comum era, após a morte, manter o corpo por um ano em uma caverna em uma espécie de sarcófago e posteriormente a este período, os restos mortais eram colocados juntos a seus antepassados em um mesmo espaço. Posteriormente à destruição dos templos, devido às novas interpretações e debates por parte de rabinos, mudaram-se os ritos com justificativas ligadas à reconstrução dos templos de Jerusalém e o surgimento do messias que ressuscitará os mortos no futuro. Isso implicaria, portanto, à impossibilidade de restos mortais estarem acumulados em um mesmo espaço. Após o período de desencarnação a alma terá de passar por meses de julgamento celestial.

Nesse momento nos foi explicado que nos primeiros 7 dias após a morte cobrem-se os espelhos da casa da pessoa falecida, pois neste período sua alma poderá estar mais presente no

local o qual morou por mais tempo e para que os enlutados não se vejam tristes. Dessa maneira, não seria o mais adequado que esta se visse nos espelhos durante os processos de *Kadish*, ou seja, das rezas de celebração da memória da pessoa falecida realizadas para o conforto dos enlutados.

Visitamos também a Sinagoga Tempel (Figura 7), não ortodoxa, mais ligada a preceitos do judaísmo moderno, em suas expressões conservativas e reformistas.

Figura 7: Sinagoga Tempel de Cracóvia



Fonte: autor, 2022.

Foi abordada a perspectiva de liberdade etnicorreligiosa dos judeus conquistada no século XVIII, quando judeus teriam sido autorizados a sair de seus guetos na Alemanha, após a revolução francesa. Neste período da Assembleia Nacional de Paris (1789), por dois anos foi

discutido como se daria o processo de emancipação dos judeus. Nesse contexto, foi evocada a memória de Moses Mendelssohn (Berlim), filósofo judeu nascido na Alemanha, precursor do Iluminismo Judaico, ou *Haskalá*. Mendelssohn problematizou questões ligadas à assimilação do povo judeu na sociedade alemã e como seria ser aceito como judeu neste contexto. A ideia de ser judeu dentro de casa e nas sinagogas, e fora desses lugares, alemão, levou o grupo a debater “ como ser judeu?”. A sinagoga havia sido reformada após a Segunda Guerra, na década de 1980. Esta informação nos levou a problematizar a liberdade religiosa em contextos comunistas, as primeiras marchas da vida na mesma década, dentre outras ideias relacionadas. Outro ponto de parada foi a Sinagoga Isaca, a qual era utilizada pelos nazistas como depósito de lixo e hoje estava em disputa judicial entre a comunidade judaica mais ampla e o movimento Chabad.

Visitamos também o Museu Judaico da Galícia (MJG) (Figuras 8 e 9) no bairro de [Kazimierz](#), também em Cracóvia, com uma expografia repleta de fotografias, imagens dentre outras iconografias artísticas que narram a história judaica e seus processos de resistência.

Figura 8: Estrela de Davi para identificação de judeus no período nazista (MJG)



Fonte: autor, 2022

Figura 9: fotografia de stencils antinazista (MJG)



Fonte: autor, 2022

Além disso, fizemos um passeio que apresentava a última caminhada de judeus até o Beco da Cracóvia. Uma das paisagens que mais chamava a atenção era a ponte datada de 400 anos sobre o rio Vístula. A partir desses lugares, retomamos as invasões nazistas (Polônia ocidental) e comunistas (Polônia oriental). Nos foi informado que os nazistas expulsaram os judeus da Cracóvia de maneira a estabelecer um prazo de 48 horas para a evacuação destes sob pena de trabalho forçado ou prisão. Dos 70 mil membros dessa comunidade, apenas 12 mil permanecem morando no local, denominado Gueto da Cracóvia (Figura 10).

Figura 10 : Ruínas do Gueto de Cracóvia



Fonte: autor, 2022.

Partindo de tal contexto histórico, visitamos a Praça dos Heróis do Gueto com suas 70 esculturas de bronze de diferentes tamanhos em formato de cadeiras instaladas na praça e arredores as quais simbolizam 70 mil judeus que residiam em Cracóvia. Nesse local eram separados judeus aptos para o trabalho forçado ou os que teriam como destino campos de concentração.

Outro ponto importante do qual tratamos em nossa caminhada pelo bairro foram os justos entre as nações que segundo o Centro Internacional de Rememoração do Holocausto - Yad Vashem, é uma terminologia para

non-Jews who took great risks to save Jews during the Holocaust. Rescue took many forms and the Righteous came from different nations, religions and walks of life. What they had in common was that they protected their Jewish neighbors at a time when hostility and indifference prevailed⁵⁶

56Cf. “About the Righteous” disponível em: <https://www.yadvashem.org/righteous/about-the-righteous.html> <acesso em 27 de abril de 2023> Tradução: "Sobre os Justos: Não judeus/judias que correram grandes riscos para salvar judeus durante o Holocausto. O resgate assumiu várias formas e os Justos vieram de diferentes

Diante disso, relembremos a vida do polonês católico Tadeusz Pankiewicz (1908-1993) (Figura 11) que trabalhava como farmacêutico no gueto e ajudou muitos judeus a escaparem da barbárie promovida pelos nazistas. Atualmente, sua farmácia se encontra musealizada sob o nome de Eagle Pharmacy Museum.

Figura 11: Placa em homenagem a Tadeusz Pankiewicz



Fonte: autor, 2022.

O Movimento armado judeu anti nazista Akiba, apresentado na Marcha como de cunho tradicionalista não religioso também foi uma pauta de nossas conversas neste dia. A resistência agenciada por estes membros armados da comunidade de Cracóvia resultou em revoltas pontuais de prisioneiros do Gueto da Cracóvia. Uma dessas nos foi narrada em frente aos fragmentos do muro Gueto da Cracóvia o qual visitamos. Menos de mil foi o número aproximado de sobreviventes do massacre nesta cidade polonesa. Um dos episódios de nações, religiões e estilos de vida. O que tinham em comum era a proteção aos seus vizinhos judeus em um momento em que a hostilidade e a indiferença prevaleciam."

resistência narrados ocorreu quando este grupo teve acesso a duas granadas e as explodiu em um bar cigano onde nazistas estavam consumindo, 6 deles se feriram e um foi morto.

As atividades neste dia finalizaram com visitas à fachada da Fábrica Schindler bem como seu museu que tratam da temática de Cracóvia no recorte da Segunda Guerra Mundial, os quais se encontravam fechados para visitação por problemas técnicos. Depois disso, seguimos para conhecermos o centro de Cracóvia.

3.3 Dia 03 - 06/07/2022

No terceiro dia tivemos como destino o complexo Auschwitz-Birkenau, a 72km da Cracóvia. Partimos em viagem de Cracóvia para Varsóvia tendo como a primeira visita o campo de concentração de Birkenau, que nos foi apresentado por um de nossos coordenadores como “a capital mundial da barbárie”. No início da visita algumas frases do livro de memórias “Se isso é um homem”⁵⁷ de Primo Levi foram lidas e nos informado que cerca de 100.000 sobreviventes do Holocausto se refugiaram Israel e que muitos padeceram durante a pandemia de COVID-19.

Antes de adentrarmos às estruturas do Complexo de Auschwitz - Birkenau, nos foi proposto o entendimento de três fases dos agenciamentos nazistas. A primeira fase seria relacionada à separação dos judeus da vida cotidiana. Essa separação foi consolidada em 15 de setembro de 1935 quando foram impostas pelos nazistas as Leis de Nuremberg. Tais diretrizes delimitaram o acesso de judeus a, por exemplo, locais públicos, regras para relacionamento afetivossexual e serviços com os quais poderiam atuar. Essas legislações eram divididas em dois aspectos: a de cidadania do Reich e a de proteção do sangue e da honra alemã. Dentre as consequências dessa lei, foi destacada a imigração forçada de judeus, desde que feita sem seus bens, os quais sempre eram confiscados pelos nazistas. Após 1938, com o início da Segunda Guerra se aproximando, os judeus seriam proibidos de se retirar do país e passariam a ser vitimados pela engenharia de morte alemã.

A segunda fase se refere à guetização, ou seja, o isolamento não apenas ligado à suspensão de direitos civis, tais como a proibição de casamentos inter-raciais, mas também a separação física. Dessa maneira, os guetos começam a ser construídos para isolar as comunidades judaicas.

57 Cf. LEVI, Primo. **Se isso é um homem**. Córdoba: Dom Quixote; Leya, 2013.

A partir de 1941, inicia-se a terceira fase com os assassinatos em massa. A princípio com fuzilamentos, os quais aos poucos foram substituídos pelos campos de concentração e extermínio, pois essa primeira maneira gerava muitos problemas disciplinares com soldados alemães. Muitos desses oficiais passaram a desenvolver distúrbios e perturbações mentais, quando do agenciamento sistemático da morte de tantas pessoas diariamente. Iniciou-se então o planejamento de um campo de extermínio mais eficiente denominado Auschwitz II ou Auschwitz-Birkenau (Figuras 12 e 13).

Figura 12: caminhada em direção à entrada de Auschwitz II



Fonte: autor, 2022

Figura 13: fachada da entrada de Auschwitz II



Fonte: autor, 2022.

Neste mesmo dia, fomos apresentados a outras informações em ordem não cronológica, tais quais o assassinato em massa de 400.000 judeus húngaros em um período de quatro meses no ano de 1944; a relação da empresa Bayer na fabricação do gás Zyklon B, e a relação com os nazistas. Segundo a Enciclopédia do Holocausto publicada pelo Museu Memorial do Holocausto do Estados Unidos, o regime nazista estava

constantemente a buscar métodos mais eficientes de extermínio. Em setembro de 1941, no campo de Auschwitz, na Polônia, eles realizaram experiências com o gás Zyklon B (utilizado para fumigação), envenenando cerca de 600 prisioneiros de guerra soviéticos e 250 prisioneiros enfermos. O Zyklon B, em forma de comprimido, se transformava em gás letal quando entrava em contato com o ar. Por ter ação rápida, foi escolhido para ser o instrumento de extermínio em massa em Auschwitz, e lá, no auge das deportações, até 6.000 judeus eram mortos diariamente por este gás.

Mesmo não sendo campos de extermínio, os campos de concentração de Stutthof, Mauthausen, Sachsenhausen e Ravensbrueck, também possuíam câmaras de gás.

Elas eram relativamente pequenas, construídas para eliminar aqueles prisioneiros que os nazistas consideravam "inaptos" para o trabalho. A maioria destes campos utilizava o Zyklon B como agente exterminador das câmaras de gás.⁵⁸

Um dos locais mais emblemáticos da visitação nas imediações de Auschwitz II era um galpão com latrinas dispostas ao longo do espaço (Figura 14). Ali, a desumanização era representada pela ausência de privacidade, do acesso à saúde, neste cenário o qual muitos padeciam da diarreia ocasionada pelo tifo, doença relacionada à propagação de bactérias do gênero *Rickettsias*.

Problematizamos ali questões distintas ligadas à essa parte do museu e à desumanização: o cheiro, as condições do trabalho forçado por parte dos prisioneiros; a substituição de nomes por números; os muitos que ali morriam enquanto supriam suas necessidades fisiológicas; a média de 4 meses de sobrevivência das vítimas; mais memórias de Primo Levi.

58 United States Holocaust Memorial Museum. "Operações de Asfixia por Gás". Holocaust Encyclopedia. <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/gassing-operations#:~:text=O%20Zyklon%20B%2C%20em%20forma,mortos%20diariamente%20por%20este%20g%C3%A1s.> <Acesso em 23 de maio de 2023>.

Figura 14: Galpão com latrinas utilizadas pelos prisioneiros/as



Fonte: autor, 2022.

Emblematicamente, uma questão que me chamava a atenção ali era a aparente inacessibilidade para pessoas com deficiências (PCD) nas dependências dos locais os quais visitamos. No nosso grupo, não haviam participantes PCD, portanto, não sabemos como é a realidade desses públicos visitantes na prática. Todavia, é nítido que medidas de acessibilidade podem ser ampliadas em Auschwitz II para contemplar os públicos de PCD.

Outros pontos os quais debatemos foram o processo de tomada dos 175 hectares de Auschwitz II - Birkenau por parte da União Soviética. O exército vermelho⁵⁹ avançava em direção ao campo de extermínio, sendo a primeira ação dos nazistas, cancelar o processo de extermínio e queimar de muitas das edificações de infraestrutura as quais ali funcionavam (Figura 15).

Figura 15: ruínas de infraestruturas destruídas por oficiais nazistas

⁵⁹ Principal força militar da União Soviética e uma das principais frentes responsáveis pela derrota da Alemanha na Segunda Guerra com a invasão de Berlim.



Fonte: autor, 2022.

Outra informação trazida foi a realidade dos mais de 400.000 judeus húngaros os quais foram assassinados em cerca de 6 semanas. Hitler acreditava possuir uma missão divina de limpar os judeus do mundo, não apenas da Alemanha, o que torna o Holocausto um diferente tipo de genocídio, mais geograficamente localizado. Em seu livro, “Minha Luta”⁶⁰, já era prevista a morte em massa sob argumentos funcionalistas visando o fim do judaísmo mundial. Não há evidências que Hitler teria visitado os campos os quais ele mesmo planejou.

Uma polêmica foi questionarmos a razão de ações pró judaicas mais efetivas, tais como a simples destruição dos trilhos (Figura 16) que levavam prisioneiros aos campos não terem sido efetuadas. Teriam sido, portanto, os Aliados complacentes com os horrores nazistas ao não atacar tais infraestruturas tão estratégicas? Essa questão nos levou a tratar do assunto sobre escolhas entre "morte/vida" nos campos, as quais eram baseadas de acordo com o porte físico dos prisioneiros e necessidades logísticas.

Figura 16: grupo em frente a vagão de trem e local de desembarque de prisioneiros/as

60 Cf. HITLER, Adolf. **Minha luta**. Clube de Autores, 2020.



Fonte: autor, 2022.

Um fato marcante, nesse sentido, foi quando Moshé nos relatou que as fotografias que registravam este campo de extermínio à época não possuíam gramado aparente. Isso se constata, pois as condições de sobrevivência levavam os famintos prisioneiros a se alimentarem com essa vegetação. Auschwitz era gerido por cerca de apenas 200 oficiais alemães responsáveis por agenciar 1,1 milhão de mortos. Os prédios em olarias eram destinados às mulheres (Figura 17), enquanto que os prédios em madeira eram destinados ao abrigo dos homens. Além disso, as ordens nazistas eram de enviar os objetos saqueados para a Alemanha.

Figura 17: ala feminina de Auschwitz II



Fonte: autor, 2022

Abrimos um debate sobre preservação e conservação daquele lugar de memória, bem como suas edificações e objetos salvaguardados. Dessa forma, problematizamos sobre os bens culturais que ali sofriam processos de degradação e as formas de narrativas expográficas utilizadas ao longo da história da educação sobre o Holocausto (Figura 18). Me lembro de um de nossos coordenadores relatar que a cada ano que guiava a Marcha, notava como avançava a degradação das montanhas de cabelos e sapatos das vítimas. Os fótons de luz eram os principais responsáveis pela deterioração desses itens tão íntimos. Ao longo dos anos, uma das medidas paliativas para mitigar este problema foi a diminuição da incidência da luz sobre os bens. Essa providência resultou em uma expografia ainda mais obscura e de caráter mais mórbido em uma parte desse circuito o qual passamos. Neste trecho em questão, não era autorizado o registro de imagens e sem dúvida foi um dos lugares de maior impacto nas emoções dos participantes. Um dos comentários de uma das pessoas responsáveis por nos guiar foi dessas mudanças que ocorreram ao longo do ensino sobre a história do Holocausto. Essas abordagens transitaram do silêncio para a dimensão fúnebre mais impactante, com curadorias narrativas mais explícitas e monumentais como aquelas até atualmente onde essa dimensão pedagógica está novamente sendo modificada, com ênfase na vida e nas distintas

formas de resistências.

Figura 18: objetos pessoais de prisioneiros expostos em ala museográfica de Auschwitz II



Fonte: autor, 2022.

Quando chegamos ao primeiro crematório (Figura 19), nos foi narrado como eram os procedimentos de extermínio dos prisioneiros. A ambiência era focada em transmitir uma tranquilidade, para evitar rebeliões, com instruções para que os grupos de pessoas pendurassem suas roupas e pertences para um banho. Após isso, eram informados que, posteriormente a essa higienização seriam realocados para o interior do país para postos de trabalho. O tempo médio para o efeito do gás Zyklon B era de 25 minutos, e todos os procedimentos diretos eram agenciados pelos *Sonderkommandos*, os quais

were groups of Jewish prisoners forced to perform a variety of duties in the gas chambers and crematoria of the Nazi camp system. They worked primarily in the Nazi killing centers, such as Auschwitz, but they were also used at other killing sites

to dispose of the corpses of victims.⁶¹

Figura 19: fornos crematórios de Auschwitz II



Fonte: autor, 2022.

Outros detalhes sobre licitações entre fábrica de incineradores e a máquina nazista foram apresentados e novamente memórias de Primo Levi trazidas à tona. Dessa vez, as narrativas do autor abordavam as violências sofridas tanto pelos judeus *sonderkommandos*, quanto pelos alemães. Da mesma forma, relembramos as explosões dos crematórios para esconder provas, por parte de nazistas, os quais visitamos as ruínas e também de testemunhos e revoltas como uma mencionada, ocorrida em 1944, articuladas pelos judeus *sonderkommandos*.

As caminhadas áudio-guiadas pelo complexo de Auschwitz eram marcadas por uma quantidade muito alta de informações que se entrelaçam com as paisagens de ruínas, montanhas de cinzas humanas, valas comuns (Figura 20) -hoje alagadas-, reminiscências de prédios que serviam como depósitos, tais como o setor Canadá. Essas andanças eram marcadas por informações que surgiam no fone de ouvido, em meio a pedaços de florestas

61 Cf. United States Holocaust Memorial Museum. "Introduction to the Holocaust." Holocaust Encyclopedia. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/sonderkommandos>. Acesso em 27 de maio de 2023. Tradução: "Eram grupos de prisioneiros judeus forçados a performar uma variedade de tarefas nas câmaras de gás e crematórios do sistema de campos nazistas. Eles trabalhavam principalmente nos centros de extermínio nazistas, como Auschwitz, mas também eram usados em outros locais de extermínio para se livrar dos corpos das vítimas."

que surgiam junto a informações de canibalismos forçados pela urgência da fome, murais, comentários sobre dignidade e capacidade de amar em meio ao caos e desamparo inumano. Um momento de comoção foi quando da leitura realizada por um de nossos colegas, de um poema em ladino, encontrado em uma parede do campo de concentração e extermínio. Um trecho marcante da obra foi "morrendo fora de sua terra" que nos levou a saber mais sobre os judeus ladinos, dos quais 80% foram mortos pelos nazistas.

Figura 20: valas comuns de Auschwitz II



Fonte: autor, 2022

No período da tarde, nos encaminhamos para Auschwitz I (Figura 21), uma antiga base militar polonesa composta por 24 blocos de dois andares, sendo os segundos pisos construídos em março de 1940. Neste sítio, fomos apresentados às diferenciações conceituais dos tipos de campos: de trabalho; concentração; extermínio e trânsito. Outra situação a qual nos foi relatada se tratava de boicote e cancelamento por parte de grupos de Israel à Marcha

da Vida na Polônia. Um de nossos guias nos denunciou que, no contexto político atual polonês, governado por Andrzej Duda de extrema direita, já são recorrentes as tentativas de censura aos conteúdos abordados na Marcha da Vida. Por meio de políticas implementadas pelo Ministério da Cultura da Polônia, estão se abrindo margens para revisionismos históricos de negação das omissões e compactuação polonesas com ações agenciadas pelos nazistas. Alguns guias de turismo poloneses estão sendo orientados a aplicar um roteiro e exigir que se seja seguido o mais próximo das narrativas de Estado polonesas. É obrigatória a presença de guias poloneses durante expedições de caráter educativo cultural como uma medida de reserva de mercado para estes profissionais. Essa medida é coerente, do ponto de vista de garantir que não apenas guias das excursões das Marcha da Vida sejam contratados, mas também os trabalhadores do turismo local. Todavia, essas tentativas de censura já são concretas e têm gerado situações de tensionamento das narrativas em situações de ensino aprendizagem nos lugares de memória. Vale destacar que, a despeito de os campos de concentração serem geridos pelo Ministério da Cultura da Polônia, seu financiamento é realizado por parte da UNESCO e mais de 400 profissionais são mobilizados para sua gestão.

Figura 21: entrada de Auschwitz I



Fonte: autor, 2022.

Um outro fato ocorrido na entrada do campo de Auschwitz I foi o banimento da entrada de um dos participantes com uma bandeira com as cores representativas das causas LGBTQAPN+. Segundo os responsáveis locais, apenas bandeiras de países eram permitidas, além disso alegaram que uma série de outras representações iconográficas não eram permitidas ali. A justificativa da instituição foi em prol da garantia da segurança dos visitantes, pois segundo relatado, já haviam ocorrido agressões devido a este e outros tipos de manifestações. Esse episódio demonstra uma necessidade de aprimoramento das políticas internas desse sítio histórico musealizado de modo a garantir tanto o direito à liberdade de expressão quanto a segurança de seus públicos externos e internos.

Nesse momento, novamente conversamos sobre a relação do museu e a emblemática presença dos cabelos, os quais eram utilizados para a confecção de isolamento térmico de uniformes de pilotos da força aérea nazista. Novamente, pudemos observar pilhas de objetos de diferentes tipologias compondo as expografias dos lugares de memória musealizados os quais visitávamos. Mais cabelos, objetos litúrgicos, utensílios, sapatos, dentre outros, nos

atravessavam os olhares, sobretudo pela maneira como eram expostos, levando a uma dimensão monumental e quantitativa do massacre. Tais bens culturais são pensados de maneira a mostrar que o número de pessoas assassinadas não era quantificável apenas em algarismos, mas também em subjetividades representadas por cada parte de corpo de adornos e vestimentas que nos singulariza enquanto sujeitos. Novamente as questões de preservação e conservação dos bens já mencionados, das peças em couro e madeira demonstraram ser uma preocupação de Moshé, nosso guia.

Em nossa visita ao Muro da Morte (Figuras 22 e 23), fomos introduzidos às questões relacionadas a julgamentos, prisões e alocação de prisioneiros em uma solitária de 1m³. Nesse local, fizemos um Kadish, ou seja, uma reza sobre a morte, mas também sobre a vida, em homenagem à memória de entes falecidos e aos enlutados. Nossas intenções se centraram na raridade e brevidade da vida, entendida não como um produto, mas como uma parte de Deus. As resistências as quais éramos apresentados eram entendidas para além das revoltas e levantes, mas também em seu aspecto cotidiano. Também foram mencionados os 4,5 milhões de nomes de pessoas executadas que já haviam sido recuperados pelo Yad Vashem (Centro Internacional de Rememoração do Holocausto, instituição de memória localizada em Jerusalém).

Figura 22: Muro da Morte



Fonte: autor, 2022

Figura 23: Kadish em frente ao Muro da Morte



Fonte: autor, 2022.

Nesse mesmo sentido de rememorarmos resistências, foi mencionada a Organização Polonesa de prisioneiros a qual até hoje possui uma tradicional marcha de pijamas. Os pijamas são relativos a uniformes utilizados pelos prisioneiros na época e este desfile atualmente se tornou um feriado polonês. Encerramos nossa visita com uma foto em frente à entrada do campo de concentração (Figura 24) e ao final da tarde, nos destinamos para a cidade de Kielce.

Figura 24: grupo de participantes em frente à entrada de Auschwitz I



Fonte: autor, 2022.

3.4 Dia 04 - 07/07/22

Neste dia, acordamos na cidade de Kielce. A princípio, as informações que recebemos eram relativas ao fato de o local possuir apenas 1/3 de sua população judaica restante, a qual maior parte fora alocada em guetos para seu extermínio ou expulsão. Também que existe na cidade uma das maiores sinagogas da Polônia, a sinagoga de Kielce, ocupada e utilizada por nazistas durante a Segunda Guerra, e que após, foi utilizada como prédio universitário e, posteriormente, como biblioteca pública. Os judeus retornaram à cidade apenas em 1945. Fomos apresentados à história do local desde o medievo.

Um dos pontos de destaque neste dia foi a explanação acerca do Pogrom de Kielce. Esse episódio, apesar de acontecer em 4 de julho de 1946, nos possibilitou apreender mais questões sobre o antissemitismo, também ocorrido no pós Segunda Guerra e perpetrado por segmentos distintos dos espectros políticos. Questão essa recorrente até mesmo nos dias de hoje, da extrema direita, passando pelo centro à extrema esquerda. Esse tema do antissemitismo será tratado no segundo capítulo com maior aprofundamento. Nessa localidade, lembramos dos fatos de que

A sede da comunidade judaica foi atacada por uma multidão de civis, policiais e militares, que massacraram, em plena luz do dia, 42 judeus - homens, mulheres e crianças - e feriram mais de 100. Depois disso, estava claro que não havia futuro para os judeus na Polônia. [...] A posição do atual governo é isentar o país de

qualquer culpa no que diz respeito à Shoá, afirmando que a Polônia foi vítima inocente dos alemães e não cúmplice e, tampouco, um espectador complacente da política antisemita nazista que levou ao assassinato de milhões de judeus. Porém, não há como refutar que foi a Polônia, sob domínio alemão, que os nazistas escolheram para estabelecer seus campos de extermínio: Chelmno, Belzec, Sobibor, Treblinka, Auschwitz-Birkenau, Majdanek. Foi para a Polônia que foram enviados os trens carregados de judeus de toda a Europa. Foi em solo polonês que mais de 3 milhões de judeus foram assassinados e incinerados em câmaras de gás e que centenas de milhares morreram por brutalidade, fome e inanição. Tampouco há como refutar que, após o final da guerra na Europa, e, transcorrido um ano sem nenhum soldado alemão em solo polonês, centenas de judeus, ainda assim, foram assassinados na Polônia e milhares mais enfrentaram o perigo quando voltaram a suas cidades e seus vilarejos. A violência contra os judeus atingiu o clímax em 4 de julho de 1946, em Kielce.⁶²

Lublin nos foi apresentada enquanto um centro importante do judaísmo na Europa, formador de rabinos e estudiosos judeus de destaque. Além de referência em estudos judaicos, com importantes academias rabínicas e ao longo dos séculos, foi um importante centro para o movimento chassídico. Rabinos hassídicos como Rabi Jacob Isaac Horowitz e Rabi Meir Shapiro, viveram e ensinaram na cidade, promotores do chassidismo. A tradição literária judaica em Lublin em distintos gêneros também foi destaque em suas distintas formas de produções, sobretudo acabar por contribuir para o enriquecimento da cultura e da língua hebraica.

Na cidade, muitas sinagogas e edifícios religiosos foram construídos, de estilos arquitetônicos e períodos históricos diversos, testemunhos da vida judaica que existiu em Lublin anteriormente à Segunda Guerra Mundial. Neste momento da viagem, a memória de Rabi Israel Baal Shem Tov, foi uma das primeiras a serem evocadas. Também conhecido como Besht, foi um líder espiritual judeu nascido na Ucrânia em meados do século XVIII, considerado o fundador do movimento chassídico, uma forma de judaísmo que enfatiza a conexão pessoal com Deus e a busca de uma espiritualidade cotidiana. Para Baal Shem Tov, a relação com o divino não era exclusividade de intelectuais, mas algo de direito de todos, independentemente de seu nível de estudo religioso. Besht reiterou a alegria, a simplicidade e a fé sincera como aspectos essenciais no judaísmo, deixando como legado uma influência profunda no judaísmo que ainda hoje inspira estudantes que ainda o tem como referência.

Nesse mesmo sentido, duas correntes espirituais judaicas europeias-orientais nos foram apresentadas: Mitnagdim e Chassidim. A primeira, mais conservadora, tinha como foco

62 Cf. [Morashá | ANTISSEMITISMO - Antissemitismo no pós-guerra: o pogrom de Kielce \(morasha.com.br\)](http://morasha.com.br)

a dimensão intelectual dos estudos da Torá, enquanto a segunda, além de abarcar essa perspectiva, também agenciava práticas místicas, devocionais e meditativas.

Também nos foi introduzida a vida judaica na região da Galícia histórica, localizada nos limites poloneses e ucranianos, onde comunidades judaicas se assentaram na Idade Média, sob tutela de monarcas da Polônia. Esse período foi marcado por muitas perseguições, pogroms e discriminação durante invasões e conflitos na região. Por essa razão e devido à Shoá, praticamente toda essa comunidade foi extinguido e vem sendo tema de pesquisas na contemporaneidade.

Neste dia, visitamos a "Cidade Velha", mais especificamente o bairro judeu, alocado ao lado do castelo do então senhor feudal, de arquitetura neoclássica com motivos orientais, esses nobres acabavam por garantir a segurança dos judeus. Ali, vimos uma iconografia que mais tarde seria apropriada pelo fascismo italiano: o facho, um machado sobre ripas amarradas. O significado desse símbolo remete à ideia de separação das ripas como uma representação da fraqueza, enquanto a junção delas representa a união, que gera a força entre um povo.

Visitamos também as reminiscências do Gueto de Lublin, construído em 1941, local de segregação inicialmente de 30.000 judeus. Um ano após sua criação, em março de 1942, a maior parte desses judeus passaram a ser transferidos para campos de extermínios próximos, tais como Majdanek. Passamos também pela renomada Yeshiva de Lublin (1930-1939), centro de estudos judaicos importante na formação de rabinos, fundada pelo Rabino Meir Shapiro. Esse processo formativo à época durava cerca de 6 anos. Outros assuntos relativos ao cenários políticos e a relação das organizações judaicas neste âmbito também surgiram após entrarmos na biografia de Shapiro, pois o mesmo fora um parlamentar local. Em 1939 aproximadamente 20 mil livros já haviam sido queimados e o prédio da yeshiva ocupado por nazistas. Posteriormente o prédio se tornou pertencente à Faculdade de medicina da Polônia, depois passou a ser um hotel e atualmente é o "Museu do Judaísmo em Lublin".

Dentro do museu há uma sinagoga na qual nos sentamos e aprendemos sobre as fontes que embasam os estudos judaicos, que nos foram apresentados. A Torah nos foi apresentada como a grande matriz e a principal compilação de livros do Tanakh. Nela, se encontram cinco

livros *Bereshit* (בְּרֵאשִׁית) ou Gênesis; *Shemot* (שְׁמוֹת) ou Êxodo; *Vaykra* (וַיִּקְרָא) ou Levítico; *Bamidbar* (בְּמִדְבָּר) ou Números e *Devarim* (דְּבָרִים) ou Deuteronômio. O Tanakh é composto por mais duas compilações. A primeira, denominada *Nevi'im* ou Profetas, que abarca Ezequiel, Isaías, Jeremias, Josué, Juízes, Reis, Samuel e mais doze, assim chamados, Profetas Menores (Ageu, Amós, Habacuque, Joel, Jonas, Malaquias, Miquéias, Naum, Obadias, Oséias, Sofonias, Zacarias). A segunda, *Ketuvim* ou “Escritos”, engloba Cântico dos Cânticos, Crônicas, Daniel, Ester, Provérbios, Eclesiastes, Esdras, Jó, Lamentações, Neemias, Rute e Salmos.

Outro aspecto importante nesse sentido, são as fontes orais que foram pautadas por nossos guias nessas mesmas dependências do museu (Mishná; Talmudes; Midrashim; Halachá e Hagadá). Essa questão abarcou os princípios metodológicos que guiam os estudos judaicos, sobretudo de Talmude, que são realizados em debates entre dupla ou *Havruta* (colega, parceria). Muitas terminologias em hebraico surgiam, tais como Rosh Yeshiva (líder da Yeshiva), dentre outras, o que pode ser mais um fator de aumentar o interesse em estudar a língua hebraica.

Ainda nas dependências da cidade de Lublin, nos deslocamos por menos de 10 minutos até o campo de extermínio de Majdanek. A explícita proximidade em relação à cidade era gritante e um dos primeiros tópicos. Primeiramente ficamos diante do Monumento à Luta e ao Martírio (Figura 25) no campo de concentração e extermínio alemão Majdanek, construído na década de 1960, e ali aprendemos sobre questões relativas ao complexo musealizado o qual adentramos posteriormente. Se tratava de um campo de trabalho para prisioneiros, sobretudo soviéticos, fundado em 1941, utilizado posteriormente para trânsito; concentração; extermínio, com 150 hectares, 16 torres de guardas e 5 casas de comandantes. Quase 100.000 mulheres, homens e prisioneiros políticos foram mortos ali.

Figura 25: Monumento à Luta e ao Martírio



Fonte: autor, 2022.

Em Majdanek lemos um poema da sobrevivente do Holocausto Halina Birenbaum "Ela Esperou".⁶³ Visitamos as infraestruturas; câmaras de gás (bem como de seus usos com monóxido de carbono); a exposição "Past and Present"; o alojamento dos kapos (homens judeus, obrigados a serem coordenadores dos campos) que ocasionou 52 julgamentos em Israel com condenações de até 5 anos de prisão; memoriais e as narrativas das formas de resistir ao cotidiano. Visitamos os crematórios, necrotérios, onde se retiravam metais e pedras preciosas dos mortos, fizemos novamente reza dos enlutados e as valas comuns relativas aos fuzilamentos em massa de mais de 1.700 pessoas. (Figuras 26 a 37) Depois dessa visita a Majdanek nos organizamos para nosso destino: Varsóvia.

Figura 26: casa dos oficiais responsáveis por Majdanek

63 Cf. Disponível em: <http://www.zchor.org/birenbaum/esperanca.htm>



Fonte: autor, 2022.

Figura 27: cercas de Majdanek



Fonte: autor, 2022.

Figura 28: câmara de gás de Majdanek



Fonte: autor, 2022.

Figura 29: instalação artística em Majdanek



Fonte: autor, 2022.

Figura 30: treliches de prisioneiros de Majdanek



Fonte: autor, 2022.

Figura 31: Estrutura para dissecação e retirada de objetos valiosos de corpos



Fonte: autor, 2022.

Figura 32: fotografia de peças de xadrez confeccionadas pelos prisioneiros de Majdanek



Fonte: autor, 2022.

Figura 33: Fornos crematórios de Majdanek



Fonte: autor, 2022.

Figura 34: Forno crematório Majdanek



Fonte: autor, 2022.

Figura 35: crematório (prédio)



Fonte: autor, 2022.

Figura 36: valas comuns Majdanek



Fonte: autor, 2022

Figura 37: [Memorial](#) de Majdanek, onde estão salvaguardadas as cinzas humanas dos prisioneiros executados.



Fonte: autor, 2022

3.5 Dia 05 - 08/07/22 - Varsóvia - Treblinka

Chegamos a uma das cidades que mais sofreram com os bombardeios nazistas e logo introduzidos a dois dos principais assuntos relacionados a ela: o levante do gueto de Varsóvia de 1943 e o levante polonês de 1944. Uma das informações mais marcantes foi a de que no pós-guerra, a cidade possuía uma média de 3m de altura, sobretudo por conta dos bombardeios soviéticos que posteriormente deram lugar ao urbanismo soviético o qual pudemos observar. Alguns dados demográficos gerais e da comunidade nos foram apresentados, tais como, contemporâneos, relacionados a comércio exterior, tais como o fato

de a Polônia ser o país maior exportador de carne para Israel. Todavia, antes de explorarmos a cidade, fomos diretamente para Tykocin, a 178 km a nordeste de Varsóvia. Visitamos a Grande Sinagoga de Tykocin (Figuras 38 a 40), de estilo barroco maneirista primitivo, fundada em 1642 que atualmente abriga o Museu de Cultura Judaica. Compreendemos algumas questões de gênero e o uso dos espaços da sinagoga que para muitos judeus e judias mais seculares era novidade, além de identificarmos as principais rezas grafadas na parede, pois às épocas próximas de sua construção não haviam livros para todos.

Figura 38: Sinagoga de Tykocin



Fonte: autor 2022.

Figura 39: Escultor Ramat Gan expondo seus trabalhos em frente à Sinagoga de Tykocin



Fonte: autor, 2022.

Figura 40: Interior da Sinagoga de Tykocin



Fonte: autor, 2022.

Outros temas também foram introduzidos, tais como os processos educativo culturais

presentes em muitas das comunidades judaicas, a Kashrut (leis judaicas sobre alimentação, relações sexuais etc.), Mikv (banho de purificação) e cantamos a música “Shalom Aleichem”. Segundo nossos guias, até o Séc. XVII e XVIII não se podia construir sinagogas maiores que igrejas, portanto é mais uma construção de sinagogas feita com subsolo. Próximo ao local, visitamos uma pequena feira que nos remeteu aos lugares de encontro entre cristãos e judeus. Moche nos informou sobre escavações arqueológicas na cidade, dentre os artefatos encontrados se encontravam moedas da Suécia, que já havia ocupado a região entre 1655 e 1660, e as consequências dessa situação na comunidade judaica.

Ainda aprendemos que data de 1314, documentações que indicam ocupação judaica na região e as relações entre senhores feudais e a garantia de segurança aos judeus e suas propriedades. Além dessa, a dimensão jurídica da segurança também previa a criminalização: do assassinato de judeus; da profanação de cemitérios; do roubo de crianças para a conversão forçada; da proibição de acusar judeus de beber sangue; da proibição de omissão de socorro. Problematizamos acerca dessas legislações em contextos distintos e como poderia ser a fiscalização dessas legislações e sua efetividade na prática.

Após as disputas entre URSS e Alemanha, a cidade de Tykocin ficou sob domínio soviético. Ali lembramos do dia 06 de junho de 1941, quando do ataque da Alemanha contra a Rússia, na operação denominada Barba Roja. Diante disso, visitando a floresta de Lupochova relembramos a marcha de Judeus de Tykocin para fuzilamentos em massa e suas consequentes valas comuns ocorrida em agosto de 1941.

Em Treblinka II (figuras 41 a 43), campo de extermínio onde 900.000 vidas foram ceifadas, o lugar nos foi historicizado a partir de janeiro de 1942, quando em Berlim, a cúpula nazista se reuniu para tratar da denominada “solução final”, meio ano após a operação Barbarossa. O campo de Treblinka I foi um local de trabalho escravo, o qual passou a ser organizado em maio para que em junho passasse a ser um campo de extermínio. Falamos ali sobre a Operação Eutanásia e Aktion T4, primeiros passos das ações eugenistas promovida pelos nazistas, quando do assassinato em massa de crianças e adultos com deficiências dos mais variados tipos. Nesse local, a musealização se deu sobre os trilhos de trem e seis câmaras de gás remanescentes e ali lemos dois testemunhos de sobreviventes e relatos sobre a vida de comandantes nazistas fugitivos.

A região do centro de extermínio de Treblinka era densamente arborizada. A equipe

de assassinos do local consistia de 25 a 35 oficiais alemães e uma unidade de 90 a 150 guardas auxiliares, que eram ex-prisioneiros de guerra soviéticos ou cidadãos ucranianos e poloneses anti-semitas. Os trens que traziam os prisioneiros tinham de 50 a 60 vagões, e sua parada final era na estação de Malkinia, que ficava próxima ao campo. Vinte vagões eram separados do trem de cada vez e levados para o centro de extermínio. As SS e a polícia anunciavam para os deportados que eles haviam chegado a um campo de trânsito, e que deveriam entregar todos os seus pertences às autoridades. As vítimas eram forçadas a correr nuas por um caminho fechado, conhecido como "tubo", até as câmaras de gás enganosamente identificadas como banheiros com chuveiros para desinfecção. Quando as portas eram seladas, um funcionário nazista ligava o motor na parte externa do prédio e bombeava monóxido de carbono para dentro da câmara, matando por asfixia todas as pessoas que estavam dentro, homens, mulheres e crianças. Os nazistas selecionavam alguns prisioneiros judeus para que permanecessem vivos e pudessem efetuar o trabalho de remoção dos corpos de seus companheiros e em seguida os jogar como se fossem lixo em enormes escavações. Os oficiais do campo assassinavam periodicamente aqueles trabalhadores escravos, semi-vivos, e os substituíram por outros recém-chegados. Dentre estes últimos, os que estavam muito fracos para andar até as câmaras de gás eram mortos a tiros em uma área disfarçada como hospital. No terceiro trimestre de 1942, as autoridades do campo resolveram exumar os corpos das covas coletivas e então queimá-los para ocultar as evidências dos seus crimes de extermínio em massa. Os escravos judeus eram forçados a fazer aquele trabalho terrível. Em 2 de agosto de 1943, os prisioneiros roubaram armas do arsenal daquele campo, mas foram descobertos. Na confusão que se seguiu, centenas de prisioneiros se jogaram contra o portão principal em uma tentativa desesperada de fugir. Aproveitando o alvo fixo, muitos foram mortos a tiros de metralhadora. Mais de 300 conseguiram escapar -- embora dois terços deles tenham sido seguidos e assassinados. Treblinka I, o campo de trabalho escravo, continuou funcionando até o final de julho de 1944. Quando as tropas soviéticas se deslocaram para a região, a covarde equipe nazista atirou contra os últimos prisioneiros judeus (não se sabe ao certo o número, calcula-se que entre 300 a 700 pessoas) e desativou o campo fugindo de medo. As tropas soviéticas tomaram Treblinka durante a última semana de julho de 1944.⁶⁴

64 United States Holocaust Memorial Museum. "Treblinka (Artigo Resumido)" Collections Highlights. <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/treblinka-abridged-article>

Figura 41: Painel com mapa georreferenciado de Treblinka



Fonte: autor, 2022.

Figura 42: Memorial de Treblinka



Fonte: autor, 2022.

Figura 43: Memorial de Treblinka



Fonte: autor, 2022.

3.6 Dia 06 - 09/07/22 - Varsóvia

Enquanto andávamos pelas ruas da capital polonesa (figuras 44 e 45), éramos informados com dados gerais sobre a cidade que fora a segunda maior comunidade judaica do mundo, depois de Nova Iorque, antes da Segunda Guerra. Hoje em dia, apenas cerca de 3.000 judeus vivem no local. O contexto político partidário polonês atual novamente foi abordado de maneira a problematizar ações ultranacionalistas defendidas tanto pelo primeiro-ministro Mateusz Jakub Morawiecki, quanto pelo presidente [Andrzej Duda](#), situados no campo da extrema direita. Ao longo do passeio, visitamos dezenas de monumentos e praças relacionados ao uso desses espaços para agenciamentos genocidas.

Figura 44: Mural em solidariedade à Ucrânia em rua de Varsóvia



Fonte: autor 2022.

Figura 45: outdoor de recrutamento para serviço militar polonês.



Fonte: autor, 2022

Um dos locais patrimonializados o qual visitamos era a Praça de Concentração ou *Umschlagplatz*⁶⁵, próximo a trilhos dos trens que levavam aos campos de extermínio (Figura 46 e 47). Retomamos também aspectos jurídicos relativos a leis de segregação nazistas, dentre essas, ideias da época de alocar judeus em Madagascar ou criar reservas onde pudessem ficar isolados. Algumas outras leituras de testemunhos de sobreviventes foram realizadas, bem como narrativas e poemas produzidos por eles. Halina Birenbaum novamente apareceu nessa parte, que teve seu pai assassinado em Treblinka e sua mãe, ela e seu irmão enviados para Majdanek.

⁶⁵ Umschlagplatz na cidade de Varsóvia era um espaço destinado à aglutinação de judeus que seriam deportados para diferentes tipos de campos.

Figura 46: Participantes na Praça de Concentração



Fonte: autor, 2022

Figura 47: Ação educativa com participantes próximo à Praça de Concentração



Fonte: autor, 2022.

Alguns detalhes sobre a vida nos guetos também nos foram adiantados, tais como a expulsão de residentes cristãos dessas localidades e a altíssima densidade demográfica, com cerca de 5 pessoas por metro quadrado. No mesmo percurso, passamos pela Rota do Heroísmo (Figuras 48 e 49), um circuito com 19 monumentos em mármore, homenageando membros de destaque da comunidade judaica polonesa. Dentre esses, Henryk Goldszmit, que usava o heterônimo Janusz Korczak, médico pediatra e pedagogo, foi diretor do Lar das crianças judias e possuía um programa na rádio de caráter pedagógico para os públicos adolescentes. Fruma Plotncka foi outra personalidade homenageada em um dos outros monumentos, uma combatente da resistência judaica, que participou do levante do Gueto de Varsóvia. A partir da memória de Fruma, pudemos entender melhor sobre o amplo espectro político presente nas comunidades judaicas, desde as mais à esquerda, até as mais à direita e sua relação com o sionismo. Nos movimentos de resistência anti nazista, diferentes juventudes judaicas se unificavam frente ao inimigo em comum. Sionistas socialistas, não sionistas socialistas e juventudes mais conservadoras construíram o movimento *Zydowska*

*Organizacja Bojowa (ZOB)*⁶⁶.

Figura 48: Visita guiada aos monumentos da Rota do Heroísmo



Fonte: autor, 2022.

Figura 49: Visita guiada aos monumentos da Rota do Heroísmo



Fonte: autor, 2022.

O Levante do Gueto de Varsóvia, foi um agenciamento civil de resistência judaica iniciado em 19 de abril de 1943 o qual se estendeu por quase um mês. Foi interessante notar a ênfase de nosso guia sobre o fato de que essa ação de resistência tenha durado mais tempo que

⁶⁶ Organização Judaica de Combate, composta pelo Bund (partido socialista); HeHalutz (juventude socialista); Dror (movimento sionista de esquerda); Akiva (movimento sionista de direita)

a das próprias forças oficiais da Polônia. O levante organizou no gueto barricadas, rotas de fuga, rotas de abastecimento de suprimentos, armas e munições. Como infraestruturas e rotas estratégicas, os insurretos utilizaram bunkers, porões, redes de esgoto, telhados, dentre outras formas de mobilidade e organização para suas ações. Esses momentos também eram de trocas de referências fílmicas e bibliográficas, tais como, nesse caso, o filme “Insurreição” é o livro “Meus gloriosos irmãos”.

Antes de adentrarmos ao Museu Polin, na mesma praça, visitamos dois monumentos ligados à mesma temática do Levante (Figuras 50 a 52). O monumento Gueto de Varsóvia possui duas faces: uma ligada ao heroísmo e a outra ligada às formas cotidianas de resistência. A primeira escultura, representada sob a estética do realismo socialista, demonstra a bravura dos combatentes. Pessoas esculpidas com formas ligadas à força da juventude armada com granada, metralhadora, faca, uma mulher com um seio à mostra segurando uma criança, os corpos musculosos e um homem mais velho e também uma pessoa caída, representando a morte. Do outro lado, doze pessoas judias representadas indo para a morte com semblantes e posturas entristecidos. Expressões de vergonha, com o olhar voltado para trás, de senilidade, de jovialidade aparecem, assim como um rabino, uma mulher grávida, uma mãe com sua criança, dentre outras. Como dito, essa segunda imagem representa a dimensão vulnerável levada ao extremo, mas que mesmo assim expressa uma forma de resistir digna e cotidiana.

Figura 50: Monumento aos heróis do Gueto de Varsóvia (face 1)



Fonte: autor, 2022.

Figura 51: Monumento aos heróis do Gueto de Varsóvia (face 1)



Fonte: autor, 2022.

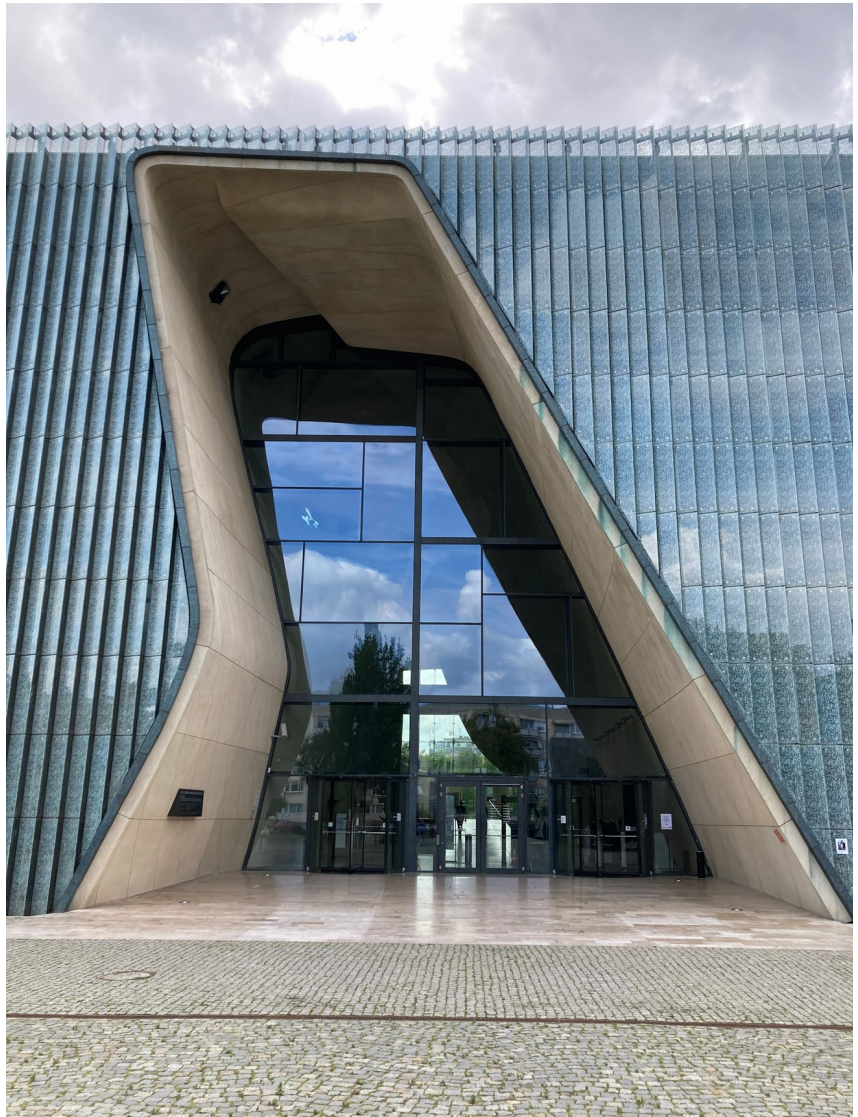
Figura 52: Monumento aos heróis do Gueto de Varsóvia (face 2)



Fonte: autor, 2022.

No museu Polin (Figuras 53 e 54), inaugurado em 19 de abril de 2013, pudemos ficar mais imersos na história dos judeus na Polônia. O recorte apresentado na instituição data da Idade Média e possui uma ampla gama de instalações e expografias interativas que servem como suporte museográfico para as narrativas ali expostas. Diáspora; natureza; comércio; religiosidade; economia; relações interreligiosas; questões fiscais; demografia; geografia; antissemitismo; insurreição dos cossacos (1648); falsos messias; escravização eslava; são apenas alguns dos temas abarcados nos circuitos expositivos apresentados por nossa guia institucional que dominava um português digno de uma nativa carioca.

Figura 53: Fachada do Museu Polin



Fonte: autor, 2022.

Figura 54: instalações interativas no Museu Polin



Fonte: autor, 2022.

O Relatório do Museu POLIN de 2020⁶⁷ pautava os conceitos de história defendendo ir além da questão memorial, propondo a construção de um futuro melhor e que a partir de tais ideais, promova atividades educativas para públicos infanto juvenis e adultos. O referido documento ainda presta contas em relação às ações educativas desenvolvidas durante a pandemia e as políticas polonesas de isolamento social. Nesse contexto, 15.000 estudantes poloneses participaram de 880 aulas online, com foco nas cidades menores com 96% dos participantes das pesquisas internas declarando-se satisfeitos pelas ações educativas da instituição. Ademais, o museu também produziu caixas contendo materiais didático-pedagógicos destinados à 100 escolas polonesas com mapas; fotos; réplicas de artefatos da coleção do museu e jogos que ajudassem em situações de sala de aula.

Quanto ao público adulto, mesmo com o museu POLIN fechado, o relatório apresenta que 5.000 pessoas participaram de disponibilizações fílmicas *online*, visitas guiadas, caminhadas, oficinas e seminários *online*. Destaca-se nesse sentido uma conferência entre 26 a 28 de novembro de 2020 organizada por esse processo museal intitulada “Emoções e História”. Como abordar tópicos difíceis na escola?”, com um público total de 743

67 Disponível em: https://polin.pl/system/files/attachments/20211104_RAPORT_2020_EN.pdf <acesso em 27 de junho de 2023>

participantes de diferentes localidades do globo, sendo quase 300 professores. Outro ponto de destaque foram encontros *online* com a temática da cultura judaica e aulas de ginástica tendo idosos como público principal. O mesmo documento ainda comunica que no ano de 2019, a Associação do Instituto Histórico Judaico da Polônia e o museu Polin promoveram uma

a Common Roots campaign as part of the Ministry of Foreign Affairs grant. It was an information-educational campaign dedicated to the 1000-year history of Jews in Poland and to the Polish roots of the State of Israel. Six films were produced as part of the campaign: five virtual expert guided tours of the POLIN Museum core exhibition and of the locations in Warsaw which are particularly interesting for the Israeli audience, and one spot introducing the viewers to the campaign's idea. Films published on YouTube and Facebook channels were viewed 409,000 times. A series of educational meetings addressed to three groups of recipients was also realised as part of the campaign. Due to the pandemic, the meetings were held online. The first group consisted of 30 headmasters of Israeli high schools who are responsible for developing itineraries for their students' trips to Poland. Headmasters participated in webinars devoted to the most effective forms of educating Israel youth on our joint Polish-Jewish history. The second group comprised Israeli tour guides who visit Poland along with youth groups. A total of 49 Israeli guides (almost twice as many as we had anticipated) took part in webinars dedicated to, among others, various narrative threads in the core exhibition from the point of view of today's Israelis. The final group consisted of young people from Poland and Israel. During the webinars, they discovered common threads shared by the two nations and cultures. The meetings made it possible not only to discover these threads, but also to strike international friendships. Cooperation with the Association of the Jewish Historical Institute included also lectures for the Association's grantees which raised the issues of protection of the Jewish cemeteries and of the Jewish community residing in Poland.⁶⁸

68 Disponível em: https://polin.pl/system/files/attachments/20211104_RAPORT_2020_EN.pdf <acesso em 27 de junho de 2023>. Tradução: A campanha "Raízes Comuns", como parte da concessão do Ministério das Relações Exteriores, foi uma campanha informativo-educacional dedicada à história de mil anos dos judeus na Polônia e às raízes polonesas do Estado de Israel. Foram produzidos seis filmes como parte da campanha: cinco passeios virtuais guiados por especialistas da exposição principal do Museu POLIN e dos locais em Varsóvia que são particularmente interessantes para o público israelense, e um vídeo introdutório apresentando a ideia da campanha. Os filmes publicados nos canais do YouTube e Facebook foram visualizados 409.000 vezes. Também foi realizada uma série de reuniões educativas dirigidas a três grupos de destinatários como parte da campanha. Devido à pandemia, as reuniões foram realizadas online. O primeiro grupo era composto por 30 diretores de escolas secundárias israelenses responsáveis por desenvolver itinerários para as viagens de seus alunos à Polônia. Os diretores participaram de webinars dedicados às formas mais eficazes de educar a juventude israelense sobre a nossa história polonesa-judia conjunta. O segundo grupo era formado por guias turísticos israelenses que visitam a Polônia junto com grupos de jovens. Um total de 49 guias israelenses (quase o dobro do que tínhamos previsto) participaram de webinars dedicados, entre outras coisas, a vários fios narrativos na exposição principal do ponto de vista dos israelenses de hoje. O grupo final era composto por jovens da Polônia e de Israel. Durante os webinars, eles descobriram fios comuns compartilhados pelas duas nações e culturas. As reuniões tornaram possível não apenas descobrir esses fios, mas também estabelecer amizades internacionais. A colaboração com a Associação do Instituto Histórico Judaico também incluiu palestras para os beneficiários da Associação, que abordaram questões de proteção dos cemitérios judaicos e da comunidade judaica residente na Polônia.

3.7 Dia 07 - 10/07/2022 - Varsóvia

Neste dia seguimos em caminhada por lugares de memória relacionados ao Gueto de Varsóvia (Figuras 55 a 61). A vizinhança que mora próximo a essas localidades foi a primeira questão que surgiu devido à movimentação de turistas que impactam no cotidiano dessas pessoas. Muitos reclamam de barulho e nos foi relatado que alguns atos mais hostis já haviam acontecido com os peregrinos que passavam por esses sítios históricos. Dentre tantas explicações que nos foram dadas, algumas me chamaram mais atenção. Os memoricídios, epistemicídios e etnocídios que adiantavam o genocídio propriamente dito. A proibição das festas judaicas e da leitura da Torah eram formas de forçar um esquecimento do passado promovido pela máquina nazista. A educação de crianças na cultura judaica também era proibida, o que representa que tanto o passado com o futuro de judeus era legislado pelo regime, muitas dessas padeciam por fome, devido à falta de acesso a uma alimentação adequada. O trabalho era permitido, no formato forçado ou, em termos mais diretos, a escravização era algo constante com judeus, enquanto não tinham seu destino final em campos de extermínio. Alguns nomes de indústrias apareceram nesse sentido, tais como as indústrias de Oskar Schindler.

Figura 55: ruínas do Gueto de Varsóvia



Fonte: autor, 2022.

Figura 56: ruínas do Gueto de Varsóvia



Fonte: autor, 2022.

Figura 57: ruínas do Gueto de Varsóvia



Fonte: autor, 2022

Figura 58: ruínas do Gueto de Varsóvia



Fonte: autor, 2022

Figura 59: painel com mapa georreferenciado do Gueto de Varsóvia



Fonte: autor, 2022

Figura 60: participantes da MVU em frente às ruínas do Gueto de Varsóvia



Fonte: autor, 2022.

Figura 61: placas em metal cravadas nas calçadas da cidade onde se encontravam partes do Gueto de Varsóvia



Fonte: autor, 2022.

Ouvimos muitas outras histórias naquele dia, tais como a de pessoas que pulavam dos vagões de trem e voltavam para avisar os demais membros de suas comunidades sobre os assassinatos em massa que ocorriam no destino final. Esse destino, segundo Moche, seria informado pela BBC de Londres apenas em 1943, nos anos finais da Segunda Guerra. Muitos não acreditaram nos fatos noticiados, como a figura emblemática de Winston Churchill - governante da Inglaterra e nem mesmo os próprios judeus estabelecidos na Palestina. Apenas

quando os refugiados passaram a chegar nessa região que as informações são confirmadas. No entanto, mesmo com as proibições, as comunidades judaicas ainda assim promoviam suas festas e processos educativos de maneira clandestina. Outra denúncia que surgiu foi a de que Franklin Delano Roosevelt – presidente dos Estados Unidos - não queria bombardear Auschwitz para não parecer que estaria favorecendo os judeus.

Muitos outros assuntos relacionados surgiram nesse momento, dentre os quais, sobre as relações público-privadas e as consequências geradas no acesso aos vestígios do Gueto de Varsóvia; comparações de infraestruturas e destroços por meio de fotografias antes e depois da guerra; a situação de prédios públicos que se encontravam parte dentro e parte fora do Gueto; problematizamos a rua nos guetos como local de trânsito das informações e o papel dos judeus “sem fenótipo judaico”, portanto mais parecidos com poloneses, ou mesmo sem sotaque e sua função de informantes e espiões. Além desses, aspectos mais detalhados de como os nazistas agenciam a retomada do gueto quando do levante e o uso de armas como lança-chamas nesse processo, além de retornarmos a outros debates já mencionados no dia anterior.

Fomos até o Cemitério Judaico de Varsóvia (Figuras 62 a 69), onde pudemos nos aprofundar novamente sobre questões litúrgicas, culturais, simbólicas, dentre outras informações estéticas presentes em muitas das lápides e locais do cemitério. Uma das primeiras questões sobre a qual conversamos foi sobre a presença de um colega com sobrenome Cohen, que tem seu sobrenome relativo aos descendentes dos Cohanim, e suas relações com os cemitérios. Ele foi informado que não necessitava entrar se não quisesse, pois possui linhagem direta com a classe sacerdotal mais importante no tabernáculo e nos antigos Templos de Jerusalém. Não era permitido que essa classe pisasse ou tivesse contato com lugares impuros tais como cadáveres ou locais de enterro de pessoas mortas. Os cohanim, descendentes de Arão, eram pertencentes à tribo de Levi e tinham como funções sacerdotais, de abençoar as pessoas e realizar sacrifícios, dentre outras. Até hoje, os descendentes dessa linhagem, que não são apenas os com sobrenome Cohens, mas também com outras derivações, possuem certas regras específicas que devem seguir e até mesmo alguns privilégios.

Figura 62: placa do Cemitério Judaico de Varsóvia



Fonte: autor, 2022.

Figura 63: participantes da MVU em frente às lápides do Cemitério Judaico de Varsóvia



Fonte: autor, 2022.

Figura 64: monumentos e túmulos do Cemitério Judaico de Varsóvia



Fonte: autor, 2022.

Figura 65: monumento no Cemitério Judaico de Varsóvia



Fonte: autor, 2022.

Figura 66: monumento relacionado ao Gueto de Varsóvia no Cemitério Judaico de Varsóvia



Fonte: autor, 2022.

Figura 67: divulgação de projeto de conservação em curso no Cemitério Judaico de Varsóvia



Fonte: autor, 2022.

Neste lugar de memória, pudemos conhecer a biografia resumida de muitos nomes, tais como Ludwik Lejzer Zamenhof, oftalmologista polonês, criador da língua Esperanto; Adam Czerniakow representante do Conselho Judaico (*Judenrat*) criado pelos nazistas na cidade de Varsóvia. A memória de Adam deu margem para que nos aprofundássemos na questão do suicídio para o judaísmo, pois o mesmo tirou sua própria vida ao não se submeter a ordens nazistas.

Os alemães esperavam que Czerniakow implementasse suas ordens, incluindo exigências de trazer judeus para efetuar trabalho escravo, e confisco de propriedades judaicas. No entanto, Czerniakow usou (sic) sua posição para tentar aliviar a brutalidade das medidas alemãs, e estabeleceu, ainda que precariamente, cozinhas, oficinas e escolas vocacionais. Ele constantemente pedia por melhores condições. Em julho de 1942 ele cometeu suicídio para não ter que ajudar os alemães a capturar judeus escondidos para envio aos campos nazistas.⁶⁹

Este debate sobre suicídio na comunidade é extremamente complexo e repleto de

69 Cf. <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/film/adam-czerniakow-chairman-of-the-jewish-council-in-warsaw>

exceções relativas à proibição deste ato, tendo como uma das mais conhecidas consequências, o enterro da pessoa em uma parte distinta dos cemitérios. No entanto, no caso de Adam e sua esposa Felícia, ambos foram enterrados na parte convencional do cemitério por se tratar de uma situação de alta pressão à qual foram submetidos. Este caso nos remete ao do jornalista Vladimir Herzog, assassinado na ditadura militar brasileira e dado como suicida pelas autoridades à época, mas enterrado como não suicida pelo rabino Henry Sobel.

Vimos nos túmulos outros nomes como o de Marek Edelman militante antinazista polonês; de artistas de diferentes áreas; o túmulo do supracitado Janusz Korczak e um memorial e escultura em sua homenagem em uma praça próxima (figura 70 e 71). Encerramos esse dia falando também de mais uma justa entre as nações, Irena Sendler, uma assistente social polonesa não judia responsável por salvar cerca de 2.500 crianças judias do Holocausto. Seu método de ação consistia em promover a adoção desses jovens, e guardar seus nomes enterrados no quintal de sua casa para posteriormente localizar suas famílias. Seu heroísmo lhe rendeu em 2007 uma indicação ao Prêmio Nobel da Paz. Após esses dias intensos em Varsóvia, partimos de trem para Berlim. Desde a entrada na fronteira com a Alemanha e ao chegarmos na estação central de Berlim, pudemos acompanhar parte dos processos burocráticos internacionais alfandegários e de assistência social a refugiados da guerra entre Ucrânia e Rússia.

Figura 68: escultura sobre lápide no Cemitério Judaico de Varsóvia



Fonte: autor, 2022.

Figura 69: túmulo de [Ludwik Zamenhof](#), criador da língua Esperanto



Fonte: autor, 2022.

Figura 70: placa memorial sobre Janusz Korczak



Fonte: autor, 2022.

Figura 71: escultura representando Janusz Korczak e crianças pelas quais era responsável.



Fonte: autor, 2022.

3.8 Dia 08 - Berlim - 11/07/2022

Em nosso primeiro dia em Berlim (figuras 72 a 90), visitamos o Portão de Brandenburgo; partes do Muro de Berlim; dentre tantos outros lugares de promoção da memória, enquanto ouvíamos Moche sobre a história da Alemanha desde seus primórdios. Seguimos pela região central, adentrando ao parque Tiergarten, onde logo passamos pelo Memorial aos Sinti e Roma Assassinados sob o Nacional-Socialismo⁷⁰, fundado apenas em 2012.

Figura 72: estação de trem de Berlim



Fonte: autor, 2022.

70 Projetado em 20 anos pelo artista israelense Dani Karavan.

Figura 73: Memorial aos Sinti e Roma Assassinados sob o Nacional-Socialismo



Fonte: autor, 2022.

Os Cintes e Roma são povos ciganos nômades de tradição ágrafa advindos originalmente do norte da Índia. O referido monumento, é espelho d'água, de formato circular e com um triângulo em seu centro. As flores são diariamente colocadas no centro do triângulo, sempre que secam. Ao redor dessa estrutura existe uma expografia grafada em painéis ao redor do local com informações cronológicas sobre o extermínio desse grupo por parte dos nazistas. A instalação se encontra praticamente ao lado do Parlamento e demais prédios oficiais.

Logo em seguida, ainda no mesmo parque, fomos ao Monumento aos Homossexuais Perseguidos sob o Nazismo⁷¹, inaugurado em 27 de maio de 2008. A instalação em concreto tem formato de paralelepípedo e um orifício onde podemos observar uma projeção contínua de vídeos contendo cenas de casais homoafetivos e outras expressões de afeto entre pessoas

71 Obra dos artistas Dani Karavan. dinamarquês-peruano Michael Elmgreen e do norueguês-inglês Ingar Dragset.

LGBTQIAPN+.

Figura 74: Monumento aos Homossexuais Perseguidos sob o Nazismo



Fonte: autor, 2022.

Depois de compreendermos por meio dos monumentos que representam outras vítimas do nazismo, que não apenas membros de nossa comunidade, fomos até o conhecido Memorial aos Judeus Mortos da Europa ou Memorial do Holocausto,

tendo sido inaugurado em 10 de maio de 2005, dois dias após as cerimônias referentes ao sexagésimo aniversário da rendição incondicional da Alemanha na Segunda Guerra Mundial [...] estando a poucos metros do Parlamento, ao sul do Portão de Brandemburgo: sua área aproximada é de dezenove mil metros quadrados, contendo 2711 pilares de concreto (chamados de estelas), cada um com 95 centímetros de largura, e alturas que variam entre 0,2 a 4 metros. Essas estruturas estão separadas entre si por 95 centímetros,

dispostas ao longo dos mais de dois mil metros de comprimento [...]. Complementando o Memorial, há em seu subsolo na parte sudeste, a chamada “Haus der Erinnerung” (“Casa da Memória”), um local que abriga exposições, com documentações de um banco de dados que disponibiliza a biografia de cerca de 700 vítimas do Holocausto. Os processos de concepção, elaboração e construção do Memorial denotaram mais de uma década na Alemanha pós-reunificação, onde o início das discussões sobre uma possível homenagem aos judeus mortos no Holocausto se deu no ano de 1989, através de uma iniciativa civil. Em 1992, o Chanceler da Alemanha reunificada, Helmut Kohl, passou a apoiar abertamente o projeto, dando-lhe o suporte do governo federal. Cerca de cinco anos depois, autoridades alemãs organizaram um simpósio sobre o Memorial, além de um novo concurso (o anterior, ocorrido em 1995, acabou não tendo resultados palpáveis), que elegeu a proposta do arquiteto estadunidense Peter Eisenman e do escultor inglês Richard Serra como a melhor para a construção do Memorial o que, com mudanças posteriores, foi realizado entre os anos de 2003 a 2005. O período de seis anos entre a escolha do projeto e o término das obras do Memorial ficou conhecido como o “Mahnmal-Debatte” (“Debate sobre o Memorial”), com grande repercussão na imprensa e nos meios acadêmicos alemães [...]. A construção do Memorial, por sua estruturação inserida em temáticas tão sensíveis, passou por diversas polêmicas. Segundo Georg Pfleiderer (1999, p. 247-61), em 1998, o ensaísta alemão Martin Walser, ao receber um prêmio dado pela Associação Alemã de Editores, proferiu um discurso que se opunha frontalmente à existência do Memorial: dentre outros argumentos, Walser afirmou que não concordava com sua construção, por achar que isso exporia uma interminável vergonha da história alemã, além de questionar qual seria o ganho da sociedade em evocar “perpetuamente esse pecado” (PFLEIDERER, 1999, p. 251-256). As declarações repercutiram na Alemanha, com diversas vozes criticando os argumentos de Walser. Um dos mais contundentes foi o então Presidente do Conselho Judeu Alemão, Ignatz Bubis: para ele, não havia possibilidade da sociedade alemã contemporânea ser um ente “normalizado” com relação à História e Memória do país. Bubis acrescentou que Auschwitz somente faria sentido através de sua constante rememoração, no Estado ou através dos indivíduos, com representações em cerimônias ou até mesmo por uma memória ritual [...]. (PINTO, 2017, p.94)

Figura 75: Memorial aos Judeus Mortos da Europa

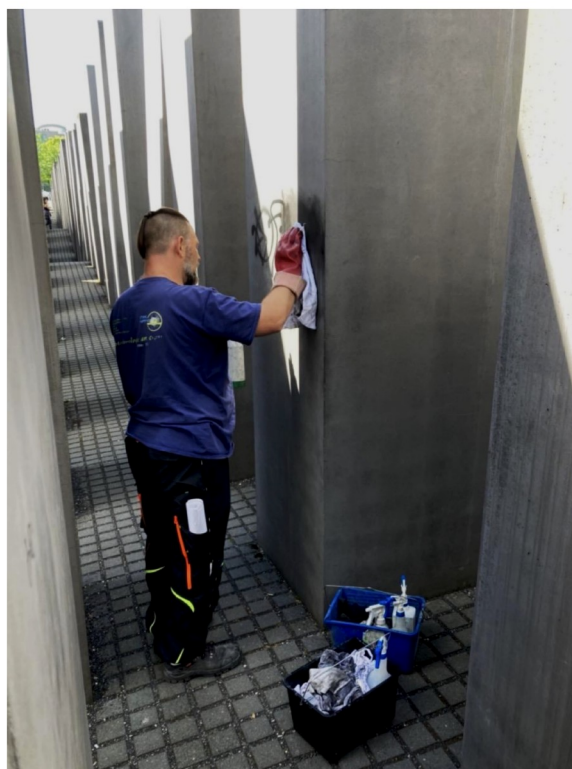


Fonte: autor, 2022.

Neste memorial, pudemos problematizar um tópico que tem sido recorrente em diferentes lugares de memórias, especialmente as traumáticas, ao redor do mundo, como por exemplo, o desrespeito por parte de turistas a estes espaços. Nos foi denunciado que naquele lugar, pichações, festas, *selfies* glamurosas aconteciam de um modo a gerar um uso recreativo

de lugares de memórias da dor. No mesmo dia em que estivemos lá, enquanto andava por aquele labirinto de concretos em formatos que lembram o de lápides, pude acompanhar crianças correndo pelo local sem a supervisão de seus responsáveis, um casal de namorados passeando de maneira romântica pelo local e um funcionário realizando ações de conservação e extração de pichações com produtos químicos.

Figura 76: funcionário do Memorial aos Judeus Mortos da Europa retirando pichação



Fonte: autor, 2022.

Além desses principais monumentos, no mesmo dia visitamos uma série de outros locais com longas caminhadas pelas ruas de Berlim. Dentre esses, a Universidade de Humboldt, local onde Albert Einstein, Karl Marx e Friedrich Engels estudaram; a praça Bebelplatz, logo em frente à essa instituição onde a emblemática cena de livros sendo queimados pelos nazistas ocorreu. No local da queima de livros, está uma instalação-monumento "A biblioteca vazia". Além disso, visitamos o Monumento aos Alemães Mortos na Primeira Guerra; o Monumento ao protesto de Rosenstrasse de 1943; o Museu Otto Weidt; dentre muitos outros pontos de memória e turísticos.

Figura 77: Universidade Humboldt



Fonte: autor, 2022.

Figura 78: memorial "A biblioteca vazia"



Fonte: wikimedia.org

Enquanto caminhávamos de um ponto a outro, no dispositivo de áudio que carregamos, ouvíamos as provocações de Moche, como por exemplo: “Por que Berlim não tinha Guetos?”. Nessa oportunidade, entrávamos em aspectos que até então em nosso ensino de história sobre a temática ainda não havíamos nos questionado. Segundo ele, não havia guetos ali devido a um possível problema de opinião pública que poderia ser gerado nacional e internacionalmente. Isso poderia impactar politicamente o estado alemão, e consequentemente, em termos estratégicos, os interesses nazistas. O fato de não haver guetos não implicou na ausência de perseguições contra os judeus berlinenses que também sofreram

deportações a campos de concentração e extermínio. Outro relato importante de Moche foi o depoimento de um sobrevivente judeu berlinense que se refugiou no Kibutz onde morou, pai de uma colega também alemã. Este senhor, que havia esquecido o nome, foi submetido a trabalho escravo pelos nazistas por 6 anos, com jornadas diárias de 18h no serviço de limpeza.

Durante a caminhada ouvimos também sobre a Noite dos Cristais (9 e 10 de novembro de 1938) ocorrida não apenas em Berlim, mas em variadas cidades nazistas. O episódio foi um marco para escalonamento da perseguição nazista aos judeus, com depredações aos patrimônios privados e comunitários judaicos, tais como casas, comércios e sinagogas. Os ataques eram realizados pelas autoridades em parceria com civis. Ademais, por onde passávamos víamos intervenções artísticas antinazifascistas e de promoção da memória das vítimas do nazismo.

Figura 79: placas em metal cravadas em calçadas de Berlim, com nomes de vítimas da Shoá gravadas, bem como os respectivos campos onde foram assassinadas.



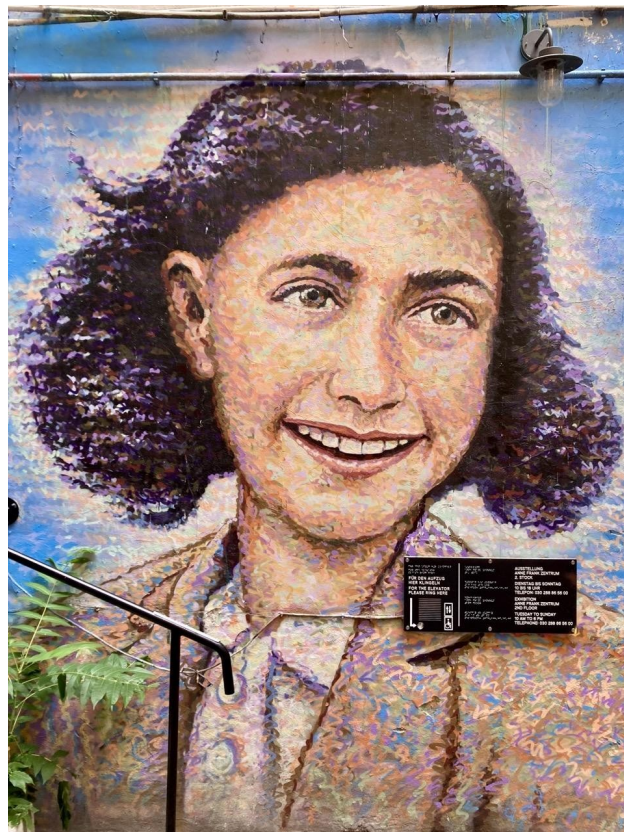
Fonte: autor, 2022.

Figura 80: intervenção artística antinazista colada em calçada



Fonte: autor, 2022.

Figura 81: representação de Anne Frank em grafite em frente ao Anne Frank Center



Fonte: autor, 2022.

Figura 82: intervenção artística antinazifascista próximo ao Anne Frank Center



Fonte: autor, 2022.

Após visitarmos locais importantes para comunidade judaica de Berlim, tais como uma sinagoga liberal alemã e sabermos mais sobre o reformismo judaico, e o judaísmo conservativo, adentramos posteriormente ao Museu Judaico de Berlim. O museu, que abarca dois mil anos de história e cultura judaica na Alemanha, possui exposições de longa duração, de curta duração e coleções de distintas tipologias. Segundo o site do museu, constam na coleção, cerca de

9,500 works of art, 1,000 objects of applied art, 1,500 objects of religious use, 4,500 objects of material culture, 24,000 photographs, more than 1,700 individual collections in the Archive, and approximately 11,000 volumes in the Library's historical holdings. The objects in our collection illustrate Jewish culture and history, provide material for research, and last but certainly not least, to commemorate the people whose stories they tell.⁷²

72 Tradução: 9.500 obras de arte, 1.000 objetos de arte aplicada, 1.500 objetos de uso religioso, 4.500 objetos de

Figura 83: Nova Sinagoga de Berlim



Fonte: autor, 2022.

Figura 84: Nova Sinagoga de Berlim

cultura material, 24.000 fotografias, mais de 1.700 coleções individuais no Arquivo e cerca de 11.000 volumes nas coleções históricas da Biblioteca. Os objetos em nossa coleção ilustram a cultura e a história judaicas, fornecem material para pesquisa e, por último mas certamente não menos importante, comemoram as pessoas cujas histórias eles contam. Cf. <https://www.jmberlin.de/en/areas-of-interest> <acesso em: 05 de dezembro de 2023>



Fonte: autor, 2022.

Figura 85: instalação Schalechet, no Museu Judaico de Berlim



Fonte: autor, 2022.

Figura 86: módulo expositivo no Museu Judaico de Berlim



Fonte: autor, 2022.

Figura 87: instalação Breaking of the Vessels, Museu Judaico de Berlim



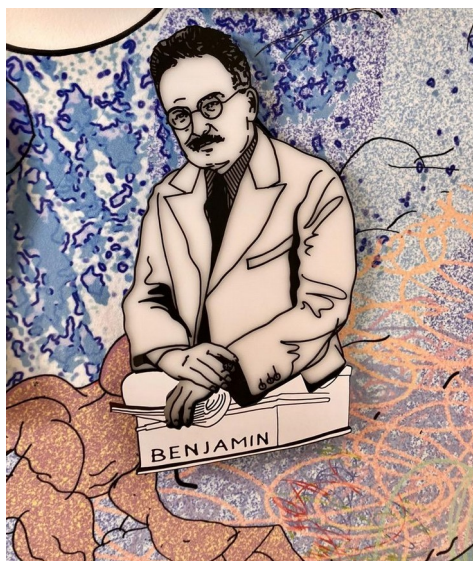
Fonte: autor, 2022.

Figura 88: instalação com representação de personalidades judias famosas, no Museu Judaico de Berlim



Fonte: autor, 2022.

Figura 89: representação de Walter Benjamin, no Museu Judaico de Berlim



Fonte: autor, 2022.

Figura 90: representação de Alfred Dreyfus, Museu Judaico de Berlim



Fonte: autor, 2022.

3.9 Dia 09 - 12/07/22 - Berlim

A Floresta Verde, que abriga a estação 17 em Grunewald (Figuras 91 e 92), foi nossa primeira parada neste dia, onde logo no começo passamos a falar sobre a relação da Suíça com a Segunda Guerra Mundial e sua suposta posição de neutralidade. Moshé nos informava sobre organizações que atualmente realizam processos de investigação e reparação judaicas

acerca de bens de judeus que não sobreviveram ao nazismo. Essas vítimas possuíam recursos financeiros alocados em bancos suíços, bem como em outros países europeus e, atualmente, organizações como o Comitê Judáico Americano para Reivindicações Materiais contra a Suíça fazem este serviço de restituição desses bens às famílias e comunidades judaicas. Além das reivindicações de reparação e devolução de patrimônio financeiro judaico, falamos sobre a “*Claims conference against Germany*” que é uma organização que até os dias atuais busca justiça reparatoria para as vítimas do Holocausto. A estação em que estivemos, na plataforma 13, era mais uma das utilizadas para o transporte de judeus aos campos de concentração. Ali havia um monumento com o número de deportados, os lugares para os quais foram, as datas e o número da linha. Dali, vimos mais alguns monumentos e seguimos para outro processo museal.

Figura 91: Plataforma 17 em Grunewald



Fonte: autor, 2022.

Figura 92: participantes na Plataforma 17 em Grunewald



Fonte: autor, 2022.

O Haus der Wannsee-Konferenz (Casa da Conferência de Wannsee) é um prédio antigo musealizado, propriedade original da família judia Blumenthal, que fora roubada pelos nazistas em 1942. Dentre as várias exposições presentes sobre as temáticas da memória do holocausto e sobre a própria Conferência de Wannsee (figuras 93 a 96), que tratou do tema da solução final para a questão judaica, existe também uma instalação cenográfica que reproduz

exatamente a mesma sala onde a conferência foi realizada. O local, por estar na beira do lago Wannsee, se tornou um local de casa de clube de encontro, férias e repouso para oficiais alemães de folga ou feridos. Neste espaço com usos ressignificados a partir de sua apropriação, memórias e debates sobre a operação Barbarossa, teoria e guerra das raças a partir de hierarquizações raciais. A partir desse, temas como antissemitismo de extermínio; anti comunismo; culto ao líder; guerra como meio para o território vital⁷³; genocídio armeno; dentre outras questões ligadas à história da Segunda Guerra envolvendo EUA, URSS e Japão também foram suscitadas. Dali, seguimos para outra instituição museológica de Berlim.

Figura 93: Haus der Wannsee-Konferenz



Fonte: autor, 2022.

Figura 94: fotografia de sinagoga incendiada pelos nazistas em Siegen, Alemanha, em 10 de novembro de 1938

⁷³ Conceito geopolítico nazista para justificar a invasões e expansão territorial alemã como justificativa para a purificação racial da Europa oriental.



Fonte: autor, 2022.

Figura 95: ação educativa na Haus der Wannsee-Konferenz



Fonte: autor, 2022.

Figura 96: mulheres e crianças judias do gueto de Mizoch, antes de sua execução na Ucrânia, em 14 de outubro de 1942



Fonte: autor, 2022.

Após o almoço, visitamos o complexo do Museu Topografia do Terror (figuras 97 a 101), aberto ao público em 2010, situado no antigo prédio que sediou a Gestapo⁷⁴, a Schutzstaffe (mais conhecida como SS) e quartel general principal da polícia nazista, com celas, porões, subsolo e ruínas do muro de Berlim visitáveis. Em diferentes exposições de curta e longa duração, tanto no interior como no exterior do prédio, o museu, apesar de abarcar muitos dos pontos já tratados até então, tem como foco o aprofundamento sobre os crimes nazistas e suas vítimas. Nesse sentido, é interessante notar que essa instituição tem como público principal, os próprios alemães, no sentido da necessidade de assumirem, enquanto população, as responsabilidades memoriais coletivas sobre os ocorridos durante o regime nazista. Neste dia, pudemos verificar a visita de escolas e de um grupo de militares em formação.

Na instituição museal supracitada comprei um catálogo intitulado “Em memória das crianças”, com artigos com os seguintes títulos: O assassinato de crianças deficiente e a juventude no Comitê de Procedimentos do Reich (1939 -1945), de Sasha Topp; Ação T4 – Crianças e juventude como vítimas do programa nazista centralizado de eutanásia (1940-41), de Petra Fuchs; Crianças e adolescentes no Asilo Mental de Bradenburg-Görden, Thomas Beddies e Kristina Hüberner; Experimentos mortais em crianças - Centro de pesquisa de Carl Schneider no Departamento de Psiquiatria da Universidade de Heidelberg (1943/44), de

74 Polícia Secreta Nazista

Maike Rotzoll, Volker Roelcke e Gerrit Hohendorf; Crianças como vítimas de experimentos médicos em campos de concentração, de Astrid Ley. Dentre os textos, me chamou a atenção, a declaração, na ocasião do serviço memorial (18 de setembro de 2010, em Potsdam), da presidência da Sociedade Alemã de Pediatria e Medicina Adolescente:

Rememoramos as crianças e adolescentes que foram segregados da chamada Volksgemeinschaft, a comunidade nacional, enviados para asilos e esterilizados, que foram usados para experimentos humanos e milhares dos quais se tornaram parte do assassinato organizado de crianças doentes durante a Segunda Guerra Mundial. Em vez de perceber esses meninos e meninas doentes e deficientes como pacientes ou enfermos sob sua proteção, seus médicos e cuidadores os usaram em experimentos duvidosos, os deportaram e os mataram. Médicos e enfermeiros traíram, da pior maneira possível, a dependência universal das crianças de adultos, a confiança que as crianças naturalmente depositam nos responsáveis por seus cuidados. Até mesmo os pais e as famílias foram intencionalmente enganados: em muitos casos, eles entregaram seus filhos na esperança de que recebessem tratamentos modernos e promissores. Até o final da Segunda Guerra Mundial, mais de 10.000 crianças e adolescentes foram vítimas de vários programas que promovem o extermínio da "vida indigna de viver"; os pediatras encaminharam muitos deles para autoridades de saúde estaduais politicamente doutrinadas, inspecionaram-nas, usaram-nas para experimentos e causaram suas mortes. [...] (p.09) (Tradução do autor)

Senhoras e senhores, todos os ramos da ciência, especialmente a biociência e as disciplinas médicas, devem ter limites éticos e legais claros. No que diz respeito à pesquisa e ao atendimento ao paciente, a proteção da dignidade humana individual e dos direitos humanos deve vir antes da importância de quaisquer metas estabelecidas. A ciência está vinculada aos direitos essenciais e à dignidade inviolável de cada indivíduo. Crianças e adolescentes têm direito aos mesmos direitos. (p.10) (Tradução do autor)

Figura 97: parte externa do Museu Topografia do Terror com as ruínas dos prédios institucionais nazistas e ao fundo fragmentos do Muro de Berlim



Fonte: autor, 2022.

Figura 98: participantes em frente à entrada do Museu Topografia do Terror



Fonte: autor, 2022.

Figura 99: espelho d'água no interior do prédio do Museu Topografia do Terror



Fonte: autor, 2022.

Figura 100: fotografia exposta no Museu Topografia do Terror, com crianças fazendo saudação nazista



Fonte: autor, 2022.

Figura 101: oficiais em ação educativa de formação militar no Museu Topografia do Terror



Fonte: autor, 2022.

Após sairmos do museu Topografia do Terror, fizemos uma roda de reflexão e debate embaixo de árvores próximas a essa instituição de memória tão importante. Ali, pensamos sobre o que levamos da viagem. Falamos principalmente sobre os momentos mais marcantes e pensamos em fotos representativas para a construção de um álbum coletivo. Pensamos também sobre os mais diversificados olhares para os mesmos problemas. Um dos temas que mais me marcaram ali foi a pergunta sobre se é possível humanizar um nazista, ainda sem resposta para mim. Essa questão desencadeou muitas outras questões sobre violência, vingança e seu poder de alívio imediato mas de possível culpa posterior e sobre a humana incapacidade de processar tudo que vimos até então.

Nesse círculo de trocas de experiências falamos sobre o (re)acesso às nossas identidades e temas geradores desencadeados em nossas subjetividades, tais como a vontade de estudar mais hebraico; da ausência do tema sobre a Cultura judaica Sefaradi na Marcha; da necessidade de estar alerta e nos cuidarmos reciprocamente frente às próprias intolerâncias internas da marcha; sobre as duas facetas da beleza e da barbárie presentes na humanidade. Também falamos sobre aspecto filosófico do que seria ser um ser humano; de desproporção entre os executados enquanto vítimas e enquanto gestores do genocídio e sobre a necessidade de uma educação mais crítica.

Ainda nesse ambiente de trocas, falamos sobre a dimensão do trabalho dos nazistas nessa indústria da morte e as consequências reparatorias pós regime nazista; relembramos do Centro Comunitário Judaico de Cracóvia e suas ações e memórias; falamos sobre a ideia de polarização relacionada a ideia de idolatria partindo da cosmovisão judaica relacionando a questões políticas nacionais candentes à época; sobre a necessidade de superar assuntos tabus e maniqueísmos, dentre dezenas de outros tópicos potentes e urgentes tais como as próprias questões de gênero dentro dos judaísmos. Após nossas percepções enquanto marchantes, nossos coordenadores também se expressaram nesse momento que foi a primeira Marcha da Vida pós pandemia.

Karina, nossa coordenadora, falou sobre uma notável solidariedade presente no grupo; sobre a diferença entre homem e ser humano; sobre a psicologia humana como cachoeira e que automatismos são quebráveis com escolhas diárias. Tivemos a fala final de nosso guia Moshé que, ao longo da viagem, não pôde acompanhar o nascimento de seu novo neto mas que agora o conheceria. Ele também mencionou suas dificuldades ligadas à pandemia e fez uma alegoria sobre como guiamos nossas vidas e Israel e seus lagos Mar da Galileia e Mar Morto. O primeiro, de água doce, doa e recebe águas, enquanto que o Mar Morto só recebe. Solange centrou-se na ideia de Tikun Olam e na construção de um olhar de transformação e que os coordenadores tinham ali um papel de agregadores. Celso tocou em pontos ligados ao contato com a banalização da desumanização e a necessidade de nos humanizarmos e do desabrochamento de pensamentos futuros; de transcender a tolerância para uma dimensão de respeito.

3.10 Dia 10 - 13/07/22 - Jerusalém

Neste dia, logo começamos com uma mudança logística decorrente da visita de Joe Biden a Israel, mais especificamente no Yad Vashem. Assim, tivemos de realizar nossa abertura no Monte das Oliveiras (figura 102) - local sagrado para muçulmanos, cristãos e judeus - com nosso novo guia, André. Para os judeus, a sacralidade se deve à interpretação de que ali será o local onde o Messias virá e os mortos ressuscitarão, além de que, próximo dali está um dos cemitérios mais importantes e antigos: o Cemitério Judaico de Jerusalém.

Figura 102: Cemitério Judaico de Jerusalém - Monte das Oliveiras



Fonte: freepik.com

Desse referido local de memória, seguimos para a tumba do rei Davi⁷⁵ no monte Sião, local de disputa memorial e narrativa dentro das próprias comunidades judaicas e instituições de Estado israelense e demais religiões e etnicidades (cristianismo, islamismo e palestinos), devido também à sua posição geográfica. Da tumba, seguimos para nosso almoço na Menorah Dourada (figura 103), monumento que relembra a era dos antigos templos de Jerusalém, com as simbologias de iluminação e divindade. Para além de um significado metafísico, o artefato colocado em uma das principais praças públicas da cidade representa a Jerusalém unificada

75 Cf. Visitação guiada virtual in: https://santosepulcro.co.il/tours/mini_tours/en/KingDavidEn/html5/david-en.html

após a Guerra dos Seis Dias (1967), sendo portanto um símbolo identitário nacional israelense, que está presente em vários brasões e bandeiras institucionais.

Figura 103: Menorah Dourada, em Jerusalém



Fonte: tripadvisor.com

Logo após almoçarmos, fomos até o Kotel e ao Kotel Misto (figuras 104 a 106), parte do Muro das Lamentações reservada para públicos não ortodoxos e para eventos das comunidades judaicas onde mulheres e homens podem estar presentes sem separações e barreiras físicas, como ocorre em sinagogas e no próprio Kotel oficial. Nesse local sagrado, aprendemos sobre a história do primeiro templo ou também conhecido como Templo de

Salomão (construído em cerca do século X antes da era comum e destruído pelos Babilônios em 586 antes da era comum) e do Segundo Templo erguido no mesmo local após o exílio babilônico, foi reformado e teve sua área ampliada pelo imperador Herodes no século I antes da era comum e destruído no ano 70 da era comum.

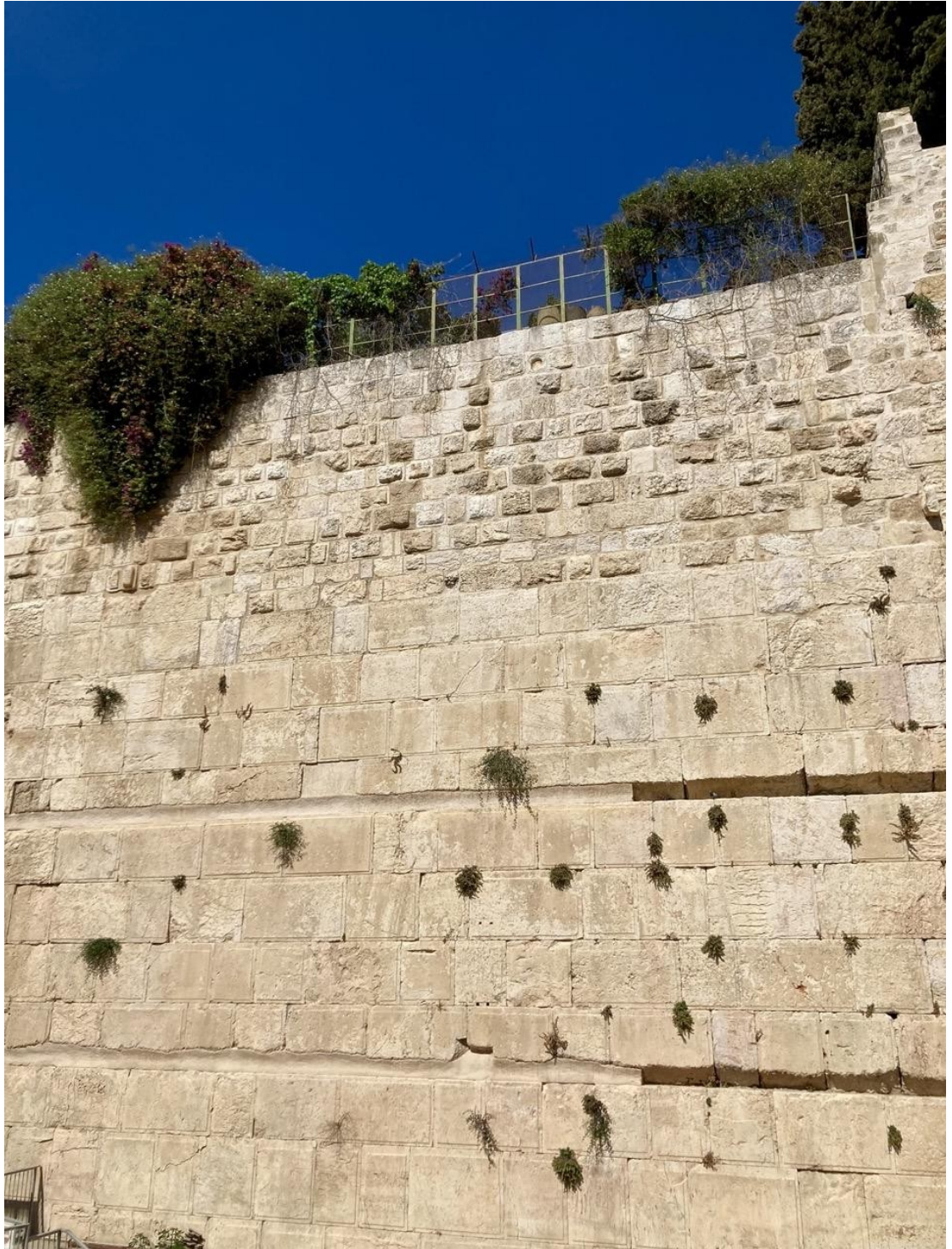
O acesso ao Kotel também foi problematizado em cada época em que o mesmo foi ocupado por diferentes Impérios, como por exemplo no Império Turco Otomano, (século XIII a XX), quando judeus tinham um acesso bastante restrito ao local. Neste contexto, também debatemos sobre todos os grupos judaicos que disputam este lugar de memória, peregrinação e espiritualidade. Também tratamos sobre uma ideia advinda do Talmude de que o ódio entre os próprios judeus seria o real motivo para a destruição do templo, ou seja, o impacto de nossa desunião enquanto povo que deu ênfase em nossas discordâncias e diferenças e as consequências disso para todo nosso grupo etnicorreligioso. Depois disso, pudemos fazer nossas rezas e meditações no Kotel ortodoxo e tivemos dia livre para conhecermos a cidade.

Figura 104: ação educativa no Kotel misto



Fonte: autor, 2022.

Figura 105: ação educativa no Kotel misto



Fonte: autor, 2022.

Figura 106: participantes em frente ao Kotel



Fonte: autor, 2022.

3.11 Dia 11 - 14/07/22 - Jerusalém

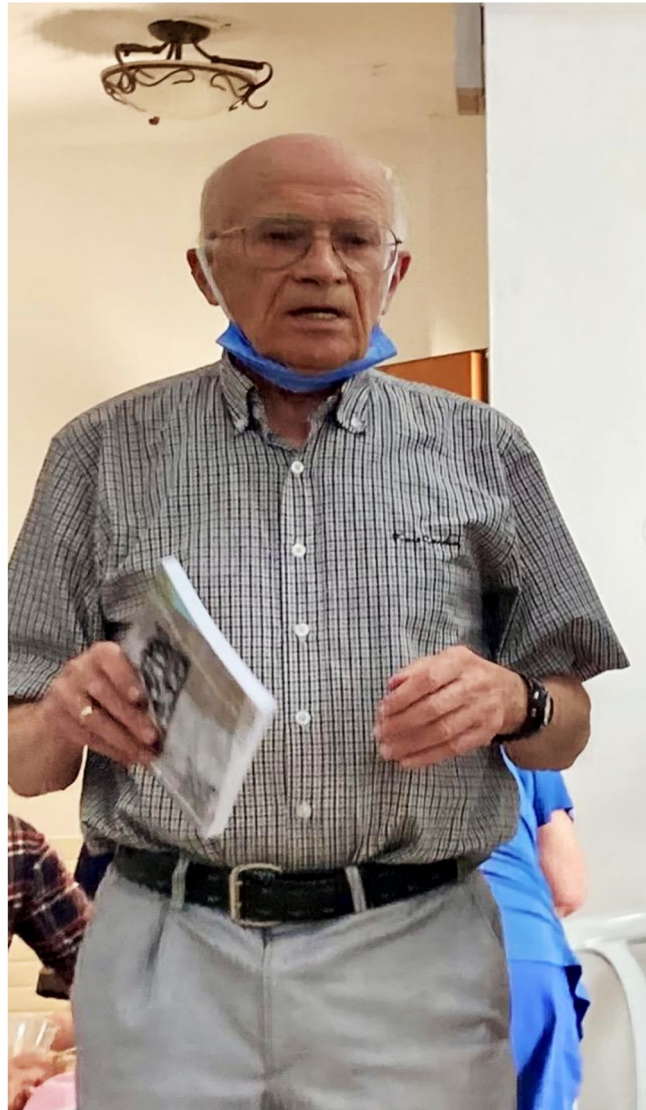
Neste dia, após visitarmos, na cidade velha de Jerusalém, o bairro judeu e passarmos rapidamente pelo bairro cristão e armênio, nos deslocamos até o lar de idosos Ner Yakov (figuras 107 a 110), que acolhe e cuida de sobreviventes do Holocausto. Essa visita foi uma surpresa organizada por nossos coordenadores, até então não sabíamos para onde estávamos indo. Fomos recepcionados por Inge Buhs, uma alemã da Bavária cristã voluntária da instituição. Depois de muita luta, a população local e até os policiais da região que assistem com maior cuidado o lar de idosos, Inge Buhs conseguiu sua cidadania israelense e há décadas se dedica ao cuidado dos idosos. Nessa atividade da Marcha, conseguimos nos aproximar enquanto juventude de sobreviventes da Shoá. Assim, conhecemos as narrativas de vida de dezenas de idosos e idosas. Foi um momento de intensa emoção para todos nós e pouco me ative às minhas anotações e imergi nessa experiência, perdendo muitas informações como nomes, datas e lugares. Mesmo assim, a conexão afetivo-emocional gerada a partir das memórias dessas pessoas nos tocou e nos transformou profundamente. Dentre as lembranças sobre o local, tentarei resumi-las nas linhas que seguem a partir de fragmentos de anotações, fotografias, ou de lampejos imagéticos que me restaram como memória.

Figura 107: escuta de memórias de sobreviventes da Shoá, no lar de idosos Ner Yakov



fonte: autor, 2022.

Figura 108: professor Mikhail Shteinman, sobrevivente da Shoá



Fonte: autor, 2022.

Figura 109: interação entre participantes da MVU e idosos sobreviventes da Shoá, no lar de idosos Ner Yakov



Fonte: autor, 2022.

Figura 110: escuta de memórias de sobreviventes da Shoá, no lar de idosos Ner Yakov



Fonte: autor, 2022.

Bela Staimer nasceu em um dos guetos judaicos do período nazista em 05 de janeiro de 1942, onde crianças recém nascidas eram exterminadas, todavia, sobreviveu escondida em uma barriga e em 1996 chegou em Israel.

Meir se dizia orgulhoso do que via em Israel nos dias atuais, e que era pertencente a uma geração de sobreviventes que fizeram Alyah ilegalmente, e que por isso havia sido preso o Chipre pelos britânicos. Falou também sobre a Guerra de Independência de Israel, quando entrou nas forças armadas e teve de segurar uma arma, o que não pôde fazer contra os nazistas. Destacou o desenvolvimento para ele enquanto resultado da luta pela independência, em um momento de fome e fracionamentos de comida até o final dos anos 50. Nos disse também que muitos foram os sobreviventes que morreram nas guerras de independência, construíram famílias e convidou as novas gerações para “se juntarem a nós”, acrescentando que “Israel é o único país que tem seus portões abertos, enquanto nos outros países o antissemitismo cresce”.

Iulia nos dizia que quando nasceu os nazistas procuravam por armas nas residências judaicas e que sua mãe, austríaca, acabou por encantar um oficial alemão que sempre voltava para visitá-las. Certa vez, o oficial chegou e pegou seu irmão rezando e arrancou dele seu Tefilin e Talit e pisou sobre eles, dizendo que por judeus amarrarem seus braços, acabavam não trabalhando e que logo sua mão protestou contra o ato, falando em defesa das tradições. Ela nos disse que acabou sendo resgatada por uma família polonesa posteriormente e, debochando em relação à fala do soldado nazista, ela brincou dizendo para vermos hoje o Estado que os judeus de mãos amarradas construíram. Dos cinco sobreviventes de sua família, nos disse que era a única viva e que a última vez que viu sua mãe, fora aos 11 anos de idade. Nos narrou também uma cena terrível de quanto em determinado momento o gueto em que vivia se encontrava completamente deserto e que saiu andando pelo local e ao adentrar em uma casa com a porta aberta havia visto uma menina decapitada. Aquela cena ainda permanece em sua memória e que a faz pensar “ quem fez aquilo?”.

Outro sobrevivente nos relatou que aos 6 anos de idade, no começo da Guerra estava com seu pai, mãe e irmão e ouviram uma confusão feita pelos alemães que estavam sempre os aterrorizando e batendo nas portas. Sua mãe ouviu os barulhos e sua mãe os pegou e os alemães entraram com lanternas apontadas para seus rostos. Sua mãe gritou dizendo para que

os oficiais se afastassem, pois estavam doentes com tifo. Eles fugiram e por isso sobreviveram. Depois disso, sua mãe os pegou e levou os irmãos para a casa de uma amiga ucraniana. Nos dizendo da dificuldade de falar sobre aquilo, continuou e relatou que os alemães sempre procuravam pelas judias jovens e nos contou que também aos 6 anos um alemão havia entrado na casa de um vizinho e estuprou sua filha. Emocionado, nos disse que lembra de muitos outros acontecimentos, mas que naquele dia preferia apenas cantar.

Sara Mathias nos contou que seu pai e seu avô morreram no campo de concentração de Sachsenhausen e que conseguiu ir para Israel graças à ajuda de um advogado da Cruz Vermelha. Nos contou também que obteve ajuda para localizar onde seus familiares morreram, próximos à Berlim, e conseguiram ir até lá. Segundo ela, a razão de uma das execuções foi por roubar um pedaço de pão. Ela ainda nos disse que é difícil, mas importante falar alto sobre isso.

Shlomo nos contou ter nascido em 1940, no início da Guerra, em Sófia, capital da Bulgária, e que cresceu em frente a sua escola e sinagoga. Atualmente, mora ao norte de Tel Aviv, é nos disse que veio especialmente para nos ver, pois sua última visita ao lar de idosos havia sido antes da pandemia de coronavírus. Em sua última visita, nos narrou que os guardas lhe perguntaram se ele já havia realizado seu Bar Mitzvá. Ele respondeu que não, então foi levado até o Kotel para realizá-lo. Ele nos conta que os nazistas fizeram da escola a qual estudava uma prisão para judeus e a sinagoga uma base militar para um dos esquadrões que ocupavam a cidade. Nessa prisão, judeus e prisioneiros políticos eram encarcerados e que, ali havia um muro, onde eram torturados. Nessa parede, uma escadaria foi desenhada a qual era usada para a realização da tortura para os que não conseguiam subi-la, assim eram espancados até que desmaiassem. Ele nos relatou que assistia essas cenas por uma janela de sua casa até que certa vez foi visto por um soldado alemão que apitaram no ato e invadiram a casa de sua família e que por conta disso, seu pai fugiu por muito tempo. Seu pai felizmente voltou, mas esse momento de ausência sempre esteve presente em sua mente, ao dormir e ao acordar.

Mikail Steiman, de 85 anos, disse estar feliz por nossa visita, pois quando fala para estudantes se sente 30 anos mais jovem. Ele nos disse que os judeus mais inspiradores que conheceu no mundo eram brasileiros. Relatou que nos campos de concentração viu os alemães e que é muito assustador lembrar daquilo. Disse que tinha apenas três anos e seis

meses quando a Guerra começou e que ficou dois anos e meio no campo sem suprimentos. Acredita que um milagre aconteceu com ele quando sua filha fez Aliyah.

Alexandre Vishnieski nos contou que era muito difícil estar ali conosco, que escreveu um livro sobre sua vivência no Holocausto e que é o último sobrevivente de uma aldeia de 1300 judeus, ocupada pelo exército romano há 3500 anos. Nos narrou que a invasão alemã levou todos os judeus para uma praça para serem levados para a Alemanha. Relatou também provocações antissemitas de ucranianos que o acusaram, junto de outros, da morte de um oficial romeno, mas que posteriormente acharam o desaparecido.

Iansin nasceu na Hungria e logo fez questão de agradecer pelos cuidados de Inge Buhs, que há 35 anos cuida dos sobreviventes. Criticou seu país natal dizendo que em 8 meses de Shoá, a Hungria foi eficiente em matar mais de 562 mil judeus.

No lar de idosos Ner Yakov relembramos muitos momentos de nossa viagem que se materializaram nas narrativas as quais ouvimos. Dentre essas narrativas, podemos entender como os memoricídios, apropriações e ressignificações de lugares sagrados e lugares de memória judaicos foram realizados de maneira intransigente pelos nazistas. Lia Schucman entende que “a memória individual nos permite o acesso à História por uma via alternativa àquela da versão oficial e institucionalizada dos fatos, conduzindo-nos àquilo de que, em última análise, a história é feita: a vida cotidiana de sujeitos concretos”. (2010, p.390)⁷⁶ Assim, pudemos conceber a (r)existência daquelas pessoas como ontologias patrimoniais humanas vivas. Essa experiência de escuta e de interação por meio das músicas que cantamos juntos foi uma maneira de trazer todos os problemas sócio-históricos os quais fomos apresentados até então em uma dimensão humanizada e mais concreta.

Esse entrecruzamento de percepções e sensações me leva a pensar essa educação para o patrimônio de maneira a ensinar as ideias da historiadora e educadora Josiane Beloni de Paula e do museólogo e educador Valdemar de Assis Lima. Autores que defendem que

Uma educação para o patrimônio que toca os sujeitos em sua inteligência emocional estimula a consciência patrimonial e, por sua vez, fomenta a internalização da dimensão humana que os bens culturais de natureza material, imaterial e natural (ambiental) encerram em si. A compreensão de que o patrimônio cultural é formado

76 Cf. REIS, Alice Casanova; SCHUCMAN, Lia Vainer. A Constituição Social da Memória: Lembranças de uma Testemunha da 2ª Guerra Mundial. **Psicologia em Revista**, v. 16, n. 2, p. 388-408, 2010.

pelas pessoas e, também, forma as pessoas, concorre para que os sujeitos percebem o seu próprio valor e desperta emoções, instigando a imaginação e a criatividade no enfrentamento dos desafios atinentes à vida. O contato com a cultura, aliado ao acesso a tecnologias educacionais que possibilitem a fruição e o empoderamento cultural fortalece a autoestima dos sujeitos, que se sentem capazes de agir mais efetivamente em sociedade; suaviza zonas de conflito externo e interno, concorrendo para o respeito às diferenças que se apresentam aos cidadãos com os quais se está interagindo e provoca nesse ser humano, que se entende como patrimônio, uma vontade política de exercer mais plenamente a sua cidadania cultural (inclusive) e o empodera a pensar e agir com responsabilidade social em prol da salvaguarda do bem viver coletivo e da dignidade humana. Essa educação para o patrimônio ecoa o pensamento do filósofo alemão Walter Benjamin, sobretudo, porque nos impulsiona a considerar que é possível uma educação a contrapelo, uma perspectiva educacional decolonial que relaciona a episteme benjaminiana com os autores decoloniais: educação é um processo, não é um sistema pronto e acabado. Com a proposta de reflexão de Benjamin e com a perspectiva decolonial são trazidos outros elementos sobre a educação e a cultura para se desvincular da tutela do pensamento europeu, para uma outra postura ao analisar a história. (LIMA, 2018, p.168,169)

Esse momento da Marcha da Vida foi crucial para problematizarmos essa viagem de estudos em sua complexidade, talvez em grau mais intenso de entendimento e formação para o patrimônio judaico. Foi neste momento que pudemos compreender os entrecruzamentos diretos entre a história da Shoá e a criação do Estado judeu como *locus* da redenção e reparação histórica no sentido de um refúgio para suas vítimas. A figura emblemática da voluntária alemã Inge complexifica ainda mais a narrativa proposta pela curadoria do roteiro em termos simbólicos. Além disso, outro fato emblemático é a ideia do não processamento convencional do luto por parte dos refugiados que logo tiveram de entrar em novas batalhas que assegura a existência do recém criado estado nacional judeu. Sobretudo nos contextos das guerras de independência de Israel, muitos sobreviventes podem ser vistos por diferentes ângulos, vivenciando tanto o papel de vítima, de resistentes, e para a visão não judaica, ora como colonizadores ou como um povo disputando sua soberania e direito de auto afirmação. Rompe-se, nesse sentido, dicotomias mais óbvias no sentido histórico cronológico e ressignificam-se os papéis mais convencionais de grupos oprimidos e opressores ou colonizados e colonizadores nas disputas políticas por memória, narrativa, identidade e território.

Tanto para os decoloniais quanto para o filósofo alemão [Walter Benjamin] é necessário pensar nos processos do conhecimento, não em dados absolutos, pois a vida é um vir a ser, várias formas e possibilidades de ser e estar no mundo. Essa percepção é convergente porque toma a realidade em seus diversos vieses, radicaliza a forma de pensar e permite apreender e refletir sobre todo o contexto histórico social; nesse sentido, nenhum saber pode ser ignorado ou menosprezado. E é com

esse olhar voltado para o passado buscando subsídios para compreender e interagir com o presente - a fim de reconstruir seus fragmentos através de um processo contínuo de releitura - que Benjamin se opõe à noção de linearidade progressista que está posta. Para o filósofo, ao romper com o "fetiche" do culto moderno ao progresso, o passado passa a receber outro entendimento: não mais se relaciona a uma objetividade enrijecida e desumana, que legitima apenas a história dos vencedores do passado e seus herdeiros no presente; antes, ele permanece aberto e sua rememoração se relaciona com a possibilidade de as classes menos favorecidas do presente revisitarem a tradição dos oprimidos, sejam eles indígenas, negros ou de outros povos. (LIMA, 2018, p.168,169)

Dessa maneira, podemos compreender a existência de colonialismos internos⁷⁷ e contradições das mais distintas tanto entre o próprio povo judeu quanto entre o próprio povo palestino. A percepção draconiana (vilão e mocinho) acaba por se demonstrar ineficiente na leitura dos problemas contemporâneos da sociedade israelense. Vemos na prática dois povos reféns de imperialismos que datam da antiguidade, com ápice no imperialismo romano, que até os dias atuais ressignificam os papéis convencionais mais binarizantes para entendermos o conflito. Israel não é portanto apenas uma criação derivada do Holocausto, ou de uma série de perseguições anti judaicas ao longo da história humana e suas consequentes diásporas, mas também uma representação nacionalista, conceito moderno de organização política, para a emancipação e defesa de distintas expressões das judaicidades.

Nessa instituição de saúde geriátrica, e sobretudo de memória, fizemos muitos registros, cantamos, conversamos, comemos juntos e problematizamos questões ligadas à velhice e à solidão. Soubemos mais um pouco sobre a história do Fundo Comunitário, fundado há 70 anos e existente até mesmo anteriormente à criação do estado de Israel. Dali seguimos para o *Mount Herzl*⁷⁸ ou *Har HaZikaron*⁷⁹, uma montanha de Jerusalém, onde está localizado o Cemitério Nacional de Israel, o Memorial Nacional para os Soldados Caídos de Israel, o Museu Herzl e o Centro Internacional para a Rememoração do Holocausto Yad Vashem. Primeiramente, passamos pelo Museu Herzl que se encontrava fechado ao público e, posteriormente, seguimos pelo referido memorial e depois visitamos uma série de túmulos de autoridades políticas e de soldados que morreram em batalhas, até chegarmos ao Yad Vashem. Para além das exposições intra muros institucional, são muitos os monumentos externos ao Yad Vashem, dentre os quais a Alameda dos Justos Entre as Nações; o Monumento à Criança;

77 Cf. (SANTOS, 2003).

78 Em tradução livre, do inglês: Monte Herzl. O nome faz referência a Theodor Herzl, judeu húngaro, jornalista, advogado e liderança do movimento sionista.

79 Em tradução livre, do hebraico: Monte da Lembrança

o Memorial das Crianças; Monumento aos Heróis do Gueto de Varsóvia, dentre outros lugares de memória, como memoriais, monumentos, outros museus, uma sinagoga e centros de documentação e pesquisa ao redor do complexo.

Um dos principais monumentos que visitamos nesse percurso foi a A Chama Eterna do Yad Vashem que simboliza a queima constante de uma chama em homenagem às vítimas do Holocausto. Este espaço, por ser frequentemente visitado por autoridades em viagem oficial a Israel, gerou alguns temas políticos de debate no grupo, sobretudo devido à visita de Joe Biden no dia anterior. Próximo à chama, estão presentes esculturas e nomes de campos de concentração e extermínio, ademais, um espaço destinado às flores geralmente deixadas por autoridades em situações solenes, dentre outros elementos simbólicos. Segundo nosso guia André, a arquitetura do local é composta por concreto armado e pedras vulcânicas. O concreto, um material considerado moderno, era recorrentemente utilizado por arquitetos mais ligados às correntes de ideologia socialista. Apenas pessoas de alto escalão políticos podem chegar no púlpito ao lado da chama para depositar as clássicas coroas de flores. Emblematicamente, estávamos naquele momento histórico polarizado de nossa política entre judeus brasileiros de diferentes visões políticas, visitando um local memorialístico que foi utilizado como substrato de produção de *fake news* contra o presidente Luiz Inácio Lula da Silva para dissuadir judeus de apoiarem sua candidatura. Segundo a falsa narrativa que circulava em grupos judaicos de extrema direita, o ex-presidente Lula havia se recusado a visitar o local em uma de suas viagens oficiais à Israel (figura 111).

Figura 111: presidente Lula depositando flores no Memorial da Chama Eterna do Yad Vashem, em 2010



Foto: Ricardo Stuckert

O encerramento da visita despertou outros temas, dúvidas e informações sobre história do sionismo e Theodor Herzl, em como sua visão sobre o caso Dreyfus⁸⁰; sobre a criação do fundo comunitário judaico; a pluralidade de vertentes judaicas; relações entre modernidade e nacionalismos; o Holocausto enquanto catalizador para a criação do estado de Israel; a situações de judeus refugiados no Oriente Médio em geral e de palestinos; demografia judaica (visto que 40% dos judeus do mundo hoje estão em Israel); vulnerabilidade soceconomica em Israel; o sionismo socialista, presete até a década de 70; dentre outros temas políticos como o assassinato de Itzak Rabim por um terrorista judeu de extrema direita.

3.12 Dia 12 - 15/07/22 - Jerusalém - Shoham - Tel Aviv

Nesse dia, recebemos a visita de Gabriela, uma voluntária do Fundo Comunitário Judaico. Ela nos falou sobre sua visão a respeito do Fundo, enquanto braço do Movimento Sionista sua importância no angariamento de fundos para diferentes projetos,

⁸⁰ Alfred Dreyfus foi um judeu, membro de exército francês que, ao fim do século XIX, foi acusado injustamente de traição. Sua condenação foi anulada em 1906 com a comprovação de sua inocência. Herzl entendia esse referido escândalo político-judicial como um exemplo emblemático de antisemitismo que justificava a criação de um Estado judeu para garantir a segurança de seu povo.

dentre os quais de impacto na redução de desigualdades socio-economicas em Israel. Tais ações têm como objetivo, implementar reformas que impactam a vida de pessoas em vulnerabilidade. Ela rememorou a compra de terras na Palestina realizada pelo Fundo desde a época do Império Turco-otomano. Ressaltou a importância do Brasil nesse processo de economia de rede por parte da comunidade judaica de nosso país.

Desse encontro, partimos em direção à cidade de Shoham, fundada em 1993, situada a menos de 30 km de Tel Aviv. Fomos recepcionados por Mikal Bilinski, advogado e coronel das Forças de Defesa de Israel, e também presidente da Comunidade Reformista e coordenador do Comando de Defesa Civil de Jerusalém (figura 112). Ele nos apresentou dados sobre o reformismo em nível global, a maioria dos judeus em nível internacional em contraposição a Israel, de maioria ortodoxa é com alta força política. Apresentou as disputas políticas contemporâneas especificamente entre reformistas e ortodoxos, reiterando a heterogeneidade da ortodoxia, para além de estereótipos. No âmbito das diferenças entre esses grupos incluindo também o judaísmo conservativo no debate. Salientou também questões ligadas a casamento, divórcio, e também as perspectivas dessas correntes relativas à realidade social sobre guerra, exército, pandemia e direitos civis.

Figura 112: roda de conversa com Mikal Bilinski em Shoham.



Fonte: autor, 2022.

Nesse sentido da saúde pública, falou da sua experiência enquanto coordenador da Defesa Civil e as políticas públicas implementadas em estado de emergência durante a pandemia em Israel. Enfatizou as ações de aluguel por parte do Estado de hotéis para tratar de doentes e ao mesmo tempo movimentar a economia nesse âmbito do turismo, que se encontrava parado, sendo esta área a força motriz da receita israelense. Ainda relacionou essas questões ao aspecto tecnológico do país e a importância de programadores e profissionais da computação nesse período, sobretudo em termos logísticos. Falou também que isso era uma das formas de garantir inclusive a alimentação kosher de pessoas em isolamento social.

Da sinagoga reformista, onde tivemos uma conversa ampla sobre esses temas, descemos no Shuk Carmel de Tel Aviv, o mercado público, onde almoçamos e depois seguimos para o Beit Hatfutsot⁸¹, o Museu do Povo judeu (figuras 113 a 115). Nosso guia

81 Tradução livre: Casa da Diáspora

mencionou a recente mudança do nome institucional do museu para אנחנו, “*Anachnu*”, ou nós em tradução ao português. Utilizando a metáfora de um mosaico para apresentar a história do judaísmo, tratamos de temáticas múltiplas nesse lugar de memória e as guias que nos apresentaram o local. Desde fundamentos etno religiosos relativos à Torah, Shabat, Calendário, correntes religiosas, arquitetura de sinagogas, passando pela influência judaica no cinema, teatro, dezenas de totens e instalações interativas, e temas sobre distintas expressões identitárias do judaísmo, valores, demografia, etc. Depois de muitas informações relativas às diásporas e suas heterogeneidades socioculturais, tivemos dia livre em Tel Aviv para nos prepararmos para o shabat (figura 116).

Figura 113: instalações do Museu do Povo judeu



Fonte: autor, 2022.

Figura 114: Museu do Povo judeu



Fonte: autor, 2022.

Figura 115: instalação no Museu do Povo judeu



Fonte: autor, 2022.

Figura 116: kabalat shabat reformista no porto de Tel Aviv



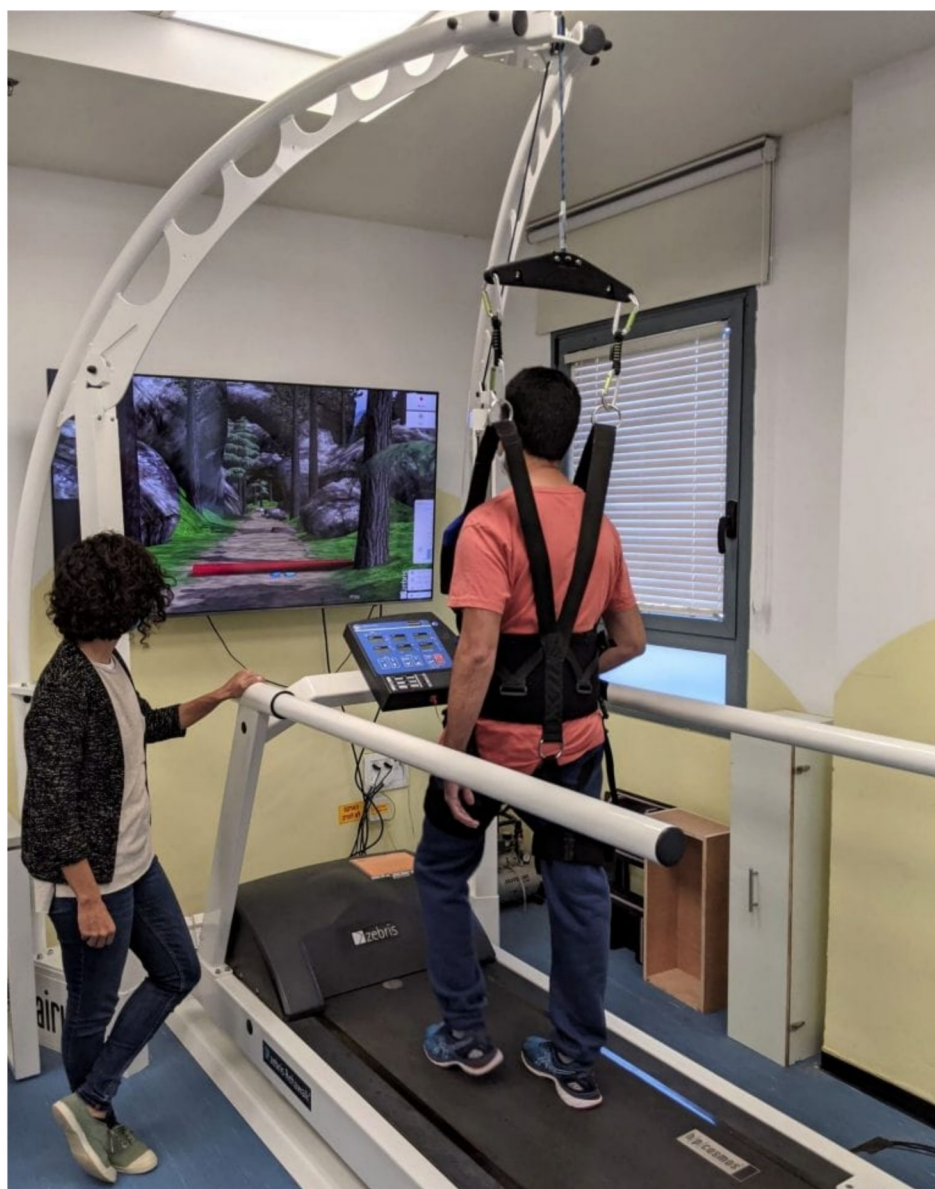
Fonte: autor, 2022.

3.13 Dia 13 - 16/07/22 - Tel Aviv

Neste dia, seguimos viagem rumo ao sul do país, tendo como primeira parada o Projeto ADI Negev (figura 117) de reabilitação para pessoas com necessidades especiais em Ofakim. Ali, logo nos deparamos com uma realidade mais contrastiva em relação às quais vínhamos visitando enquanto lugares turísticos até então. Na entrada da instituição, duas frases logo nos foram apresentadas na fachada: “O mundo é construído sobre amor-gentileza” e "Nunca deixe um homem para trás". A instituição, apoiada pela família Safra e pelo Fundo Comunitário atende pessoas com deficiências físicas, cognitivas, mentais, sensoriais e intelectuais, além de atendimento de emergência para diferentes públicos. Mais de 180 residentes e mais de 180 educandos com necessidades especiais desde o jardim de infância se encontram nessa instituição de promoção da saúde e reabilitação. Na educação infantil, a instituição abre suas

portas não apenas para crianças com deficiência, mas faz questão de incluir as que possuem necessidades especiais. Há duas semanas anteriores à nossa visita, um hospital foi inaugurado com 180 leitos disponíveis.

Figura 117: paciente do Projeto ADI Negev



Fonte: adi-il.org, 2023.

O Projeto ADI Negev presta serviço de capacitação de cuidados para famílias e agencia tecnologias educacionais voltadas para pessoas com deficiência, cada qual com diferentes

níveis de complexidade e demandas individuais. Fomos apresentados a muitas narrativas de melhora de qualidade de vida de pacientes, de voluntários e da situação da clínica durante a pandemia. Também pudemos conhecer funcionários, muitos deles ex-pacientes, visitamos quase toda a infraestrutura do local, desde os jardins com fontes de água, espaços de socialização e locais de labor-terapia que abastecem o mercado local. Nosso guia também anunciou a construção futura de um museu da instituição, para a promoção da memória dessa instituição de saúde.

Depois dessa visita, tivemos um delicioso almoço marroquino no projeto Nashim Mevashlot (figura 118) que impacta a vida de mulheres vitimadas pela violência doméstica e abuso sexual e gera renda para vítimas por meio da cozinha enquanto um processo de superação de traumas e reinserção no mundo do trabalho.

Figura 118: almoço no projeto Nashim Mevashlot



Fonte: autor, 2022.

Depois dessa experiência gastronômica, visitamos um planetário que desenvolve ações de educação não formal abarcando sobretudo os públicos de jardim de infância e ensino fundamental. Ali, já estávamos há cerca de 12 km da Faixa de Gaza e então seguimos para um

Kibutz ortodoxo socialista sionista Alumim (figura 119), praticamente na fronteira com essa referida região. Nessa comunidade agrária, ouvimos todos os desafios de viver no local e os processos produtivos gerados a partir do trabalho com a terra. Um dos tópicos abordados por nosso guia no local era de como tratar dos temas relativos ao conflito, os bombardeios, procedimentos de segurança e a presença do Domo de Ferro com as crianças do *kibutz*.

Figura 119: dependências do kibutz ortodoxo socialista em Sdot Neguev



Fonte: autor, 2022.

Nossa destino após essa conversa foi Netiv HaAsara em uma instituição chamada Netiv Hashalom (Caminho Para a Paz), localizada na comunidade mais próxima de Gaza (figuras 120 a 123). Pudemos observar exposições com restos de bombas, vídeos institucionais e participar de uma atividade artística de confecção de murais e mosaicos no muro que separa Gaza e Israel, tendo como objetivo ressignificar esse espaço em prol de uma

perspectiva de paz e a situação da própria comunidade sobre o seu cotidiano turbulento. Já no período da tarde, voltamos a Tel Aviv, onde à noite jantamos com imigrantes ucranianos judeus que se refugiaram em Israel por meio da lei judaica do retorno e também com uma brasileira que realizou seu processo de Aliyah.

Figura 120: entrada da ONG Path to Peace



Fonte: autor, 2022.

Figura 121: exibição de destroços de bombas na ONG Path to Peace



Fonte: autor, 2022.

Figura 122: mural realizado em ações educativas com visitantes da ONG Path to Peace



Fonte: autor, 2022.

Figura 123: participantes da MVU em frente aos murais em mosaico confeccionados na fronteira com Gaza



Fonte: autor, 2022.

3.14 Dia 14 - 18/07/22 - Tel Aviv

No nosso último dia de Marcha da Vida, tivemos uma roda de conversa com o jornalista Ohad Remo do canal 20 de Israel conhecido por sua trajetória cobrindo as questões relacionadas aos conflitos israelense-palestinos e ao terrorismo. Remo havia há pouco tempo recebido um convite do grupo terrorista Hamas para noticiar fatos e mediar negociações entre Israel e essa resistência armada fanatizada. Ele nos narrou suas conversas com esses líderes e suas perspectivas ideológicas fundamentalistas, bem como profecias anti-israel e a relação do

Hamis e outros grupos terroristas com o Irã, seu país financiador. Ali entendemos a tendência de novas alianças surgidas entre Israel e países sunitas, o contraste de ideias e teológico entre o Irã e seus aliados árabes quase sempre xiitas. Fomos introduzidos nessa experiência a temas de alta complexidade, como as disputas políticas internas palestinas entre a Autoridade Palestina (AP) e o Hamas e o Fatah, por exemplo. Obtivemos, dentre tantas informações, a atribuição que a AP possui de medidas contra-terrorismo em seus territórios e que 7% das verbas recebidas pelo Hamas vão diretamente para a promoção de ataques suicidas.

Essa oportunidade, nos introduziu tanto a assuntos polêmicos, como a desconstrução de estigmas relacionados ao povo palestino, que segundo o jornalista, tem em sua maioria opiniões públicas pacifistas e não necessariamente pró conflitos violentos. Conversamos também sobre outras mídias do Oriente Médio como a Al Jazeera e a morte de sua jornalista Abu Akleh, admitida por Israel. Dentre outros tópicos emblemáticos foram seus relatos de entrevistas com menores de idade que receberam penas por matarem israelenses, além de sua cobertura jornalística na Segunda Intifada. Ele relatou que hoje em dia, a adesão a um conflito parecido é distante, pois a grande parte dos palestinos desromantizam as organizações que os lideram. Sendo assim, segundo ele, as pessoas querem apenas viver suas vidas com paz e dignidade, todavia, apesar de acreditar na solução por meio de dois estados, vê com preocupação os assentamentos na Cisjordânia, que atrapalham os processos de negociação para a paz. Nos disse que suas opiniões já o fizeram receber ameaças de morte, vinganças por parte dos árabes mas que também já foi agredido por judeus ocupantes.

Após este evento, seguimos por um tour histórico por Tel Aviv (figura 124) , tratando da história urbana e arquitetônica da cidade e, posteriormente seguimos para a empresa MyHeritage (figura 125), que oferece serviços de testagem genética, que confirmam ancestralidades, descendências e traça árvores genealógicas familiares. Depois de conhecer essa empresa, tivemos nossa última atividade ouvindo membros de ONGs que tratam de temáticas relativas a Israel e educação para assuntos relacionados ao país. Ademais, devido a um imprevisto, uma outra atividade prevista com idosos, que incluía sobreviventes da Shoa, acabou sendo cancelada e tivemos dia livre.

Figura 124: murais em mosaico em visita guiada pelo centro de Tel Aviv



Fonte: autor, 2022.

Figura 125: sede da Myheritage em Tel Aviv



Fonte: autor, 2022.

Ao narrar cada um desses dias de imersão em múltiplas atividades educativo-culturais para o patrimônio judaico, pudemos verificar uma gama de categorias que se inter relacionam e possuem uma frequência observável em todos os países onde estivemos. Diariamente,

recebemos instruções de caráter logístico, que facilitaram nossas viagens e deslocamentos, além de temas diferentes abordados nas ações educativas. Dentre esses temas, podemos destacar as abordagens históricas de distintas maneiras, tais como história geral, história da Polônia, história judaica e da imigração judaica, história da Alemanha, história do nazismo, história do Holocausto, Segunda Guerra Mundial, história da arte judaica dentre outras subcategorias.

Além desses, muitos outros tópicos importantes surgiram, tais como: geografia; museus; outros lugares de memória; diáspora; sionismo; outros grupos subalternizados; antissemitismo; religiões; identidade; política; arquitetura de sinagogas; urbanismo; resistências; museografia; denúncias; geopolítica; terrorismo; justiça e jurisprudência; arqueologia; eugenia; escravidão; conflitos no Oriente Médio, dentre outros.

Cada um desses temas possui uma ampla complexidade e demandam um aprofundamento específico para cada caso. Cabe salientar que tais abordagens ocorrem diante de um viés relacionado a instituições de fomento ligadas a interesses políticos e ideológicos voltados ao sionismo e a uma vertente reformista do judaísmo. Dessa maneira, a escolha dos conteúdos e a forma como são tratados também possuem esse viés político específico.

As temáticas ligadas ao patrimônio judaico e a construção da identidade judaica são centrais para o processo de formação dos sujeitos participantes, no sentido de uma emancipação ontológica que contemple suas subjetividades e formação mais ampla enquanto judeu/judia. Outro ponto importante é o problema do antissemitismo o qual acabou por ser um dos principais fios condutores ao qual sempre retornávamos em nossos debates e situações de ensino-aprendizagem. Esse tema ainda é frequente enquanto demanda social judaica contemporânea, com camadas múltiplas e perspectivas de abordagem passíveis de serem problematizadas e interpretadas em todos os espectros políticos.⁸²

Além disso, é preciso instituir nas pesquisas sobre MVU uma problematização sobre patrimônio cultural e a ordem das visitas de lugares de memória. As Marchas possuem em suas narrativas um ponto de chegada, um intermediário e de finalização da viagem, sendo a escolha da ordem uma decisão política de arquitetura de uma memória social judaica. Assim,

⁸² Também é urgente destacar a necessidade de estimular pesquisas que busquem investigar como estão ocorrendo censuras em relação às Marchas da Vida por parte de guias poloneses e como a sociedade polonesa contemporânea tem expresso seu antissemitismo. Muitas são as denúncias de antissemitismo sofridas pelos grupos das MV, com relatos de interferências e privação da liberdade do ensino por meio de deturpação dos processos de ensino-aprendizagem além de propagação de revisionismos históricos em relação à história da Polônia na Segunda Guerra e cooperação com os nazistas.

propomos algumas perguntas a serem respondidas em investigações futuras: não seria necessário iniciar as MV e MVU pela Alemanha, que foi a grande responsável por planejar o assassinato em massa de judeus, para depois ver sua implementação de uma tecnologia de morte na Polônia? Por que fomos para a fronteira em Gaza e não com a Cisjordânia? Como melhor relacionar a MVU com as questões políticas do contemporâneo, como, por exemplo, dar mais ênfase à Alemanha para entender como o nazifascismo e o bolsonarismo no presente conseguem ter tantos pontos em comum?

Os projetos e ações educativo-culturais promovidas na MVU e outros processos educativos judaicos nos permitem pensar em duas categorias de análise que entrecruzam os campos do judaísmo, da educação e do patrimônio. Assim, podemos elaborar as ideias de educação judaica para o patrimônio⁸³ e a de educação para o patrimônio judaico. Dessa forma, proponho a ideia de educação judaica para o patrimônio enquanto processos de ensino-aprendizagem sociorreferenciados⁸⁴ dentro das comunidades e para as comunidades judaicas. Nessa perspectiva, levamos em conta o foco em bens culturais, superação de demandas sociais e agendas políticas judaicas internas.

A educação para o patrimônio judaico pode ser concebida de maneira mais ampla para além dos públicos internos das comunidades judaicas, ou seja, enquanto uma perspectiva que amplia o acesso dos públicos externos às comunidades judaicas. Assim, podemos pensar formas de sensibilização de pessoas não judias para as demandas do povo judeu. Além disso, pontes podem ser criadas com outros povos e identidades com demandas sociopolíticas dialógicas em prol de mobilizações conjuntas. Desse modo, podemos pautar ideias em prol da coexistência de diferenças, garantia de direitos e superação de desafios impostos pelas tentativas de subalternização sofridas por via de genocídios, memoricídios, epistemicídios e outras formas de violências.

Essas duas ideias supracitadas demandam um debate mais amplo e podem nos estimular a desenvolver novas pesquisas que contemplem tais perspectivas, ampliando os debates relacionados à educação, à educação judaica, à educação sobre o judaísmo e à

83 Em resumo, a educação judaica para o patrimônio é pensada aqui de maneira a deixar implícita a possibilidade ou não de ênfase nos patrimônios judaicos. Assim, a educação judaica para o patrimônio está quase sempre relacionada a processos educativos promovidos pela comunidade judaica e dentro da comunidade, abordando os bens culturais patrimoniais judaicos, mas não apenas, podendo abarcar outras temáticas, mas focada em seus públicos internos. A educação para o patrimônio judaico pode ser agenciada por outras institucionalidades e públicos externos à comunidade judaica.

84 Cf. tese de doutoramento em educação no PPGE/UFSC de Valdemar Lima (2023), defendida em novembro de 2023 no PPGE/UFSC.

educação contra o antissemitismo bem como outras formas de racismos e preconceitos. Diante disso, no capítulo que segue, abordo a temática do antissemitismo de maneira a dialogar com Frantz Fanon e suas abordagens acerca da temática dessa roupagem racista, em diálogo com debates contemporâneos e pesquisas sobre esse assunto.

4. CAPÍTULO 2 - REFLEXÕES SOBRE ANTISSEMITISMO, JUDAÍSMO E IDENTIDADES

A Marcha da Vida Universitários recebe este nome em alusão às marchas da morte, situações ocorridas ao longo da história nas quais prisioneiros são forçados a caminhar longas distâncias em condições insalubres. Muitos foram os regimes que praticaram este tipo de violação de direitos humanos. No caso da MVU, a nomenclatura se refere às marchas da morte agenciadas pelos nazistas, nas quais ocorreram deslocamentos em massa de prisioneiros para campos de concentração e extermínio. Uma grande parte dessas pessoas acabavam morrendo em trânsito, devido às condições degradantes às quais eram forçadamente submetidas. A Marcha da Vida Universitários mobiliza o problema do antissemitismo com enfoque sobretudo no antissemitismo nazista do século XX, em alguns momentos, relacionando o ódio aos judeus a aspectos mais antigos e em outros mais contemporâneos. Todavia, a palavra "Vida", que intitula o programa, se expressa nas mais efetivas contraposições ao antissemitismo em suas ações educativas que promovem o fortalecimento das identidades judaicas por meio de difentes aspectos e espectros dos judaísmos.

Essa desconstrução de teses antissemitas se dá, portanto, por via do fortalecimento das subjetividades dos participantes, de modo a apresenta-los a um amplo conhecimento científico e ancestral acerca da etnorreligiosidade judaica, bem como os percursos históricos, desafios e avanços do povo judeu. As teses antissemitas do início do século passado, no entanto, não se restringem apenas a esse recorte temporal e identitário e são reproduzidas hoje, de maneira similar, mesmo que agenciadas por institucionalidades, sujeitos e grupos diferentes. Muitos desses preconceitos se ressignificam na contemporaneidade em distintos espectros políticos.

No cenário micropolítico de Santa Catarina do qual pesquisamos, muitos são os casos de nazismo, que quase sempre partem de um discurso de extrema direita, dentre os mais próximos, no próprio cenário da UFSC, pude observá-los desde minha entrada na universidade.

O primeiro caso de antissemitismo mencionado acima foi a pichação "morte ao judeu viado do português diurno, aquele lixo humano"⁸⁵ no banheiro do Centro de Comunicação e Expressão em abril de 2014. Em 2016 pudemos nos horrorizar com as suásticas pichadas na Sala Quilombo, local de reunião dos movimentos negros da UFSC. Além desta, tantas outras expressões de ódio ocorreram, como por exemplo a pichação no banheiro do Centro de Ciências da Educação contra a presença de uma colega quilombola em 2023. Em novembro de 2022 uma carta espalhada no Centro de Ciências Jurídicas com ameaças a negros e gays assinada com "SS". No mesmo ano de 2022, um estudante judeu da enfermagem também foi alvo em pichações antissemitas no Centro de Ciências da Saúde. Atualmente, as mais recentes manifestações nazistas são advindas de um doutorando em saúde coletiva da UFSC que ostentava uma suástica na sala onde ministrava aula na Universidade Federal do Amapá em maio de 2023. Além dessas, o caso com maior destaque foi noticiado em outubro de 2022 no programa Fantástico, quando do desmantelamento de uma célula neonazista que operava entre estudantes da UFSC em diferentes campi da instituição.

O debate acerca do antissemitismo nunca pode estar deslocado de outras expressões dos racismos e nos leva a dialogar com a obra "Pele Negra Máscaras Brancas" (PNMB), uma das mais conhecidas do psiquiatra e filósofo martinicano Frantz Fanon publicada em 1952. O livro tem sido estudado por cientistas de diferentes áreas com distintas abordagens. As principais temáticas do texto circundam o problema do racismo; colonialismo; relações etnicorraciais; crítica à psicanálise e a outros autores do campo da medicina psiquiátrica; dentre outras problematizações. As pesquisas levantadas sobre a obra se relacionam com campos tais como: psicologia; ciências sociais; educação; enfermagem; serviço social; história etc e debatem conceitos tais como negritude; colonialismo; antirracismo; saúde mental; linguagem e cultura; decolonialidade; educação decolonial; universalismo; masculinidade negra; além de outros. No levantamento bibliográfico, no entanto, nos chama atenção a ausência de pesquisas sobre o conceito de antissemitismo proposto por Fanon nessa obra.

Dentre as temáticas candentes discutidas na contemporaneidade no campo da educação, apresentadas pelos professores Elison Paim e Nilton Pereira (2018), entende-se que o combate ao antissemitismo demanda a ocupação de um espaço mais expressivo nos debates, incluindo, midiáticos e de outros campos acadêmicos. Nesse sentido, percebe-se que essa

85 Cf. <https://www.umoutroolhar.com.br/2014/04/morte-ao-judeu-viado-na-universidade.html#more>

questão acaba quase que restrita apenas à *Shoah*⁸⁶, ou Holocausto, e ao (neo)nazismo. No entanto, a fobia aos judeus e ao judaísmo é um espectro dos racismos anterior à referida catástrofe histórica que se estende desde a antiguidade até os dias de hoje.

Fanon, em PNMB apresenta o antissemitismo de maneira mais restrita ao contexto histórico do qual escreve e as problematizações do autor nos provocam a pensar essa questão diante das demandas e debates contemporâneos. Tendo como enfoque o aspecto conspiracionista das narrativas antissemitas, pretende-se inferir como o pensamento de Frantz Fanon pode ampliar os debates atuais sobre o tema.

No entanto, vale salientar que o racismo sofrido por judeus, considerados não brancos no contexto europeu do século XX, não é o mesmo para interpretarmos os judeus nos dias de hoje no Brasil. Todavia, muitos aspectos do teor antissemita expresso no ocidente ainda permanece atual na obra fanoniana, mesmo que no Brasil, a maioria das pessoas judias sejam lidas racialmente enquanto brancas.

Em Setembro de 1956, Frantz Fanon, no Primeiro Congresso dos Escritores e Artistas Negros em Paris, observou que "o racismo obceca e vicia a cultura americana. E esta gangrena dialética é exacerbada pela tomada de consciência e pela vontade de luta de milhões de negros e de judeus visados por esse racismo" (FANON, 2018, p. 83).

A crescente ultra conservadora que se instala no âmbito sociopolítico, em países como Brasil, Estados Unidos⁸⁷ e da Europa tem aumentado ainda mais o racismo em suas diferentes expressões. O racismo contra povos originários, a negrofobia⁸⁸ e o antissemitismo são violências cada vez mais agenciadas por grupos políticos distintos, sobretudo ligados à extrema direita, mas não apenas.⁸⁹ Uma das táticas utilizadas por esses grupos heterogêneos para impor suas estratégias ideológicas é a desinformação. Geralmente essa desinformação é propagada e associada a teses conspiratórias, argumentos negacionistas, revisionistas e estereótipos para estigmatizar esses referidos grupos étnicos.⁹⁰

O nazismo em suas expressões passadas e contemporâneas, assim também

86 Termo transliterado do hebraico que remete à ideia de destruição, catástrofe ou calamidade, utilizado contemporaneamente como referencia ao Holocausto.

87 Denunciada seu aspecto supremacista branco estadunidense contemporâneo pelo filme "Infiltrado na Klan", dirigido por Spike Lee.

88 Categoria utilizada por Frantz Fanon que se refere ao racismo contra pessoas pretas.

89 Sabemos que esses fenômenos também ocorrem de maneira perversa em setores progressistas com uma complexidade própria.

90 Além de outros grupos identitários é historicamente perseguidos, tais como LGBTQIA+, pessoas com deficiência, ciganos, dentre outros.

denominado como neonazismo, são as faces mais conhecidas desse problema. Muitos espectros do fascismo foram propagados ao longo do período pós Segunda Guerra, expandindo, por exemplo, os grupos de supremacia branca. No Brasil, essa realidade tem sido denunciada por diferentes instituições e pesquisas.⁹¹ Estimular o diálogo entre a perspectiva crítica fanoniana anticolonial e outros autores é fundamental para aperfeiçoarmos ferramentas teóricas de análises dos fenômenos relacionados aos antissemitismos. Assim, podemos propor estratégias, táticas e práticas para combater essa e outras faces dos racismos.

Visa-se, neste capítulo, compreender determinadas abordagens sobre o conceito de antissemitismo presentes na obra PNMB que possam dialogar com a historicidade do antissemitismo abordado na Marcha da Vida Universitários e no antissemitismo atual. Além disso, pretende-se traçar um paralelo entre o referido conceito e pesquisas contemporâneas sobre a temática, além de problematizar as demandas sociais sobre esse assunto. Nesse sentido, visamos contribuir com os debates em educação antirracista e pedagogia decolonial, de modo a trazer à tona o problema do antissemitismo por uma perspectiva fanoniana. Podemos, desse modo, repensar táticas de combate ao antissemitismo em diferentes contextos, cada qual com sua especificidade, dialogando com aspectos da interculturalidade crítica já suscitados anteriormente.⁹²

4.1 Identidades judaicas e antissemitismos

No atual contexto histórico, as expressões antissemitas estão cada vez mais heterogêneas, menos óbvias e engendradas em diferentes contextos, narrativas e discursos político-institucionais. Este capítulo propõe um aprofundamento no aspecto conspiracionista que persegue os judeus de modo a impor a pessoas que pertencem direta ou indiretamente a esse grupo étnicorreligioso vivências de violências e sofrimentos. A "judeidade" (FANON, p. 108) é aqui compreendida como uma categoria que envolve diferentes identidades judaicas com contradições, diferenças, divergências políticas, teológicas e consensos. Como afirma o estudo "A educação na comunidade judaica de Curitiba", do professor Sergio Alberto Feldman, "a identidade judaica é imbricada na condição de ser uma religião errante e um povo

91 Cf. DIAS (2005, 2007 e 2010); GHERMAN E GRIN (2017); Cf. Dossiê do Observatório Judaico de Direitos Humanos Henry Sobel (2019) Disponível em:

https://drive.google.com/file/d/1_yMUCGiFrK8SiwkWY6OH-uCVS70MQHMB/view?fbclid=IwAR0QdM-9jnmOPBQ6aDrQydiT6AGZsuWi3fuOddIsGlmxeoR72Q3Si5rFmks <acesso: 29/dez/2021>

92 Cf. CANDAU (2009 e 2016) e WALSH (2010 e 2020).

sem pátria" (2018, p.54).

A professora Lia Vainer Schucman, aponta que

Durante os últimos dois milênios de dispersão, a identidade judaica foi sendo construída por duas forças: uma interna à comunidade judaica, constituída pela cultura, organização social e pela religião; e outra externa, que se constituiu pela força "anti-judaica", através da perseguição caracterizada pelo antijudaísmo cristão (que acusava os judeus de serem incrédulos a Jesus), e mais tarde pelo anti-semitismo moderno (2006, p. 24)

Ao relacionar o judaísmo e seus respectivos processos de imigração e educação, entendemos que:

a identidade tem fortes laços com a cultura, nas suas múltiplas facetas, tais como a língua, a arte, a educação e a religião. O imigrante traz na sua bagagem, seja real, seja simbólica, estas facetas. Pois, não conseguiria sobreviver numa nova realidade, trabalhar e se inserir em funções sociais e econômicas sem sua cultura multifacetada. Trata-se de um mecanismo de sobrevivência da minoria deslocada de seu espaço original. (FELDMAN, 2018, p.55)

Essas movimentações diaspóricas judaicas se devem a guerras contra diferentes impérios, perda de territórios, preconceitos e perseguições ocorridas há milênios as quais foram se resignificando em contextos posteriores. Variados fluxos migratórios ocorreram nestes 5.784 anos de história e muitos foram os processos de colonização⁹³ e etnocídio sofridos. Os judeus acabaram por se espalhar para regiões tais como Etiópia, China, Índia, Iêmen, Iraque, Síria, Líbano, norte da África, Europa, Américas, dentre outros.

Após a criação do Estado de Israel em 1948, muitos judeus começaram a retornar para este país como forma de fugir dos antissemitismos de uma maneira mais efetiva. Assim, pôde-se reacessar parte seu território originário que se encontrava em uma nova configuração geopolítica. Esse movimento de imigração, conhecido como sionismo, é uma das facetas identitárias do judaísmo que resignificou o acesso à terra originária do povo judeu.

Para o professor Luis Edmundo Moraes (2014, p. 239),

Falar de sionismo é falar do nacionalismo judaico em seu sentido mais lato possível. Neste sentido, trata-se de um movimento político múltiplo, semelhante a muitos outros nacionalismos que têm seu berço no século XIX

⁹³ O termo colonização é utilizado aqui não de maneira relativa à temporalidade da modernidade, mas como uma perspectiva sistematizada de dominação em diferentes camadas a qual ocorreu em outros contextos históricos ao longo da história da humanidade.

e que afirmaram o princípio de autodeterminação. Este movimento se articulou pela ideia de constituição de corpo político autônomo por meio de um “estado nacional” para um grupo que se reivindica “nacional” e que, para além desse projeto comum, envolve campos políticos muito diversos (indo desde a esquerda nacionalista até a extrema-direita fascista). Além disso, o nacionalismo judaico (sionismo) é um fenômeno homólogo a um conjunto enorme de nacionalismos denominados nacionalismos-étnicos, centrados na noção de hereditariedade, como o são aqueles da Alemanha, Grécia, Índia, Turquia e muitos outros na Europa, Ásia e África.

Estes nacionalismos, tal como também foi o movimento pan-arabista, são auto determinações étnico-nacionalistas e de uso político da memória coletiva. Tais reivindicações nacionais são, concomitantemente, produto e força motriz de movimentos políticos dinamizadores da cultura judaica. Frantz Fanon, ao tecer uma crítica ao conceito de inconsciente coletivo de Carl Gustav Jung aponta, em PNMB, que

inconsciente coletivo, sem que haja necessidade de recorrer aos genes, é simplesmente o conjunto dos preconceitos, mitos e atitudes coletivas de um determinado grupo. Parece claro, por exemplo, que os judeus que se instalaram em Israel criaram em menos de cem anos um inconsciente coletivo diferente daquele que possuíam em 1945, nos países de onde foram expulsos. (2008, p. 159)⁹⁴

Os sionismos, dentre as diversas interpretações possíveis e em sua pluralidade conceitual, tem como um de seus pontos comuns a necessidade de romper com a subordinação colonial que está historicamente no âmago institucional e sociocultural, sobretudo, de sociedades europeias. A tentativa de assimilação dos judeus nas identidades nacionais de muitos países se demonstrou limitada em relação ao antissemitismo estrutural o qual barrava social, afetiva e institucionalmente essa pretensa assimilação. O retorno a Israel por parte dos judeus, no entanto, gerou novas teses conspiratórias que dão forma a novas roupagens antissemitas. Neste regresso, muitos diálogos interculturais ocorreram e ampliaram a percepção da complexidade étnica que consubstancia a judeidade. A criação do estado de Israel há 74 anos fez o judaísmo se perceber como uma etnia única e, ao mesmo tempo, heterogênea e dinâmica.

Muitas foram as resistências locais árabes em relação ao retorno dos judeus para o

94 Em seu livro sobre a obra de Jung, Nise da Silveira aponta que o inconsciente coletivo "corresponde às camadas mais profundas do inconsciente, aos fundamentos estruturais da psique comuns a todos os homens" (1975, p. 72). A autora explica que "o inconsciente coletivo funciona, na interpretação psicológica, como o denominador comum que reúne e explica numerosos fatos impossíveis de entender, no momento atual da ciência, sem sua postulação. Enquanto o inconsciente pessoal é composto de conteúdos cuja existência decorre de experiências individuais, os conteúdos que constituem o inconsciente coletivo são impessoais, comuns a todos os homens e transmitem-se por hereditariedade" (1975, p. 76).

território denominado Palestina, criado pelos romanos ao forçar mais uma, dentre tantas, diásporas judaicas.

"Diáspora"[...] diz respeito à "dispersão" ou exclusão forçada dos judeus da Palestina, mais especificamente da região da Judéia que a compunha. Embora tenham ocorrido outras anteriormente, esta foi decorrente da repressão romana a tentativa emancipacionista dos judeus, conhecida como Revolta de Barcoquebas, entre 132 e 135 d.C. Estima-se a morte de mais de 580 mil judeus, além de milhares de outros mutilados, presos, escravizados e exilados em várias partes do mundo antigo.(VIEIRA, 2019, p.1)

Nesse sentido, se tornou emblemática a associação entre o Hajj Amin Al Husayni, então líder palestino e países do Eixo, sobretudo Alemanha e Itália. Essa aliança visava traçar pontes antissionistas de orientação ideológica antissemita que visavam enfraquecer o histórico anseio do povo judeu de retornarem aos seus territórios ancestrais. É evidente que a disputa entre narrativas têm um forte viés político em torno do território das atuais Israel e Palestina. Assim, muitas foram as lideranças que inspiraram e que até hoje são referências nas reivindicações expressas pelo povo palestino, todavia, seu legado por vezes conspiracionista e portanto antissemita certamente deve ser problematizado. Dessa maneira, elenco a memória dessa aliança como maneira de salientar contradições e excessos no que diz respeito às alianças históricas entre Husayni (figura 126) e as consequências dessas articulações também no inconsciente coletivo palestino.

Figura 126: Hajj Amin Al Husayni e Adolf Hitler em reunião na Alemanha em 1941



Fonte: The Times of Israel

Nesse sentido, ficou também mais facilitada a possibilidade de compreensão de como cada membro da comunidade judaica percebesse como o anti-judaísmo, o imperialismo, o colonialismo e o racismo produziram a diáspora. Também foi possível o entendimento de como o antissemitismo, em diferentes contextos geográficos, também forçou judeus e judias a fazerem um retorno aos atuais territórios onde hoje se encontram Israel e Palestina para reacessar sua terra originária ou prometida, conforme a cosmovisão judaica considera. No entanto, não se trata aqui de assimilar os diversos espectros dos antissemitismos à identidade judaica e utilizá-lo de maneira utilitária e acrítica. Essa perspectiva é sempre problematizada pelo professor Michel Gherman, em muitas das suas conferências, que terá suas ideias acessadas ao longo deste texto. Partindo desse alerta, visa-se tentar compreender aqui como a diáspora produzida pelo antissemitismo ou anti judaísmo produziu ressignificações na cultura e identidade judaica por meio de ações de resistência.

Anteriormente a 1948, muitos judeus retornaram da Europa e se estabeleceram nas regiões dominadas pelo Mandato Britânico, em *kibutzim*⁹⁵, que designa experiências sociais

95 Plural da palavra *kibutz*, relativa à palavra *Kvutzá*, “grupo”.

de uso coletivo da terra. Ocorrida no século XX, essa imigração judaica para a então Palestina se baseou na implementação de assentamentos agrícolas coletivos de orientação socialista sionista.

Essas referidas experiências coletivas de uso da terra foram formas de resistência idealizadas, dentre outras razões, para fugir do antissemitismo em diversos contextos da Europa ocidental e oriental, muito antes da ascensão nazista. Apesar de possuir o caráter nacionalista como um dos pontos principais, o sionismo sempre foi plural politicamente. A vida nos guetos na Europa, as perseguições religiosas, conversões forçadas, os pogroms e outras formas de violências históricas foram apenas algumas das justificativas comuns para o desenvolvimento dessa corrente judaica de pensar o retorno à Israel. Vale lembrar que os grupos judaicos políticos sionistas variam desde alas radicais conservadoras às mais progressistas, com muitas divergências e disputas de narrativas e agenciamentos institucionais religiosos, culturais e políticos. O Coletivo Judeus pela Democracia em junho de 2020 compartilhou em suas redes sociais documentos (figura 127 e 128) que registram essa heterogeneidade política que permeia as comunidades judaicas historicamente. Segundo a publicação do referido coletivo,

O ano era 1934, um ano após Hitler ser eleito. Israel ainda não existia, mas o movimento sionista sim. No meio do caldeirão, um partido de esquerda - Po'ale Tsyon (trabalhadores de Sion) produziu os selos da foto para arrecadar fundos.

O termo "ANTIFA" e a solidariedade entre "trabalhadores judeus e árabes" era o destaque.

O partido reunia Judeus e Árabes, todos sionistas e pró-palestinos, na luta antifascista.

[...]

Abaixo, os quatro princípios do movimento antifa (traduzidos do inglês):

1) Antifa é aberto a todos os trabalhadores e cidadãos que, independente de sua orientação política, reconhecem a necessidade de combate ao veneno fascista e antissemita e reconhecem a solidariedade de todos os interesses sociais e nacionais dos trabalhadores, independentemente de sua etnia ou religião.

2) Não há lugar no Antifa àqueles que são inimigos dos trabalhadores Judeus ou da imigração judaica e assentamentos na terra de Israel. Não há lugar no Antifa àqueles que são inimigos dos trabalhadores árabes e de seu avanço nesta terra.

3) Antifa visa forjar nesta terra uma força antifascista contra todas as formas de fascismo e chauvinismo entre os públicos árabes e judeus. Fornecemos ajuda fraternal para ajudar as vítimas do fascismo e do antissemitismo.

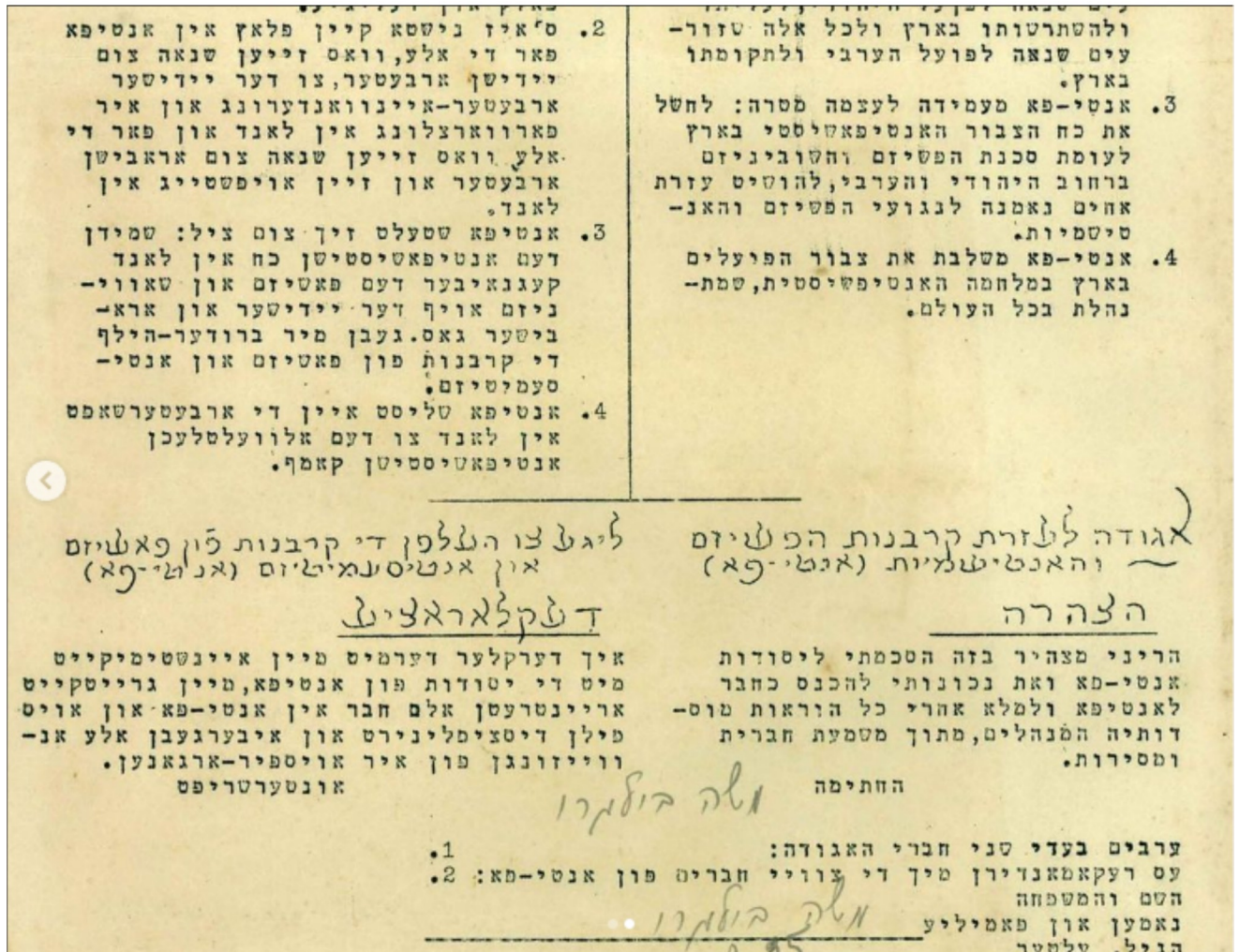
4) Antifa recrutam os trabalhadores desta terra para a luta global contra o fascismo.

Figura 127: selo antifascista produzidos pelo partido de esquerda - Po'ale Tsyon (trabalhadores de Sion)



Fonte: Coletivo Judeus pela Democracia

Figura 128: princípios do movimento Antifa



Fonte: Coletivo Judeus pela Democracia

Um dos aspectos antissemitas mais conhecidos na atualidade estão ligados a conspirações produzidas desde a extrema direita à extrema esquerda. Essas expressões da violência contra judaica variam e se repetem a partir de cada um desses espectros. Israel é, portanto, mais um ponto de ressignificação do antissemitismo à direita é à esquerda.

O Instituto Brasil Israel (IBI) é uma instituição que desenvolve um trabalho amplo de denúncia dos antissemitismos e de educação para a interculturalidade crítica e coexistência. Em síntese, de acordo com os materiais estudados, as linhas de ação dessa instituição, no que se refere ao antissemitismo, se atem a mostrar que não existem obviedades para tratar sobre o tema na contemporaneidade.

O coordenador acadêmico do IBI, professor Michel Gherman, tem destrinchado o

assunto de modo a complexificá-lo e ilustrar que à direita podemos observar o antissemitismo de modo mais óbvio e quase sempre escancarado. Esta expressão está ligada aos ideais de grupos de supremacia branca e (neo)nazistas, ainda ligados à ideia de inferioridade racial judaica e supostas teorias de dominação global institucional, da mídia e da política. Essa perspectiva também é bastante aprofundada e denunciada pela professora Adriana Dias (2005, 2007 e 2010) que há mais de 20 anos estuda o neonazismo e grupos supremacistas brancos. Outra expressão explorada pelos debates promovidas pelo IBI muito apresentada por Gherman (2009) é o antissemitismo neopentecostal, quase sempre também associado à comunidade pentecostal à direita.

Essa referida perspectiva cristã de antissemitismo contemporâneo está, segundo Michel Gherman (2009 e 2022), associada à construção de um judeu e de uma Israel imaginários e idealizados diante referências evangélicas mais à direita. Segundo Gherman, o judeu ideal ou imaginário é uma expressão colonial promovida sobretudo pelo "bolsonarismo" e é representado sempre como rico, liberal, branco, armado e cristão. Dentre outros aspectos passíveis de serem explicados, essas dimensões estigmatizadoras, para Gherman, são antissemita pois tendem a desenhar os judeus e o estado judaico de modo a desconsiderar outras identidades judaicas que não coadunem a esteriótipos esperados.

Diante disso, sabemos, no entanto, que a anuência utilitarista pentecostal e bolsonarista a Israel não elimina o aspecto antissemita de sua ideologia. Outra exemplificação dessa questão são as apropriações culturais de elementos judaicos cometidas pelo Bispo Edir Macedo, tanto na estética que incorpora vestimentas sagradas judaicas, quanto na arquitetura de suas igrejas que remetem aos antigos templos judaicos. Além disso, Gherman discute como o neopentecostalismo tem se entranhado na cultura judaica, promovendo conversões e distorções interpretativas sobre a judeidade. Essas duas visões são observáveis também no bolsonarismo, que engloba esses dois aspectos: espectro político de extrema direita e cristão. (GHERMAN, 2022)

O IBI também passou a mediar debates sobre o antissemitismo no campo da esquerda, que geralmente está associado e justificado em um discurso anti imperialista. O argumento conspiratório ressurgue nesse espectro da política de também e coloca Israel como um instrumento imperialista estadunidense ou colonial europeu estratégico para o domínio do Oriente Médio e extermínio do povo palestino. Ocorre, nessa interpretação reducionista, tanto por uma homogeneização de toda a sociedade israelense e suas representações políticas, como

dos segmentos judeus sionistas, uma noção ideológica monocrática da judeidade⁹⁶.

Nesse sentido, vale destacarmos a narrativa defendida pela ativista influenciadora israelense Ashager Araro, como um sionismo outro, deslocado do imaginário sionista ocidental. Araro é uma descendente de judeus etíopes e fundadora da Battae (Centro Patrimonial Etíope Israelense). A memória de Abba Mahari é recorrentemente evocada pela ativista, o qual foi um líder judeu (Beta Israel) que iniciou em 1862 uma conhecida marcha composta por milhares de judeus etíopes de seu país até Jerusalém. A história desse segmento judaico é de intensa resistência e data dos anos 1.400. Esses segmentos não brancos do judaísmo, são pouco centralizados e deveriam ter mais espaço nas ações educativas do programa aqui estudado.

4.2 Anti-judaísmo e antissemitismos

Em junho de 2020, o Museu do Holocausto de Curitiba, em parceria com o Laboratório de Estudos Tardo-Antigos e Medievais Ibéricos/Sefaradis, promoveu o curso "DEICIDAS, USURÁRIOS E ALIADOS DO DEMÔNIO: Do antijudaísmo ao antissemitismo: reflexões sobre um preconceito milenar", ministrado pelo professor Sergio Alberto Feldman. A ementa do curso prevê o entendimento sobre o processo de construção da imagem do judaísmo no ocidente cristão,

O curso, dividido em 5 aulas de 2 horas, teve o primeiro módulo intitulado "Os judeus no mundo antigo: do paganismo ao império cristão", que abordou o judaísmo no decorrer da Antiguidade, bem como o surgimento do fenômeno do anti-judaísmo. O segundo módulo, "Os judeus na ótica da Patrística" teve como recorte a transição entre a Antiguidade e a Idade Média e a situação do povo judeu nesse período. Na terceira parte do curso, "Estudo de caso: Isidoro de Sevilha", os judeus e a monarquia visigótica" foram apresentadas as questões relativas à "Antiguidade Tardia", e a sua relação com monarquias, Igreja Católica e as conversões forçadas as quais judeus eram submetidos. No quarto tópico, "Deicidas, usurários e demoníacos – os mitos antijudaicos", o judaísmo foi pautado em sua relação com as primeiras teses conspiracionistas, símbolos e mitos antijudaicos no medievo. A quinta sessão do curso, "A construção do racismo moderno", tratou da vida dos judeus na Europa iluminista

96 Cf. A distinção de Albert Memmi sobre os conceitos de Judaísmo, judaicidade e judeidade (GHERMAN 2022, p. 15).

e moderna, seus processos de integração e crises sociais; o antissemitismo associado aos nacionalismos e ao projeto de modernidade; as relações dos estudos genéticos na judaicidade; o racismo enquanto pseudociência; a liga antissemita alemã; racismo e teoria ariana nazista e a ascensão do antissemitismo à direita.

Ao decorrer do curso, pudemos compreender duas etapas das perseguições em relação ao povo judeu e os debates conceituais no campo da história sobre antijudaísmo e antissemitismo. O antijudaísmo foi a primeira categoria abordada no curso, a qual se estendeu temporalmente no período entre a idade antiga até a medieval. Esse conceito possui uma conotação religiosa e socioeconômica que visava a estigmatização do povo judeu a partir de teorias conspiracionistas. A segunda, cunhada de antissemitismo foi elaborada no período moderno está relacionada às teorias darwinistas que criaram o racismo pseudocientífico no século XIX. Essa visão objetivou justificar o colonialismo, a partir de uma suposta ciência racial que atribuiu uma superioridade racial ao caucasiano branco europeu para legitimar colonizações, genocídios, perseguições, escravizações, estupros bem como outras formas de desumanização.

No sentido de denunciar a Europa e o Oriente médio como territórios onde foram ensaiadas as maiores catástrofes sociohistóricas promovidas pelos reinos e países europeus hegemônicos, nos primeiros agenciamentos de limpeza étnica e de dominação de povos como judeus e mouros, pré invasão das Áfricas e da América Latina, Aníbal Quijano, nos propõe que

Para lidar com tais fantasmas e conseguir, talvez, que nos iluminem antes de desvanecer, é indispensável liberar nossa retina histórica da prisão eurocêntrica e reconhecer nossa experiência histórica. É bom, pois, é necessário que Dom Quixote cavalgue de novo para desfazer agravos, que nos ajude a desfazer o agravo de partida de toda a nossa história: a armadilha epistêmica do eurocentrismo que há quinhentos anos deixa na sombra o grande agravo da colonialidade do poder e nos faz ver somente gigantes, enquanto os dominadores podem ter o controle e o uso exclusivos de nossos moinhos de vento. (2005, p.16)

Ainda de acordo com o estudado, o antissemitismo⁹⁷, foi uma dessas estratégias para domínio do povo judeu, de modo a racializá-lo e para justificar colonização da Ásia e África, quanto para expulsar judeus, em diáspora, de países, sobretudo europeus, ou segrega-los em guetos, assim: “O termo antissemitismo serve apenas a partir do século XIX, quando o

97 Em alguns contextos e casos, o antissemitismo pode ser atribuído também para outros povos semitas. Todavia, esse termo tem sido atribuído com maior recorrência para os judeus.

racismo europeu fez uso deste termo, criado por Guilherme Marr, da Liga antissemita alemã, mesmo sendo impreciso, pois faz uso de terminologia baseada nos mitos bíblicos, se estabeleceu como de uso comum”. (FELDMAN, 2018, p.54)

Diante de tais explicações podemos, portanto, identificar distintos tipos de fobias anti judaicas. A mais antiga dessas é o antijudaísmo, de caráter pagão em tempos remotos da antiguidade e o cristão que se estendeu até finais do medievo. A partir desse período, formase na modernidade a ideia de antissemitismo numa perspectiva pseudocientífica, a qual é pensada neste trabalho problematizando a concepção fanoniana.⁹⁸ Ao tratar sobre o antissemitismo agenciado por parte de intelectuais e grupos à esquerda, o professor Luis Moraes, defende que o antissemitismo é "uma manifestação ou ato de estigmatização e segregação [...] movidos por um leque enorme de razões potenciais que vão do ódio e do ressentimento ao medo." (2014, p. 222). Moraes também defende que

98 Na contemporaneidade, uma das definições mais referenciadas sobre antissemitismo é a da Aliança Internacional para a Memória do Holocausto (IHRA) que considera que **O antissemitismo é uma determinada percepção dos judeus, que se pode exprimir como ódio em relação aos judeus. Manifestações retóricas e físicas de antissemitismo são orientados contra indivíduos judeus e não judeus e/ou contra os seus bens, contra as instituições comunitárias e as instalações religiosas judaicas.** [...] As manifestações podem ter como alvo o Estado de Israel, encarado como uma coletividade judaica. No entanto, as críticas a Israel, semelhantes às dirigidas contra qualquer outro país, não podem ser consideradas antissemitas. O antissemitismo acusa frequentemente os judeus de conspirarem para prejudicar a Humanidade e é utilizado, muitas vezes, para culpar os judeus pelas «coisas que correm mal». É expresso oralmente, por escrito, sob forma visual e através de ações, utilizando estereótipos sinistros e traços de personalidade negativos. Tendo em conta o contexto global, exemplos contemporâneos de antissemitismo na vida pública, nos meios de comunicação social, nas escolas, no local de trabalho e na esfera religiosa podem incluir mas não se limitam a: Apelar, ajudar ou justificar o assassinio ou os maus tratos a judeus em nome de uma ideologia radical ou de uma visão extremista da religião. Fazer alegações enganosas, desumanizadoras, demonizadoras ou estereotipadas sobre os judeus como tal ou sobre o poder dos judeus como um coletivo – tais como, em particular mas não exclusivamente, o mito de uma conspiração judaica mundial ou de os judeus controlarem os meios de comunicação social, a economia, o governo ou outras instituições societais. Acusar os judeus como povo de serem responsáveis por irregularidades reais ou imaginárias, cometidas por um judeu ou um grupo judaico, ou até por atos cometidos por não judeus. Negar o facto, o âmbito, os mecanismos (por exemplo, as câmaras de gás) ou o carácter intencional do genocídio do povo judeu às mãos da Alemanha nacional-socialista e seus apoiantes e cúmplices durante a II Guerra Mundial (o Holocausto). Acusar cidadãos judeus de serem mais leais a Israel, ou às alegadas prioridades dos judeus a nível mundial, do que aos interesses das suas próprias nações. Negar ao povo judeu o seu direito à autodeterminação, por exemplo afirmando que a existência do Estado de Israel é um empreendimento racista. Aplicar uma dualidade de critérios, requerendo um comportamento que não se espera nem exige de qualquer outra nação democrática. Utilizar símbolos ou imagens associados ao antissemitismo clássico (por exemplo, alegações de os judeus terem matado Jesus ou do libelo de sangue) para caracterizar Israel ou os israelitas. Efetuar comparações entre a política israelita contemporânea e a dos nazis. Considerar os judeus coletivamente responsáveis pelas ações do Estado de Israel. **Os atos antissemitas são crimes** quando assim definidos por lei (por exemplo, a negação do Holocausto ou a distribuição de material antissemita em alguns países).

Os atos criminosos são antissemitas quando os alvos dos ataques, quer sejam pessoas ou bens – tais como edifícios, escolas, locais de culto e cemitérios -, são selecionados porque são judaicos ou associados aos judeus, ou vistos como tal; **A discriminação antissemita** consiste na recusa aos judeus de oportunidades ou serviços disponibilizados a terceiros e é ilegal em muitos países. (Disponível em: <https://www.holocaustremembrance.com/pt-pt/resources/working-definitions-charters/definicao-pratica-de-antissemitismo-da-ihra>)

ainda que os objetos, as motivações, os temas, os espaços de manifestação e os veículos por meio dos quais se manifesta o antissemitismo são e podem ser muito distintos, estes não devem apagar que é possível observar um núcleo estruturante que faz com que uma manifestação antissemita seja reconhecida como antissemita e não como outra coisa qualquer. Assim, pensar no antissemitismo é refletir sobre manifestações que têm e podem ter veículos distintos, motores distintos, serem ou não conscientes, mas que, objetiva e concretamente, tomam “os judeus” como um grupo-corporação e como um grupo-mal (2014, p. 242)

Nesse sentido, a abordagem de Frantz Fanon é indispensável para repensar o antissemitismo, em contextos diversos. O autor, utilizado como referencial teórico para muitas pautas e abordagens epistemológicas, sobretudo da esquerda, aborda o tema de maneira sóbria e crítica. Além de identificar as linhas de sustentação desse fenômeno a partir das ideias de Jean Paul Sartre ao relacioná-las com as expressões "negróforas" europeias, Fanon nos permite ter outras noções dessa reverberação em outros contextos coloniais como o Brasil. Esses diálogos expostos por Fanon sofisticam o debate sobre antissemitismo que envolve questões tais como o racismo, o conspiracionismo e a colonialidade europeia como operadoras dessa expressão racista-conspiracionista.

4.3 Pesquisas fanonianas: antissemitismo, diáspora e questão judaica

Diante dessa complexa realidade e suas respectivas demandas supracitadas, é necessário articular a temática do antissemitismo, ausente nas pesquisas sobre PNMB e demais obras do autor, a outros temas mais próximos dessa questão. Dentre esses temas, buscamos entender também em pesquisas futuras como o problema do antissemitismo é tratado por autores do sul global, pós-coloniais e decoloniais. Para isso, dentre uma ampla gama de trabalhos acadêmicos sobre a obra fanoniana, me deduzi sobre teses, dissertações e artigos, os quais me serviram de apoio para entender outros debates dialógicos baseados em PNMB, tendo como critério a aproximação com o tema escolhido para o presente texto.

O aprofundamento no conceito de antissemitismo em PNMB nos leva a compreender como vem sendo desenvolvidas as pesquisas sobre os conceitos trabalhados por Fanon em suas produções bibliográficas. Seis são os eixos de estudos fanonianos apontados pelo professor Deivison Faustino (2015) na contemporaneidade, categorizados como "1. Estudos

Pós-coloniais e da Diáspora; 2 Negritude; 3. Decoloniais; 4. Branquitude; 5. Psicologia; 6. Ethos Nacional". Faustino ainda rememora o campo em formação maior que engloba os referidos tópicos, denominado por Lewis R. Gordon, como *Fanon Studies*. (FAUSTINO, 2015, p. 210).

Conforme já explicitado, o conceito de antissemitismo em PNMB não aparece nas pesquisas levantadas até então para nesta dissertação. Outras bibliografias com temáticas dialógicas foram localizadas abordando a obra de Fanon como um todo; alguns de seus escritos; diálogos entre distintos livros do autor e quase sempre conceitos múltiplos abordados por ele. Podemos localizar pesquisas que apresentam debates sociológicos sobre temas tratados por Fanon como configuração colonialista, autodeterminação, desracialização e descolonização em um viés sociológico (CHAVES, 2019). Diálogos entre educação, pedagogia decolonial, movimentos negros e suas demandas sócio-identitárias também são trabalhadas em diálogos entre Fanon e outras pensadoras em artigos abordam Fanon para pensar uma educação antirracista⁹⁹. Tais perspectivas também são pensadas em diálogo com a ideia de negritude e sua expressão política quando tratada a partir do universalismo fanoniano. (ROCHA, 2015)

Outros trabalhos problematizam a experiência colonial, bem como a complexidade do fenômeno da dominação por meio das relações de poder, fazendo dialogar teóricos como Fanon, Albert Memmi e Paulo Freire (ALCÂNTARA CONDE DA SILVA, 2021). Outro trabalho nos coloca entre ideias do crítico e filósofo judeu Walter Benjamin e Fanon (DA ROSA, 2020) e além desses, uma interlocução entre a filosofia de Muniz Sodré e Fanon também foi localizada (CERQUEIRA, 2021). Esse tema é também pensado no aspecto da dominação colonial e seu impacto em um nível psicológico (SAPEDA, 2011) e do ponto de vista da alienação e propostas de desalienação (CARVALHO, 2022). Ademais, outros temas como representações no campo das artes também são discutidas, tais como blackface (SANTOS e SOBRINHO, 2020).

Antissemitismo e negrofobia: categorias raciais e racismos do contemporâneo

Uma das primeiras abordagens mais diretas sobre antissemitismo no livro PNMB se dá por meio de uma problematização ligada à questões de classe econômica. O racismo, tanto

99 Cf. ARAÚJO (2020)

em sua expressão negrófoba, quanto antissemita, são abordados por Fanon como um preconceito também possível de ser reproduzido entre classes médias e mais pobres economicamente. Ao apresentar um diálogo entre Sartre e o psicanalista francês Monsieur Mannoni, Fanon relaciona o antissemitismo europeu com o racismo sofrido pelos negros na África do Sul agenciado pelas classes médias brancas. Nessa camada de classe o antissemitismo é apontado como uma forma de desenvolvimento de um senso de pertencimento comum a essas classes sociais, reiterando um ódio comum. Nos dizeres Fanon,

Mannoni estima que o branco pobre da África do Sul detesta o negro independentemente de qualquer processo econômico. Além do mais, Sartre convoca a mentalidade anti-semita para explicar essa característica: Assim, chamaria de bom grado o anti-semitismo de esnobismo do pobre. [...] Esta paixão se propaga normalmente nas classes médias, precisamente porque elas não têm nem terra, nem castelo, nem casa! Ao tratar o judeu como um ser inferior e pernicioso, afirmo, ao mesmo tempo, que pertenço a uma elite. (2008, p.86)

Essa sensação de pertencimento a uma "elite" também é verificável no contexto brasileiro por parte das classes médias e da própria "elite".¹⁰⁰ As camadas sociais burguesas também tem um senso de pertencimento a ser buscado, geralmente no exterior. Os referenciais éticos e estéticos europeus¹⁰¹ são o horizonte idealizado como mais próximo à perfectibilidade de uma humanidade idealizada, padronizadas dentro de um lógica racalista branca, heteronormativa e ligados aos cristianismos e outras religiosidades eurocêntricas.¹⁰² Zygmunt Bauman apresenta o conceito de heterofobia, ou seja, o ódio em comum de uma ideologia ou grupo em relação ao diferente que pode ser compreendida no diálogo de ideias propostas pelo filósofo Baruch de Spinoza. Podemos aqui nos apropriar da definição de "ódio" proposta por Spinoza, que o conceitua como "uma tristeza acompanhada da ideia de uma causa exterior" (2014, p. 143) para justificar, no caso do antissemitismo, o judeu como aquele que conspira contra o progresso econômico, moral e espiritual de sociedades europeias.

O judaísmo sempre foi visto dentro da Europa como uma etno-religiosidade exterior ao continente europeu, portanto não muito bem vista para os parâmetros do *status quo* de

100 O jurista e filósofo Silvio Almeida, autor de "Racismo estrutural" (2019), em diversas entrevistas problematiza o uso da palavra elite para se referir às classes sociais burguesas. Ele nos chama a atenção para o fato de quase sempre a ideia de elite estar relacionada a um conceito valorizado a partir da premissa de que a posição mais próxima à burguesia implica necessariamente em maior valoração ética, estética, intelectual e moral.

101 Cf. MEMMI (2021)

102 Cf. DOS SANTOS e PEIXOTO (2020)

muitos países da Europa. Etnias afro-diaspóricas, ciganas, mouras, árabes (islâmicas ou não) até hoje sofrem preconceitos históricos também nesse sentido.

A dificuldade de enquadramento de judeus às etiquetas sócio-culturais nos séculos em que esse povo esteve em diáspora pela Europa quase sempre gerou uma não assimilação ou assimilação parcial em diferentes esferas sócio-culturais e institucionais nas nações do continente. O caso dos *pogroms*, como mais um fator gerador de diásporas, por se tratarem de ataques sistemáticos a judeus e suas propriedades ocorridos em diferentes países da Europa e momentos históricos. Esses são quase sempre promovidos por civis e também é um fenômeno que pode ser analisado à luz do livro PNMB como uma reatividade colonial dentro das fronteiras europeias. Mais uma vez podemos recorrer às definições dos afetos propostos por Spinoza em diálogo com Fanon para compreender a mentalidade racista europeia no agenciamento da violência enquanto forma de neutralizar os inimigos externos. Muitas definições do referido filósofo judeu nos ajudam a destrinchar os *pogroms* e outros tipos agenciamento da violência. As definições de ódio -supracitada- e de "ira" e vingança podem nos ajudar a entender os fatores psicológicos que levaram as massas de civis a agenciar os *pogroms*.

Para Spinoza , "a ira é o desejo que nos incita, por ódio, a fazer mal a quem odiamos" (2014, p.143) enquanto que "a vingança é o desejo que nos impele, por ódio recíproco, a fazer mal a quem, com igual afeto, nos causou dano"(2014, p.37). Na mentalidade racista, esse ódio é recíproco e se assemelha a uma ideia de vingança na medida que pune aquele que está supostamente organizado e focado na promoção da involução ou vulnerabilização do progresso e ordem eurocentrada (BENJAMIN, 2012, p.229). Essas perseguições ocorreram em massa, em sua maioria, na Rússia, mas também em outros países da Europa, como Alemanha, Polônia, Ucrânia, etc. A historiadora e presidente do Instituto Marc Chagall, Ieda Gutfreind trabalha com narrativas orais de imigrantes judeus do leste Europeu advindos de diferentes localidades, sobretudo Rússia e Bessarábia.

Os judeus russos emigraram, buscando melhores condições de vida e escapar do cerco antijudaico do governo, dos atos de violência perpetrados também pela população civil, insufladas e/ou acobertadas pelas autoridades. Os **pogroms** eram o grande medo vivido através da **experiência** ou apenas por notícias que os judeus russos recebiam de familiares, conhecidos ou viajantes sob as mais distintas formas (GUTFREIND, 2020, p.84).

A autora relata em seu trabalho como era também a movimentação dentro do próprio

Rio Grande do Sul desses judeus que se encontravam novamente em diáspora. Segundo ela, ao menos dois pogroms teriam acontecido no estado Rio Grande do Sul, segundo as narrativas orais analisadas por Gutfreind.

De acordo com o trabalho de doutoramento da historiadora Carol Lopez, no pós-Holocausto.

Enquanto o mundo comemorava o final da guerra sobre as ruínas da Alemanha nazista, para o povo judeu, a vitória dos aliados havia chegado tarde demais. Mais da metade dos membros da população judaica da Europa estavam mortos. Somente na Polônia, onde antes de 1939 viviam 3.500.000 de judeus, mais de 90% haviam sido assassinados. As demais comunidades do leste europeu, que lá habitavam havia quase cinco séculos, não mais existiam. Os sobreviventes que emergiam das florestas onde haviam encontrado refúgio durante a guerra buscavam pontes que os conduzissem à reconstrução de suas vidas sobre as cinzas do shtetl. Perceberam, porém, que não só o shtetl, mas tampouco as pontes restavam. Aqueles que, mesmo assim, arriscavam retornar às suas casas na esperança de terem sido os únicos em suas famílias sujeitos ao périplo daqueles seis anos de inferno, descobriam que não havia mais família e o que antes era seu lar, havia sido ocupado por habitantes locais hostis aos antigos vizinhos. Na Polônia, somente no primeiro ano depois da guerra, mais de 500 judeus foram mortos em ataques isolados e pogroms organizados por "vizinhos". O mais notório é talvez o massacre perpetrado na cidade de Kielce, em julho de 1946, e que resultou na morte de pelo menos 42 judeus (LOPEZ, 2016, p.8).

O poeta Aimé Césaire, é citado na obra PNMB e nos conduz a reflexões sobre a permanência do nazismo enquanto uma face do colonialismo contra povos não europeus. Sua conceituação de "racismo colonial" é referenciada por Fanon para responsabilizar a civilização européia sobre suas violências colonialistas. Podemos tomar as imagens de barbárie do assassinato de Genivaldo de Jesus¹⁰³ como um exemplo da persistência de elementos que se assemelham ao nazismo na sociedade brasileira contemporânea, mas que na prática mostra a singularidade do racismo no Brasil. O modus operandi de como policiais rodoviários federais mataram um homem negro com transtornos mentais ilustra como a engenharia social de exermínio é uma ética que apresenta imagens de genocídios na contemporaneidade que ainda tem como alvo corpos indesejáveis por sua "raça" e "loucura"¹⁰⁴. A ética colonialista, ao agir a partir de instituições da estrutura moderna de estado, se materializa em crimes cotidianos dos aparelhos de repressão do estado. Fanon nos

103 Mais uma pessoa negra vitimada pela violência policial. Devido a um surto psicótico, Genivaldo sofreu tortura até ser assassinado por policiais rodoviários federais na cidade de Umbaúba. Os agentes improvisaram uma câmara de gás no porta malas da viatura que utilizavam no dia para contê-lo em seu momento de sofrimento psíquico..

104 Cf. SILVEIRA 2015, p. 112; FOUCAULT, 2000, p.46 e MALUF (2019)

convida a acessar os escritos do poeta que narra:

Quando ligo o rádio e ouço que, na América, os pretos são linchados, digo que nos mentiram: Hitler não morreu; quando ligo o rádio e ouço que judeus são insultados, desprezados, massacrados, digo que nos mentiram: Hitler não morreu; quando ligo enfim o rádio e ouço que na África o trabalho forçado está instituído, legalizado, digo que, na verdade, nos mentiram: Hitler não morreu.

[...]

E então, um belo dia, a burguesia foi acordada por um choque terrível: as gestapos em plena atividade, as prisões cheias, os torturadores inventando, refinando, discutindo ao redor dos cavaletes (...)

As pessoas se espantaram, ficaram indignadas. Diziam: ‘Que coisa estranha! Bah! é o nazismo, isso não vai durar!’ E esperaram, alimentaram expectativas; e esconderam de si próprios a verdade, ou seja, que é mesmo uma barbárie, mas a barbárie suprema, aquela que coroa, que resume o cotidiano de todas as barbáries; sim, é apenas o nazismo, mas antes de sermos as suas vítimas, fomos os seus cúmplices; este nazismo aí, nós o apoiamos antes de sofrer o seu peso, nós o absolvemos, fechamos o olho, o legitimamos, porque, até então, ele só tinha sido aplicado a povos não europeus; este nazismo, nós o cultivamos, somos responsáveis por ele, por seus disfarces, por sua penetração, sua infiltração, antes de absorvê-lo pelas águas avermelhadas de todas as fissuras da civilização cristã e ocidental. (2008 p.89)

O equívoco do célebre poeta, que se refere aos judeus em diáspora como um povo europeu, apenas reforça a tese de que sua não assimilação enquanto povo se soma a ilustrações de vários outros fatores que legitimaram as perseguições históricas sofridas por judeus no velho continente. Fanon aponta o catolicismo e o eugenismo como os substratos da tradição europeia responsáveis pelo agenciamento de raça conceitual e institucionalmente. Essas duas ideias são tensionadas e modeladas politicamente ao serem aplicadas de maneira estratégica na sociedade a partir de novas roupagens do racismo. O reconhecimento da vida das pessoas pretas como humanas por intelectuais e religiosos católicos, passa a ser uma constatação utilizada de maneira a manejar esses corpos estrategicamente e de acordo com os interesses coloniais. Da mesma forma, essa instituição religiosa anteriormente chancelou a escravização de maneira a justificá-la a partir de suas interpretações teológicas, tal como foi também justificada a perseguição a judeus, sobretudo na antiguidade, com argumentos religiosos. Para o autor, o judeu também sofre da mesma maneira esse processo de racialização e segregação embasada no eugenismo, sendo judeus e negros "parceiros de infortúnios" agenciados pela lógica euro-cristã. Fanon ainda aponta que tais expressões dos racismos são geralmente legitimadas a partir de uma ideia de que seriam pontos de vista

garantidores da continuidade da tradição europeia. (FANON, 2008, p. 112)

A abordagem conspiracionista do antissemitismo é mais uma vez possível de ser observada em PNMB quando o autor relaciona o preconceito contra judeus a partir de esteriótipos e teorias conspiratórias relativa a judeus e suas supostas interferências em instituições diversas. Fanon elenca as dimensões fundiárias territoriais e morais como recorrentes nas falácias que ainda continuam sendo reproduzidas e ressignificadas na contemporaneidade para estigmatizar e homogeneizar as diferentes judaïcidades. Sempre fazendo o paralelo analítico entre as demandas dos negros e judeus em diáspora, o autor denuncia o racismo em sua dimensão psicanalítica. Fanon, disserta que para compreendermos a realidade da relação racial, psicanaliticamente,

concebida não globalmente mas sentida por consciências particulares, é preciso dar uma grande importância aos fenômenos sexuais. Com respeito ao judeu, pensa-se no dinheiro e nos seus derivados. Com respeito ao negro, no sexo. O anti-semitismo é susceptível de racionalização no plano fundiário. Os judeus são perigosos porque anexam o país. Recentemente um colega nos disse que, sem ser anti-semita, era obrigado a constatar que muitos judeus que tinha conhecido durante a guerra se comportavam como uns canalhas. Em vão tentamos convencê-lo de que esta conclusão era a consequência de uma vontade deliberada de detectar a essência do judeu onde quer que eles se encontrassem. (2008, p.140)

Esta perspectiva psicanalítica de teorias conspiracionistas¹⁰⁵ que tentam criar essa "essência" a partir de narrativas dialoga com a obra "Psicologia das massas e análise do eu" de Sigmund Freud. A obra, que se aprofunda na pergunta sobre "o que mantém coesa uma massa de pessoas?" pode nos ajudar a compreender fenômenos de racismos noticiados pela imprensa em diferentes contextos mundiais. O caráter conspiracionista do antissemitismo foi o enfoque aqui elucidado, porém, muitas outras abordagens são passíveis de reflexão. O diálogo com teóricos e teóricas apresentadas e discutidas criticamente nas experiências de ensino aprendizagem desenvolvidas na disciplina de "Educação e Interculturalidade: diálogos com memórias, experiências e narrativas", ministrada pelo professor Elison Antonio Paim é crucial para pensarmos esta abordagem buscando um devir decolonial. A Interculturalidade Crítica e a Educação Decolonial¹⁰⁶ oferecem ferramentas bastante profícuas para o aprofundamento em questões de alta complexidade tais como o antissemitismo e seu impacto na judaicidade. Tais inter cruzamentos poderão ser melhor fundamentados e as reflexões mais sistematizadas,

105 Cf. FANON (2008, p. 139) e sobre o conceito de "psicose anti-semita" (p.154)

106 Cf. PALERMO (2014) e MEMMI (2021)

conforme o avanço de novas pesquisas que abordem os temas citados e sua relação com memória, museus e educação museal.

Dentre as questões que emergem, voltemos às orientações do professor Michel Gherman que nos alerta sobre o cuidado para que não ocorra a incorporação da lógica antissemita nas identidades judaicas e nos provoca a pensarmos sobre esse tema no cotidiano e pesquisas. Essa provocação será aprofundada no último capítulo desta dissertação no diálogo com os narradores entrevistados, educadores da Marcha da Vida.

Para Fanon, o judeu é atacado na genealogia "história, na sua raça, nas relações que mantém com seus ancestrais e seus descendentes" (2008, p.142). O autor ainda discorre, de maneira dialógica com o adendo proposto por Gherman na contemporaneidade, de modo a subsidiar importantes intervenções sobre como tratar do tema do antissemitismo e da "psicose anti-semita" (p.155-6). Esse é um caminho importante a ser tratado no campo das pesquisas em educação museal, ensino de história e relações etnicorraciais, interculturalidade crítica e pedagogia decolonial. Novas pesquisas que abordem esse cruzamento específico são urgentes para tratar, por exemplo, do noticiado aumento de expressões antissemitas e ressignificações do nazismo na juventude e escolas brasileiras¹⁰⁷. É importante que a luta contra o racismo em suas expressões negrófobas e antissemita seja estimulada e encampada por pessoas brancas e não judias. A perspectiva da branquitude crítica também deve encobrir essa pauta, junto com as esses e outro agenciamentos dos racismos.

5. CAPÍTULO 3: NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS, JUDAÍSMOS E RESISTÊNCIAS

Os testemunhos memoriais colhidos nas entrevistas com educadores da Marcha da Vida Universitários podem ser entendidos em diálogo com conceitos tal como o de mônada proposto por Walter Benjamin. “O trabalho artesanal monadológico do qual Benjamin é ator, ao propor que a mônada contém a ideia do mundo, o dizível por ela mesma, representa o fenômeno das suas ideias sobre o estabelecido, sobre o experienciado”. (SANTANA; PAIM, 2018, p. 50)

Ao narrarem as memórias de suas trajetórias de vida e profissionais, os/as educadores para o patrimônio judaico entrevistados nos permitem compreender parte de um amplo

107 Idem nota 16

processo histórico educativo judaico. Essas narrativas podem ser entendidas como expressões contemporâneas das resistências judaicas em si mesmas. As atuações e formação desses educadores também podem ser vistas enquanto experiências de caráter epistemológico, sobretudo ao serem elaboradas em suas falas e memórias elucidadas, assim:

[...] Em cada mônada, estão indistintamente presentes todas as demais. A ideia é mônada, nela reside, preestabelecida, a representação dos fenômenos, como sua interpretação objetiva. [...] a ideia é mônada, isto significa, em suma, que cada ideia contém a imagem do mundo. A representação da ideia impõe como tarefa, portanto, nada menos que a descrição dessa imagem abreviada do mundo. (BENJAMIN, 2006, p. 69, Apud PAIM, 2021)

Justificamos essa coleta de narrativas ainda pelas ideias de Benjamin (2012), sobre a modernidade e o empobrecimento de situações de transmissão das experiências. Conseqüentemente, isso gera estigmas deslegitimadores de tradições consideradas ultrapassadas ou não mais úteis diante do hiper relativismo e hierarquização cultural promovido pelo liberalismo levado ao extremo. A psicóloga e educadora Ana Karina Brocco nos chama a atenção que ao tratar das modificações do capitalismo moderno, Benjamin

constata que a experiência rica da tradição, a *Erfahrung* (experiência autêntica ou transmissível) está em declínio, e a experiência pobre da modernidade, a *Erlebnis* (experiência vivida individual), está em ascensão, como resultado do modo de vida contemporâneo, que leva à pobreza de experiências, concomitantemente com o ato de narrar e de ouvir. Essa pobreza de experiências comunicáveis aparece como um sintoma da modernidade, que busca apagar memórias e experiências, narradoras/es e ouvintes. (2022, p.46)

Essa referida hierarquização cultural dialoga com a crítica da ideia de multiculturalismo proposta por Catherine Walsh (2007) em suas pesquisas. Para a autora, essa ideia acaba por ser uma artimanha capitalista e liberal que promove mais desigualdades, ao mesmo tempo que gera uma falsa crença de horizontalidade e homogeneização entre as diferenças culturais. A autora nos leva a perceber que na realidade, não são as diferenças interculturais que são o problema, mas sim não reconhecer as diferenças e suas demandas idiossincráticas sociais, econômicas, linguísticas, territoriais e antropológicas. Nesse sentido, Walsh defende que a interculturalidade crítica pode ser uma saída para entendermos as dinâmicas entre distintas identidades e vislumbrarmos uma coexistência que, não apenas tolere, mas que respeite e repare essas diferenças.¹⁰⁸

108 Cf. El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global / compiladores Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel-Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar,

Na visão de Vera Candau, o multiculturalismo se diferencia em três distintas formas, quais sejam:

o multiculturalismo assimilacionista, o multiculturalismo diferencialista ou monoculturalismo plural e o multiculturalismo interativo, também denominado interculturalidade.

A abordagem assimilacionista parte da afirmação de que vivemos numa sociedade multicultural, no sentido descritivo. Nessa sociedade multicultural todos não têm as mesmas oportunidades; não existe igualdade de oportunidades. Há grupos, como os indígenas, negros, homossexuais, pessoas oriundas de determinadas regiões geográficas do próprio país ou de outros países e de classes populares e/ou com baixos níveis de escolarização, que não têm o mesmo acesso a determinados serviços, bens, direitos fundamentais que têm outros grupos sociais, em geral, de classe média ou alta, brancos e com altos níveis de escolarização. Uma política assimilacionista, perspectiva prescritiva, favorece que todos se integrem na sociedade e sejam incorporados à cultura hegemônica. No entanto, não se mexe na matriz da sociedade, procura-se assimilar os grupos marginalizados e discriminados aos valores, mentalidades, conhecimentos socialmente valorizados pela cultura hegemônica. No caso da educação, promove-se uma política de universalização da escolarização, todos são chamados a participar do sistema escolar, mas sem que se coloque em questão o caráter monocultural presente na sua dinâmica, tanto no que se refere aos conteúdos do currículo quanto às relações entre os diferentes atores, às estratégias utilizadas nas salas de aula, aos valores privilegiados etc. [...]

Uma segunda concepção pode ser denominada multiculturalismo diferencialista ou, [...] *monocultura plural*. Essa abordagem parte da afirmação de que, quando se enfatiza a assimilação, se termina por negar a diferença ou por silenciá-la. Propõe então colocar a ênfase no reconhecimento da diferença e, para garantir a expressão das diferentes identidades culturais presentes num determinado contexto, garantir espaços em que estas se possam expressar. Afirma-se que somente assim os diferentes grupos socioculturais poderão manter suas matrizes culturais de base. Algumas das posições nessa linha terminam por ter uma visão estática e essencialista da formação das identidades culturais. É então enfatizado o acesso a direitos sociais e econômicos e, ao mesmo tempo, é privilegiada a formação de comunidades culturais homogêneas com suas próprias organizações - bairros, escolas, igrejas, clubes, associações etc. Na prática, em muitas sociedades atuais terminou-se por favorecer a criação de verdadeiros *apartheids* socioculturais.

Essas duas posições são as mais desenvolvidas nas sociedades em que vivemos. Algumas vezes convivem de maneira tensa e conflitiva. São elas que, em geral, são focalizadas nas polêmicas sobre a problemática multicultural. No entanto, situo-me na terceira perspectiva, que propõe um multiculturalismo aberto e interativo, que acentua a interculturalidade, por considerá-la a mais adequada para a construção de sociedades, democráticas e inclusivas, que articulem políticas de igualdade com políticas de identidade.

Diante disso, não se trata de entender de maneira rasa o que Benjamin exalta do passado de maneira idílica no sentido da transmissão dos bens culturais. O autor nos mostra a possibilidade de resolver as questões identitárias do presente por meio do acesso e ressignificação das memórias ancestrais subalternizadas pela hegemonia (neo)colonialista. Nesse sentido, Elisa Paim nos mostra que Benjamin entende que “desde o final do século XIX, o narrador começou a desaparecer e com ele a história compartilhada, pois, os novos narradores: o historiador ‘neutro’, o romancista ou o jornalista passaram a narrar sem considerar os significados do narrado, como experiências vividas” (2005,p. 88).

Dessa forma, trazemos as narrativas em montagens monadológicas por entendê-las, à luz do pensamento de Benjamin [...], como conhecimentos em lampejos, o texto como trovão que ressoará por muito tempo, montando essa tessitura de várias mãos e experiências "sem a necessidade de usar aspas", e erguendo as construções "a partir dos minúsculos, recortados com clareza e precisão". (SANTANA; PAIM, 2018, p.)

Partindo de tais premissas, este capítulo tem como objetivo apresentar narrativas de educadores/as acerca da identidade judaica e sua relação com o antissemitismo e antirracismo. Ademais, visamos compreender como esses educadores estão subordinados aos projetos político-pedagógicos da Marcha da Vida Universitários, bem como materiais didáticos de base produzidos e utilizados. Busco também relacionar os campos de formação acadêmica dos entrevistados e pontes de diálogo com os temas da identidade judaica e antissemitismo. Desse modo, busco alcançar nessas entrevistas os objetivos previstos para este trabalho, bem como informações gerais sobre os processos educativos os quais os entrevistados participaram, com ênfase na Marcha da Vida Universitários, sem necessariamente se atentar a uma cronologia dos acontecimentos em relação direta com a produção das memórias, pois memórias são acessadas ou reconstruídas sem uma ordem cronológica.

5.1 - Breve biografia dos entrevistados

Celso Zilbovicius nasceu em 13 de novembro de 1962 em São Paulo e cresceu em um ambiente judaico tradicional não ortodoxo e por muitos anos residiu no conhecido bairro judaico do Bom Retiro, estudando no colégio judaico Renascença por toda vida escolar. Seu pai era de origem lituana e veio quando criança para o Brasil e sua mãe de um vilarejo chamado Quatro Irmãos no Rio Grande do Sul, próximo a cidade de Erechim, região de

muitas comunidades judaicas com imigração que data desde o começo do século XX. Celso entende que recebeu uma educação judaica formal muito ligada aos aspectos tradicionais culturais judaicos, fez bar mitzvah na CIP, mas com pouca prática religiosa. Tornou-se autodidata em muitos aspectos judaicos, com influência de um tio, líder comunitário de Erechim, mas foi alfabetizado tanto em português como em hebraico, como muitos estudantes de escolas judaicas e considera que todos esses aspectos foram fundamentais para o constructo de sua identidade judaica. Fez apenas um curso de capacitação de lideranças judaicas na CIP e apesar de sempre se interessar por história, sobretudo história judaica, acabou estudando odontologia na USP e após formado mudou-se para Israel.

Após retornar ao Brasil acabou trabalhando na área do turismo, quando também iniciou seu ativismo comunitário como forma de ressignificar sua relação com a comunidade judaica na adolescência. Nos narra também que,

a educação não formal tinha um peso muito importante na transmissão do judaísmo

Na época participei de um grupo universitário ligado à congregação israelita paulista CIP que é de linha liberal, de um judaísmo liberal. E foi ali então que começou uma carreira, vamos dizer assim de entre aspas de “educador judaico”. Eu sempre tinha essa ambição de unir a parte da odontologia que era digamos uma parte profissional com uma linha da educação judaica, principalmente educação judaica não formal. Eu fui... cheguei a ser diretor na CIP, da juventude, dos movimentos juvenis. Eu tinha então na minha concepção, digamos, como educador judaico a concepção de que a educação não formal tinha um peso muito importante na transmissão do judaísmo, da minha concepção de judaísmo, por que? Porque ela vinha aliada, naquele momento, já na década de 80 à minha militância política no movimento estudantil. Eu acabei delineando minhas concepções políticas, ideológicas, durante a minha vida acadêmica da graduação, na época era o final da ditadura militar no Brasil e enfim, começo da redemocratização, tudo isso acompanhei na vida acadêmica. E claro que enveredei para a esquerda, o que hoje é a esquerda no Brasil. Acompanhei de perto toda a movimentação da greve do ABC, a formação do Partido dos Trabalhadores, liderança do Lula, e assim por diante.

Celso ainda nos apresenta suas bases ideológicas que o orientavam em sua atuação enquanto educador. Se diz influenciado pelo sionismo socialista presente sobretudo nos movimentos juvenis, ligado aos movimentos kibutzianos passando “pelo Hashomer Hatzair e pelo Lihuda Bonim, que hoje é chamado de Abonim Dror, mas não fiz carreira neles. Como *madrich* fui depois, quando eu comentei que fui pra CIP, eu fui *madrich*¹⁰⁹ do campo de estudos da CIP que são colônias de férias que a CIP realiza no período de férias, aí sim”.

Após alguns anos de volta ao Brasil, começou sua atuação clínica odontológica na

109 מדריך (Madrich) מדריכה (Madricha) são transliterações da língua hebraica que significam "líder" ou "guia". No contexto das entrevistas, se referem a coordenadores de grupos de pessoas ligadas a juventudes judaicas ou programas ou ações educativas judaicas.

saúde pública em uma unidade básica de saúde (UBS) e logo passou a atuar como voluntário no ensino de odontologia na USP, na disciplina de saúde coletiva. Esse contato com a sala de aula lhe era mais inspirador do que a carreira de 24 anos que teve como clínico, por isso por volta dos anos 2.000 acabou sendo contratado como professor pela USP após alguns anos.

Karina Iguelka sua origem vem da Polônia por parte materna, de imigração pré Segunda Guerra e da Rússia pela parte paterna. Relatou que apenas um tio paterno havia permanecido nesse país e das dificuldades enfrentadas de contato e auxílio antes da Perestroika. Segundo a narradora, em 1917, a parte residente de Moscou teve sua casa invadida e passaram a trabalhar para os ocupantes comunistas, pois eram considerados os “judeus da casa”. Décadas depois, as tias de seu pai foram ressarcidas com um apartamento muito mais longe e menor do que a propriedade original. Seu pai nasceu no Brasil e morou a vida toda entre Bom Retiro e Higienópolis. Seu avô, mascate, profissão comum entre imigrantes judaicos, com o tempo foi desenvolvendo seus negócios na área de engenharia com seu tio russo. Por conta disso, seu pai foi o primeiro da família a formar-se em engenharia elétrica no Mackenzie.

Karina estudou em uma escola americana bilíngue protestante onde estudavam apenas 6 pessoas brasileiras. Lá ficou até o nono ano e sente que obteve uma formação bastante ampla. Sua formação judaica também foi pouco relacionada aos aspectos religiosos, seu avô materno esteve na fundação da Casa do Povo¹¹⁰, no Bom Retiro, com uma formação mais comunista. Seus pais, a despeito de não religiosos, achavam importante esta formação e passaram a estimular Karina a frequentar a CIP. Nos conta que a única pessoa mais religiosa de sua família é sua filha que domina mais o hebraico e atualmente mora em Israel. Comentou que considerou o ensino laico o mais interessante na formação de seus filhos, que nunca frequentaram escolas judaicas. Sua formação judaica se deu nos processos educativos não formais da Colônia da CIP,

Fritz Pincus, que veio da Alemanha e fundou essa sinagoga que recebia os refugiados da Segunda Guerra

Eu fui da colônia da CIP, que na verdade não era pra ser um movimento juvenil, era um acampamento fundado pelo rabino Fritz Pincus, que veio da Alemanha e fundou essa sinagoga que recebia os refugiados da Segunda Guerra, então era uma sinagoga principalmente alemã. O rabino Pincus fazia um acampamento que levava jovens e contavam as histórias, era um acampamento de estudos, por isso que se chama Campo de Estudos. Na verdade, quando eu cheguei, o rabino Pincus ainda era vivo,

110 Centro Cultural Judaico de orientação humanista

mas já bem velhinho. A gente sempre teve a *sihot* no campo de estudos, sempre teve a tradição de ter aulas, sobre alguns temas, mas nunca foi um movimento juvenil em si. Hoje ele tá se transformando. Mas eu fui muito ativa e fiquei lá desde os meus 7 anos até os 25 na verdade, quando eu casei com o Fabio, que eu conheci lá, todos os meus amigos são de lá. E depois eu voltei como coordenadora até eu ter meu segundo filho. Então assim, eu vivi e me formei nesse ambiente que não se chamava movimento juvenil mas que era um movimento juvenil. Se chama até hoje Campo de Estudos Fritz Pincus. E agora eles tem um nome de movimento juvenil, eles se ligaram a algum movimento juvenil judaico mundial que agora não sei te falar qual que é. Isso é muito recente.

5.2 - Principais experiências na educação

É interessante notar que nessas histórias de vida, os principais projetos são narrados pelos entrevistados tanto enquanto participantes em formação, quanto como coordenadores. Os processos de educação não formal na comunidade ocorrem entre crianças e jovens, mas também na relação entre os próprios jovens e também entre jovens e adultos, sempre intercalando os papéis ao longo da vida dessas pessoas. Esse aspecto é bastante destacado nas falas de Celso, sobre como aprendeu a ser educador como *madrigh* e como ser educador judaico lhe ajudou a ministrar suas aulas como professor universitário. Nesse sentido narrou que,

Eu sou completamente pouco formal na academia

Eu trabalho com problematização, com metodologia ativa, eu sou muito freiriano na educação. E portanto, muito do que eu trago, vem da educação não formal, que eu trago conhecimentos muito grandes e aplico conhecimentos da educação não formal na educação formal acadêmica. Eu sou completamente pouco formal na academia. Se você entrar, muitas vezes, na minha sala de aula, você vai achar que eu to dando uma *peiolah*.

Eu na verdade fiz opções na minha prática pedagógica, acho que é uma delas, de trazer metodologia ativa da problematização, do aluno como centro e foco do processo pedagógico e não o conteúdo. Na faculdade, ministrei Ciências Sociais em Saúde; Saúde Coletiva em Odontologia e Estratégias e Metodologias de Ensino. Eu não dou nada de prático, de clínica.

Minha carreira [*como educador judaico*] começou na CIP como *madrigh* do campo de estudos da CIP. Esse foi meu marco zero como educador. E foi lá que eu me encontrei como educador judeu, judaico, vamos dizer assim, não formal e que carrega essa bagagem até hoje.

Marcha da vida, como educador judaico, [*foi o que mais o marcou como educador*]. Eu acho que experiências que me marcam como educador é justamente os espaços não formais que eu tenho com meus alunos como, por exemplo, ir a campo conhecer o SUS. É muito parecida a minha prática, Pedro, entre o Celso educador judaico não formal e o Celso professor da universidade, digamos, num espaço de campo, de supervisão de estágios, de levar os alunos de uma estrutura formal para uma estrutura não formal do ensino mesmo que num espaço digamos, no ambiente acadêmico da universidade, quando eu proporciono momentos de ensino não formal pros alunos, como é por exemplo, levá-los ao SUS, conhecer alguma coisa do SUS, na prática.

Outros aspectos de sua prática docente são apresentados por Celso. Problematisa o fato de não ter tido uma formação, enquanto educador, sobre antirracismo e educação para as relações etnicorraciais. Nos narrou, que na disciplina ministrada de Ciências Sociais em Saúde, não aborda aspectos teóricos, mas enfatiza a ideia de preconceito como doença social, mas trabalhando debates sobre racismo, homofobia, gordofobia, concepção de corpo na sociedade, de modo a fazer um paralelo com questões do judaísmo. Tais questões, segundo ele, estão presentes tanto na sala de aula como na própria Marcha da Vida Universitários.

Na narrativa de sua trajetória, Celso, nos conta também que passou a trabalhar na Federação Israelita. Antes de adentrar a este emprego, volta a sua juventude, nos contando sobre o projeto que mais lhe causou impacto, sua primeira visita que fez a Israel, em janeiro de 1978 graças a um programa para jovens da Agência Judaica. Quando voltou de lá, após um mês e meio de imersão, estava no segundo ano do então segundo colegial, passou a aumentar sua ligação com Israel, que desde criança já existia, graças à escola. Por conta dessa experiência, passou a se aprofundar na questão sionista e colecionar objetos relacionados ao país, tais como discos de vinil e folhetos de turismo. Em 1978, seus estudos na escola sobre a possibilidade de Israel estabelecer a paz com o Egito, segundo Celso, aumentaram ainda mais sua vontade de morar no país.

Essa é uma das passagens mais marcantes que eu tive nessa época

Aí, surgiu um concurso internacional de história da colonização de Israel e 100 anos dessa colonização, na época fazia 100 anos de colonização, das primeiras colônias fundadas. E a minha professora de hebraico me ofereceu isso e disse: olha, o prêmio é uma viagem para Israel para representar o Brasil lá. Ai eu falei pra ela, isso em março: olha, eu vou participar, e vou ganhar isso e eu vou pra Israel. Eu me matei de estudar. Eu estudei durante o ano inteiro, foi de março a novembro, tudo que você podia imaginar. Eram duas pessoas que iam do Brasil e ia ter duas provas: uma em São Paulo e no Rio. Então, bom, eu estudei o ano inteiro, resultado é que venci a prova em São Paulo e fui pra Israel no concurso mundial, representei o Brasil no concurso mundial e foi uma das experiências mais marcantes que eu tive nessa questão. E aí, foi quando eu me aprofundei cada vez mais na história do país, da história de Israel, da colonização, do processo e tal, do sionismo propriamente dito. Lá foi uma experiência maravilhosa, conheci, na época, conheci gente do mundo inteiro, das comunidades judaicas do mundo todo. Foi muito legal e diga-se de passagem, agora em agosto, depois da nossa marcha eu voltei pra Israel, em agosto por 6 dias, eu tinha um casamento e fizeram o reencontro dessas pessoas. Depois de 45 anos a gente se reencontrou. Foi muito emocionante. Muitos já moravam e já moram em Israel, muitos fizeram *Aliyah*. Então acho que essa é uma das passagens mais marcantes que eu tive nessa época.

Assim, Celso também destaca a militância judaica no Brasil em 1982 como marcante,

quando protestavam contra a Guerra do Líbano e suas consequências, dentre as quais, um famoso massacre de dois campos de refugiados palestinos, os campos de Sabra e Chatila.

Foi uma bagunça comunitária que a gente criou e nunca mais esqueceu

quando teve esse massacre, nós resolvemos criar no Brasil uma coisa chamada "Os amigos brasileiros do Paz agora". Porque um pouquinho de tempo antes tinha nascido em Israel, um movimento chamado Shalom Marchav, "Paz Agora" que na época já defendia a negociação dos territórios, a ocupação e a criação de um estado palestino. E nos pela primeira vez, isso foi uma bagunça comunitária que a gente criou e nunca mais esqueceu, existia um manifesto desse movimento em Israel e a gente resolveu traduzir pro português como uma forma de protestar da presença de Israel no Líbano, dizia que o conflito tinha que terminar, e o conflito tinha que terminar com a criação de dois estados, tô falando em 1982, Pedro, você imagina o que era esse mundo comunitário em 1982. E assim criamos esse movimento, a comunidade não aceitava muito bem, claro. Porque isso era contra hegemônico, quer dizer, era uma narrativa muito estranha ao *establishment* comunitário, né? Então não tinha como aceitar isso direito. Nós éramos a minoria da minoria, da minoria, mesma, assim eu fui me mantendo na CIP, nessas experiências educativas. Acho que são essas as experiências

Outro momento, considerado mais importante por Celso, especificamente no âmbito da Marcha da Vida, foi quando conheceu a instituição de apoio a idosos sobreviventes do Holocausto, localizada em Jerusalém.

No sentido de buscar as experiências mais marcantes nas memórias dos narradores, Karina expôs seu interesse pela dimensão das trocas entre os próprios jovens e a dimensão afetiva dessas relações.

Na minha vida comunitária acompanhei famílias inteiras crescendo

Eu sempre fui uma *madrichá* e me orgulho disso. Às vezes eu encho o saco dos meus filhos porque eles são *madrichim*, porque isso toma muito tempo na vida deles e eles falam: e você, mãe? Tenho 54 anos e ainda sou [*madrichá*]. Eu era uma *madrichá*, na verdade, sempre acreditei muito na educação judaica não formal, na educação do jovem pelo jovem, sempre vi com meus próprios olhos a mudança que eles faziam. Acompanhei o crescimento de muita gente. Agora que eu perdi minha mãe, me ligaram dois dos *chanichim* da época, eles falaram: nossa me lembro quando a nossa mãe morreu que você tava junto com a gente, a gente nunca esqueceu. A verdade é que eu acabo na minha vida comunitária acompanhei famílias inteiras crescendo desde que eram jovens até hoje que já tem seus filhos. Encontro gente que ainda me chama de *madrichá* porque é um vínculo que você faz quando você é jovem, do jovem com o jovem, que pode ensinar de um lugar que o adulto não sabe. Tanto que na marcha, às vezes eu me pergunto se eu e o Celso já não estamos num limite, sabe? Porque a verdade é que eu conheci a Marcha com 35 [anos], hoje eu tô com 54, eu acho que eu tinha 36. Começou com as escolas. Eu fui a pessoa que fui chamada pra montar esse projeto e eu chamei o Celso porque ele foi meu *madrich* na colônia de férias, no Campo de Estudos Fritz Pincus. Então eu e o Dado, Eduardo Vurtzman que também é lá do IBI, ele me chamou, eu chamei o Celso, então na verdade a gente é

uma parceria que se fundou ali atrás e que a gente renovou. Então, você vê a força desses vínculos que a gente cria? A força desses ensinamentos, porque o Celso ainda é pra mim hoje alguém com quem eu aprendo em todas as viagens sempre e nasceu lá essa parceria.

Essas narrativas nos permitem visualizar como podem se construir as relações entre educadores e educandos no processo de fazer-se educador/a. A dimensão afetiva é uma das principais salientadas pelos narradores ao longo das entrevistas, levando a uma compreensão de como se dão os fortalecimentos dos laços comunitários nos processos educativo-culturais judaicos. Esses vínculos gerados podem ser entendidos aqui como outras formas de resistências que acabam por ser criadas nesses momentos de troca e formação, muito longe do que é mais convencional em modelos de educação mais formais.

5.3 - Ensino superior e mundo do trabalho

Diferentemente de Celso, que se ateu mais sobre sua vida após a universidade, Karina acabou narrando mais sobre sua vida durante a universidade e suas principais referências, com ênfase na Escola de Frankfurt e o texto “Educação pós Auschwitz” de Adorno, que fundamenta a Marcha da Vida. Ela menciona que sempre soube que queria ser psicóloga, muitas pessoas a procuravam para contar da vida, e foi entendendo que tinha uma habilidade de escutar. Sua graduação em psicologia na USP, para ela, foi uma experiência de abertura e diversidade, mesmo na época não havendo uma política de cotas, mas que ainda assim havia a presença de algumas pessoas advindas das escolas públicas. Após se formar, fez um aprimoramento em saúde pública na Faculdade de Saúde Pública da USP, no Centro de Saúde Paula Souza, onde ficou por dois anos. Trabalhou também com crianças autistas e psicóticas, até ser chamada pela comunidade para trabalhar com um salário melhor que na área da atenção básica em saúde. Ela volta à CIP, agora como coordenadora do Campo de Estudos Fritz Pincus, de 1997 a 2001, quando do nascimento de seu filho Pedro. Ao sair, passou a iniciar uma formação em psicanálise no Instituto Sedes Sapientiae. Após sua formação abre seu consultório, trabalhando paralelamente para a comunidade judaica.

A judia, a negra e a argentina.

Eu tenho duas colegas com quem eu tenho consultório há 20 anos. E eu falo que a gente é o consultório das excluídas porque tem a judia, a negra e a argentina. Mas eu tenho realmente o privilégio de conviver com uma psicanalista negra, uma das primeiras do Brasil, então a gente acaba que, fala muito das questões do racismo, a

gente vê a luta dela, acompanhou a luta dela. Nesses 20 anos, hoje ela se tornou uma referência. Ela se chama Isildinha Baptista Nogueira, tem uma história de vida incrível, resumidamente, ela foi uma menina negra, pobre, que nos anos 70 chegou na França e encontrou todos os nossos professores, Deleuze e Guattari e Mannoni e todos os intelectuais franceses da década de 70, que adotaram ela e ela morou com essas pessoas. A gente acompanhou como ela fez uma tese de doutorado e tentou publicar na época lá já nos anos 80 e não queriam publicar, não tinham interesse nesse tipo de publicação. Você imagina que ela publicou agora faz uns 3, 4 anos, nem lançamento ela não fez porque o livro anda sozinho assim. Ela é convidada pra todo tipo de conversa. Ela foi negada aqui, quando ela chegou ela foi negada. Lá ela fez a formação dela lá, mas ela fez a tese dela aqui na USP. O livro dela chama a cor do inconsciente. Muito interessante, porque foi muito criticada, porque "como?! o inconsciente não tem cor!"... "Como que ela falava isso?!". Quer dizer, ela sofreu muito com a invisibilização das questões do racismo.

Karina ainda problematizou a ausência de autores negros durante sua graduação e pós graduação e demonstrou um grande interesse em aprender mais sobre a obra fanoniana para sua ação enquanto psicóloga.

Como a psicanálise é eurocêntrica

E Frantz Fanon tem toda uma crítica da psicanálise, que a gente nunca pensou como a psicanálise é eurocêntrica, como ela veio da Europa, e fala de brancos pra brancos e não olha pro sofrimento dos negros e muitas vezes não entende, né? E isso foi uma questão que eu levantei lá no museu: será que os negros se sentem ouvidos no divã dos brancos? Será que os brancos conseguem de fato, e não é uma pergunta retórica, é uma pergunta de fato, quanto não é óbvio que a gente consiga ouvir o sofrimento do outro, quanto a gente realmente tem que nos esforçar pra entender do lugar de onde o outro tá falando. Então eu, na minha trajetória de psicanalista, acho que fui procurada duas três vezes na vida por negros. Isso é muito grave!

Ao relacionar as questões raciais e questões ligadas aos judeus no Brasil Karina também nos provocou questionando privilégios judaicos em nosso país.

Você é babá?

Quantas vezes você ou eu não evitou falar que a gente era judeu, porque a gente não tava com saco de lidar com tudo que isso quer dizer e todo peso que vem e a gente fica branco, a gente se embranqueceu no Brasil. Os judeus, a gente não precisa, a gente tem a escolha de falar dessa identidade tão conflituosa. O negro não tem. Então, a Isildinha por exemplo é muito dura mesmo a trajetória dela porque no consultório ela é professora doutora Isildinha Baptista Nogueira, ela recebe um milhão de convites, todo mundo sabe quem ela é, ela sai do consultório e ela conta pra gente, sexta feira ela vai de branco, pela religião que ela segue, coincidência, porque no Shabat a gente também se veste de branco. E ela entra no elevador, como negra, de branco e fala bom dia pra pessoa e a pessoa fala: você é babá? Quer dizer, ela é destituída de tudo porque ela é negra e assim... e ela também não quer, no elevador, naquela conversa do terceiro andar até o térreo, falar "não eu sou professora doutora, estudei na França ...", quer dizer, o olhar que a sociedade tem pra ela, que ela só pode caber num lugar de servir ao branco.

Nesse aspecto, Celso trata mais da perspectiva de sua atuação no movimento estudantil universitário e que após formado, logo mudou-se para Israel, onde permaneceu por quase um ano. Ele nos narra que devido a saudades da família e amigos no Brasil e choques culturais logo decidiu retornar. Para ele,

Aí eu vim embora

O jeito sabra de ser, ríspido, mal educado, grosseiro, enfim, uma cultura muito diferente. E ao mesmo tempo eu comecei a perceber morando lá, que eu era mais útil aqui do que lá, do ponto de vista de educação judaica, de militância, faz sentido isso pra você? Lá eu era mais um no meio de um monte de gente. A militância, a experiência que eu tentei ter lá não me agregou tanto quanto eu sabia que a minha presença no Brasil ia ser muito mais significativa, eu ia contribuir muito mais né? E aí eu vim embora. Eu misturei um pouco da vida acadêmica com a vida judaica, porque elas se misturam muito.

Celso nos conta que desde 1988 começou a existir o projeto Marcha da Vida Mundial, devido ao período da Glasnost, da União Soviética e o Pacto de Varsóvia, quando começaram a se abrir para o mundo ocidental e, conseqüentemente, as viagens começaram a ser permitidas. Nosso narrador nos trás em sua rememoração um apanhado histórico de assuntos ligados à Guerra Fria e o início da Marcha da Vida, com grupos muito pequenos de escolas judaicas com menos de dez pessoas. Segundo ele, a Federação Israelita do Estado de São Paulo organizava as viagens sempre em abril, na comemoração do *Yom HaShoá*, (dia da recordação da Shoah).

Em 1992 Celso foi novamente para Israel para atividades ligadas a CIP e depois disso visitou pela primeira vez a Lituânia, na volta, pois havia descoberto familiares morando em Vilna. Nesse retorno, o responsável que passou a organizar a Marcha da Vida naquele momento era um grande amigo seu, que o convidou para realizar uma palestra sobre sua experiência na Europa oriental, pois também havia visitado a República Checa. Nesse momento começou sua trajetória como membro da Marcha da Vida, em 1992.

Celso narra que a Federação Israelita organizava no Brasil um grupo para a Marcha da Vida Mundial desde 1988. O roteiro começava pela caminhada na Polônia, depois para Israel no aniversário da independência de Israel. Ele narra que organizaram também um projeto chamado Marcha da Vida Regional que acontecia de dois em dois anos em São Paulo. Assim, organizavam um grupo para Polônia nos anos pares e nos anos ímpares faziam a Marcha da Vida Regional. Celso nos pergunta logo dando a resposta:

Saiu na primeira página do jornal

O que que era a Marcha da Vida Regional? Uma caminhada pelo cemitério israelita, do Butantã em São Paulo. E nos organizamos, foi maravilhoso. A primeira edição, em 1993, teve mais de 1.000 pessoas na marcha, aqui em São Paulo. Movimentos juvenis, as escolas, enfim, foi maravilhoso, saiu na primeira página do jornal O Estado de São Paulo uma foto de um jovem acendendo uma vela num monumento em homenagem às vítimas da Shoah no cemitério do Butantã, foi muito bonito. Começou então a germinar no Brasil a ideia da Marcha da vida que nunca mais saiu, digamos, do marco comunitário. A gente começou a organizar os grupos tanto pra viajar, sempre eram grupos pequenos, porque não tinha verba, não tinha patrocínio. As escolas judaicas escolhiam alguns alunos que iam. Aí foi 1992, 1994... 94 não consegui ir, 96 tampouco. Eu consegui então liderar o primeiro grupo da minha vida em 1998. Eu nunca fui como *hanich*, já fui como educador.

Por muitos anos, Celso ficava no suporte de capacitação dos que iam, das atividades prévias, na organização da marcha da vida regional. Enquanto isso, de 1995 até o ano 2000 assumiu um cargo na Federação Israelita do Estado de São Paulo, no departamento de Educação. E tive essa experiência de 5 anos, com educação formal. Segundo ele, a Federação Israelita é o órgão principal da comunidade e possuía um departamento de educação que trabalhava com todas as escolas judaicas. O referido setor era responsável pela capacitação de professores da área judaica. No ano 2.000, após ir para a USP como voluntário, começou no ensino odontológico e se afastando da comunidade. Na saúde pública, academicamente, fez mestrado, doutorado, saindo da Federação, continuou vinculado com a Marcha da Vida mas agora não mais atuante.

Vamos fazer um teste? Vamos.

Tive seis anos de intervalo. Um pouquinho antes de eu defender o doutorado eu recebi uma ligação de uma das pessoas que tinham sido *anichr* meu na CIP, dessa viagem que comentei da CIP em 1983. Ele na época era diretor do Fundo Comunitário junto com uma outra pessoa que tinha sido minha *hanichá* nas colônias de férias da CIP que te contei também. Esta pessoa era a Kaki. Isto foi em 2006. Eles me chamaram, eu tava afastado, disse: olha Celso, vamo conversar, eu tenho um projeto que o Fundo Comunitário quer retomar: o projeto Marcha da Vida pras escolas judaicas, e nos informaram que você era a pessoa mais ideal para trabalhar com esse projeto, e aí a gente falou: gente, o Celso foi nosso madrich, conhecemos ele há anos, e a gente quer que você trabalhe junto com a gente ... 2006. Falei olha, eu gosto muito da ideia, tô num momento de vida diferente, eu não tava muito ligado à comunidade, tava ligado à questão da academia, mas eu falei: Vamos fazer um teste? Vamos.

A primeira edição da Marcha para as escolas ocorreu em 2007 com as escolas judaicas em São Paulo com mais de 200 jovens. Desde então, Celso é um dos coordenadores, hoje

atuando apenas na Marcha da Vida Universitários. As trajetórias dos narradores em suas formações superiores e atuação no mundo do trabalho nos ajuda a entender quais são as lentes que acabaram por ser incorporadas na visão dos entrevistados ao longo do seu processo de fazer-se educador/a.

5.4 - Públicos e projetos educativos

Nos chama a atenção a diversidade de públicos com os quais cada um dos narradores trabalhou ao longo de suas carreiras. Karina desenvolveu atividades com uma ampla variedade de públicos internos da comunidade judaica, desde a infância até a idade adulta. Celso trabalhou na CIP em geral com adolescentes de 13 a 16 anos. Além dessa experiência, com os adolescentes mais velhos no projeto Tapuz, com jovens em torno de 17 a 19 anos e com adultos na Marcha da Vida Universitários. Segundo ele,

Ele é o pai do Taglit

O projeto Tapuz é o pai do Taglit. Na verdade ele chama Tapuz porque ele começou logo depois da Guerra do Yom Kipur. Muitos reservistas, muitas pessoas que trabalhavam nos kibutzim estavam no exército e faltou mão de obra, na época do inverno, pra colheita dos cítricos. Então eles fizeram isso como uma forma pra conhecer Israel. tinham duas modalidades: ou dois meses no kibutz como voluntário e claro, passeando e tal, ou um mês na Universidade Hebraica de Jerusalém, num outro lugar acadêmico, aprendendo sobre judaísmo e tal. Então eu liderei um desses grupos, que foi por um mês na Universidade Hebraica de Jerusalém e depois ficamos um mês no Kibutz. E depois eu fiz esse Tapuz CIP, que era organização da CIP mesmo. E nós ficamos entre passeios e voluntariado no kibutz também pra colher cítricos. Por isso que ele tem o nome de Tapuz, que é laranja. Isso durou muitos anos, no Brasil e no mundo todo, na verdade, foi o grande marco do ponto de vista de uma boa parte de uma juventude judaica, por isso que eu digo, ele é o pai do Taglit, assim como hoje, boa parte da juventude judaica faz Taglit, uma boa parte da juventude judaica fez Tapuz.

Além disso, Karina nos relatou que também já participou, enquanto educadora, de outras formas de extroversão de seus conhecimentos junto com Celso em eventos fora da comunidade judaica. Sendo assim, foram convidados para atividades midiáticas tais como palestras e podcasts abordando a temática da educação para Shoá, enquanto especialistas sobre essa questão. Aqui podemos portanto visualizar respostas para uma das perguntas geradoras deste trabalho, acerca de como a comunidade desenvolve relações extramuros em

seus processos educativos.

5.5 Principais desafios na educação e o antissemitismo

Karina toca na questão do antissemitismo relacionando-o a questão escolar e universitária, pois sempre era a única judia desses círculos. Ela coloca em sua narrativa um peso, a necessidade de sempre falar e falar tudo sobre Israel. Dessa forma, entende o antissemitismo como uma dimensão do racismo. E, se referindo a obra de Djamila Ribeiro “Pequeno Manual Antirracista” (2019), diz que em algumas partes dessa leitura, pôde trocar o termo “negro” por “judeu” com facilidade. Nesse sentido, destaca que, assim como nem todo negro deve ser uma enciclopédia ambulante sobre África, nem todo judeu deve ser uma enciclopédia sobre Israel. Rememorou e narrou momentos inoportunos em que foi indagada sobre tais questões, mesmo quando ainda nem havia tido contato com o referido país, que só foi conhecer aos 19 anos e que até então nem se considerava sionista. Atualmente, considera o sionismo um conceito plural, com distintas expressões políticas que não exime Israel de receber quaisquer críticas. Se considera sionista nesse sentido e defende a criação de dois estados: um palestino e um judaico. Considera que esse problema estava na dificuldade de acessar, do Brasil, referências mais progressistas sobre essas questões do conflito.

Para além dessa questão do antissemitismo, a narradora nos conta que outro problema que enfrentava era de poucas referências enquanto educadora para o judaísmo e que acabavam inventando formas de educar, não se concentrando apenas das questões religiosas. Ela reconhece que muitas práticas educativas eram ligadas a questões sionistas e sobre ensino da Shoá.

Nossa... a gente fazia isso?

A gente ensinava Shoá na época, a gente fazia jogos que a gente chamava Anne Frank. A atividade era reproduzir a situação da Anne Frank com os *chanichim*. A gente colocava eles na lavanderia, começava a estourar bomba fora, acha que se a gente imitasse o cenário da época a gente estaria ensinando alguma coisa. Sabe? Imitar coisas da Segunda Guerra. Assim, umas coisas que hoje eu vejo eu penso: nossa... a gente fazia isso? E a gente fazia isso porque fizeram isso com a gente. Quer dizer, os nossos *madrichim* também entendiam que isso era ensinar sobre Shoá. Na verdade, a gente tava tentando entender como ensinar sobre Shoá, porque ou era ficar mostrando aquelas fotos que geravam repulsa, né? Numa educação que mostrava e exibia muito essa questão pornográfica dos corpos que captura muito mas também, sabe aquela coisa da pronografia que você quer ver mas não consegue

ver mas que de qualquer maneira não promove pensamento. E a gente tentando encontrar outros jeitos de educar sobre isso. Então a gente transformava em jogo, depois a gente foi melhorando, a gente foi fazendo uns jogos mais inteligentes.

Outro desafio recorrente narrado por Karina era a dificuldade de lidar com preconceitos e questões que apareciam, principalmente, de estudantes das escolas judaicas. Ela relata que os professores também reproduziam alguns preconceitos, se lembrando de um professor que cuspiu no chão em frente aos alunos como forma de protesto, logo ao chegar na Polônia. Outro aspecto que era recorrente, sobretudo na Marcha da Vida das escolas judaicas eram questões comuns da adolescência e situações de ansiedade que se espalhavam entre os participantes em algumas edições, onde até mesmo crises de choro generalizadas ocorriam devido a alguns tópicos abordados.

Celso abarca a questão da abordagem sobre o antissemitismo na Marcha da Vida considerando a articulação entre suas expressões na contemporaneidade e legado histórico desse problema. Para ele, o antissemitismo não deve, todavia, ser componente identitário, pois se perdem os componentes culturais, históricos, religiosos, intelectuais gigantescos. Para ele, os judeus devem sair de Auschwitz com mais força e preparo para lutar contra outras formas de racismos e preconceitos. Ele salienta nesse sentido que por essa razão, fazem muita questão de visitar durante a Marcha lugares tradicionais culturais da vida judaica pré guerra, sobretudo na Polônia e após isso, conhecer uma vida judaica contemporânea no Estado de Israel.

Karina problematiza essa questão da identidade e antissemitismo por um viés psicanalítico e relembando a memória de Primo Levi. Segundo a narradora, Levi apenas se descobriu judeu quando apontaram ele como judeu e após levado a um campo de cocentração, sua surpresa se deu pois era um judeu completamente inserido na sociedade a qual ele pertencia. Por isso ela atenta para a perspectiva negativa de uma identidade conflituosa, que se forma por reação.

Ali que tá nossa identidade

A gente prefere pensar numa identidade positiva nesse sentido que se forme pelas identificações. A psicanálise fala mais em identificação do que em identidade. As

várias identificações vão formando o ego e ali que tá nossa identidade. Então assim, identidade como reação é muito ruim porque quando não tem a quem reagir não sobra nada. Então a gente acha que precisamos formar uma identidade que venha por identificações positivas que depois na vida a pessoa tem que questionar e tem muito trabalho pra se desidentificar e entender quem ela é. Isso é uma coisa, e o antissemitismo, eu acho que ele meio que obriga a uma reação o tempo todo, ele faz um pouco esse serviço de você tem que se defender.

Diante de tais problematizações podemos traçar relações acerca dos tópicos abordados no capítulo anterior, levando a questão para um aprofundamento ainda maior em aspectos psicológicos das questões sobre identidade judaica e antissemitismo. Esses dois pontos se demonstram um campo interessante de investigação e desenvolvimento em pesquisas futuras, até mesmo para além da Marcha da Vida, pensando na juventude judaica como um todo.

5.6 Reflexões gerais sobre a Marcha da Vida e Marcha da Vida Universitários

Segundo os entrevistados, a Marcha da Vida convencional, realizada com escolas judaicas, levava uma quantidade de estudantes que variava de 40 a 200 participantes. Até 5 escolas já foram levadas ao mesmo tempo, com cerca de 40 alunos em cada escola. Além dos participantes, embarcavam um professor de cada escola e um madrich de cada escola, os quais eram capacitados nos meses anteriores à viagem. Concomitantemente às suas formações eles também trabalhavam questões com os alunos que seriam tratadas na Marcha. Diferentemente da Marcha para escolas, a formação pré marcha é realizada diretamente com os participantes, de idade entre 20 e 35 anos, mais maduros. Segundo os narradores, isso facilita um maior vínculo e conseqüentemente a fruição dos conteúdos durante os processos educativos ocorridos da Marcha Universitários.

Celso avalia a relação entre educadores e participantes como uma questão muito heterogênea e acrescenta que

Isso é muito desafiante pra nós

O mundo mudou, antes de mais nada, o mundo mudou, as condições e objetivos de vida mudaram pra essa população. As vivências judaicas mudaram muito, então essa combinação, no processo da Marcha da Vida fez com que cada vez nós tivéssemos num grupo, uma heterogeneidade muito grande de prática judaica, de experiência própria, familiar judaica e de concepção de mundo. Isso é muito desafiante pra nós na relação. Apesar de o projeto ter linhas claras pedagógicas, elas nem sempre são captadas e são apreendidas pelos participantes. Porque isso faz parte do processo de internalização de experimentação individual de cada um. Isso é absolutamente inquestionável e esse é um dos eixos principais da linha pedagógica do projeto, ele não pode ser uma lavagem cerebral.

Karina relata que a preparação para lidar com esses temas das Marchas foram baseadas em muito estudo autodidata e diálogos institucionais nacionais. Todavia, quando se trata de parcerias e relações institucionais internacionais com museus e instituições de memória visitados, sobretudo europeias, não há convênios estabelecidos. Ela acredita que esses vínculos institucionais poderiam ser melhor estreitados para o aperfeiçoamento do acesso dos públicos a esses lugares de memória de instituições museais. A narradora, a partir de suas pesquisas pessoais, identificou trabalhos interessantes acontecendo na Polônia em meios de divulgação e mídias sociais realizados por profissionais bastante capacitados, mas sente que ainda não ocorre um impacto mais direto com as Marchas da Vida. Os principais públicos impactados nesse sentido acabam sendo os públicos internos dos próprios países e menos os programas de turismo de estudo, tais como o estudado na presente pesquisa.

No âmbito museológico, Celso defende que as visitas aos museus deveriam ser mais interativas com os grupos, pois

A experiência vivenciada no museu

É muito difícil refletir ao longo da visita no museu, aspectos que têm a ver com os princípios pedagógicos do projeto. Então, as visitas acabam se tornando formais e dentro daqueles espaços. Então assim, é uma experimentação muito individual, sem nenhuma interação grupal. Entendeu? Infelizmente, na agenda do projeto faltam espaços para a elaboração grupal das visitas. Esse é um dos nós críticos desse processo. Nem sempre a gente consegue ter espaços de grupo pra elaboração dessas questões do projeto dos museus na Marcha. Veja, o museu nesse sentido, é uma instituição pedagógica de memória com conceito próprio. Então, quando você entra de forma passiva, você olha, vivencia aquilo, tem uma experiência individual, dentro da proposta pedagógica do museu. Eu sinto falta no nosso projeto de um espaço onde a gente possa dialogar mais com esse museu. Dialogar mais dentro da linha pedagógica do nosso projeto, com a experiência vivenciada no museu, mesmo dentro da linha pedagógica do museu, institucional. Eles [*museus*] colaboram, no seu espaço, dentro das suas propostas, eu acho que eles poderiam colaborar mais dentro do nosso projeto pedagógico.

Nesse sentido, Celso destacou também questões institucionais relativas ao Fundo Comunitário. Segundo ele, a Marcha da Vida é organizada por uma instituição judaica cuja representação é em São Paulo, o Keren Hayesod em Israel e o Fundo Comunitário aqui no Brasil. Destaca-se nesse sentido, um viés institucional ideológico, que influencia na Marcha da Vida, uma instituição sionista do Movimento Sionista Mundial a qual arrecada fundos para projetos sociais do estado de Israel, acrescentando que

Há um forte viés museológico na viagem

Portanto, tem um compromisso no programa, de que em Israel a gente visita projetos sociais financiados por essa instituição. Segunda questão é uma questão financeira, a instituição banca, de cada participante, 60% do custo. Então tem uma relação muito forte, do ponto de vista institucional, inclusive financeiro. A gente tem um vínculo institucional com duas instituições aqui no Brasil, uma por uma coincidência muito forte ideológica, sobre como a gente ensina Shoá, que é o Museu do Holocausto de Curitiba, isso por uma questão. Isso depois aqui, a gente implantou desde o ano passado, a relação com o Museu Judaico de São Paulo, que a gente faz uma visita lá pra eles. Basicamente é só, aqui no Brasil. Durante a viagem não há nenhum tipo de gerência, vamos dizer, ou de proatividade por parte desses museus [*internacionais*], são visitas. Claro que há um forte viés museológico na viagem, porque tá ligado a essa memória e é o próprio propósito da viagem, mas não há nenhum tipo de proatividade por parte deles no projeto.

Outro aspecto que tanto Celso quanto Karina nos narram é que não existe um projeto político pedagógico materializado sobre a Marcha da Vida Universitários. O que se busca, nesse sentido, é criação de um diálogo no presente sobre o legado histórico que a Shoá, falando sobre preconceito, intolerância, discriminação diversidade, racismo, xenofobia etc. Celso justifica a inexistência de um roteiro, pois não há objetivo de formalizar o programa de viagem de estudos. Ele acrescenta que

Princípios pedagógicos

Isso seria muito formalizar uma disciplina chamada Marcha da Vida. Sabe por que? Porque cada grupo é um grupo. O que eu te falei, não diria que é um projeto pedagógico, são princípios pedagógicos. Criar momentos de reflexão da experiência judaica individual, acho que isso é muito importante, é apresentar de forma problematizadora o Estado de Israel como um aspecto importante da vida judaica contemporânea. Tudo isso embasado num processo crítico reflexivo problematizador, onde cada experiência individual de cada participante é importante.

Segundo Karina, além de referências como “Educação após Auschwitz”, sempre citada ao longo das falas,

De que forma traduzir a Shoá?

A verdade é que depois de 17 anos fazendo esse trabalho, a gente acabou escolhendo as pessoas que tem muita afinidade com uma forma mais universalista de pensar a Shoá e que também se filia com o Museu do Holocausto de Curitiba, também tem muito haver com o Michel [*Gherman*], que é também uma referencia do nosso projeto. Quer dizer: de que forma traduzir a Shoá? Sair de uma discussão que eu acho que é muito banal também, muito particularismo e muito universalismo da Shoá. Será que a gente tem que ficar brigando pra Shoá ser só dos judeus? Por que? Por que não pode ser dos judeus e da humanidade? Porque de fato é... e é dos judeus e é das outras minorias e do ser humano e como Eli Visor fala: toda vez que um grupo for perseguido por suas características peculiares, a gente tá numa questão da humanidade, porque todo grupo tem suas características peculiares.

Para ela, seu sonho é de um dia poder levar não judeus no projeto. Para isso, seria necessário encontrar patrocinadores que permitam essa liberdade de fazer o que vislumbram enquanto coordenadores. Ela problematiza o fato da Shoá ensinar questões universais, entendendo-a como um tema de toda a humanidade, não apenas dos judeus, mas segundo Karina, ainda não encontraram hoje formas de viabilizar esse projeto. Ela acredita que em uma outra geração de patrocinadores poderiam arcar com esse projeto sonhado que entende como muito importante. A narradora acrescenta que sentem que abordam menos temáticas do que gostariam por conta de estarem vinculados ao Fundo Comunitário que acaba tornando o processo menos questionador quanto gostariam, principalmente em Israel. Ela considera essa uma parte da viagem mais engessada e que acabam aceitando para poderem encontrar um espaço para esse projeto que tanto acreditam.

Quando perguntado se sugeriria a inclusão de outras ou novas temáticas nos projetos e roteiros já existentes, Celso entende que

A história trás

Nós não somos encarregados disso. Sabe quem é encarregado disso? A própria história da humanidade nesse momento. Ela se encarrega infelizmente, diria até, de trazer novos elementos para o mesmo eixo pedagógico da viagem. Quando você me pergunta como tá sendo vista a questão dos Yanomamis, essa é uma questão que tem que ser abordada na viagem. Quer dizer, não somos nós que trazemos novos conteúdos. A história trás. O desafio nosso, do pedagogo, nesse aspecto da Marcha, é estar atento, a cada edição da Marcha, de poder trazer a contemporaneidade pra esse diálogo. A edição do ano passado foi muito difícil, foi a mais difícil de todas, eu diria. Difícil não por causa dos participantes, mas pelo momento de contemporaneidade que a gente viveu. A polarização política foi muito difícil ano passado. O ano passado foi muito difícil por causa do momento brasileiro, por causa das eleições, esse ano vai ser difícil por causa do momento israelense. E pelo perfil dos participantes, tudo isso numa mistura só, é um momento muito desafiador pra nós educadores. A gente tá passando por momentos bastante apreensivos do ponto de vista nosso. Internamente, do ponto de vista na Marcha da Vida. Por conta disso, nós estamos muito apreensivos. Tem pessoas de linhas muito radicais dentro do grupo. E influenciadores de opiniões. Mas isso é sempre um desafio para a marcha, por isso eu te falei, não adianta ter uma ementa, a gente tem princípios pedagógicos que a gente procura respeitar. A Marcha quem constrói é o grupo. É uma experiência de educação não formal muito grande, a maior da minha vida, como educador.

Acho que assim, antes de mais nada, [a educação não formal] é qualquer processo pedagógico onde, a despeito da hierarquia educador/educando, realiza-se um processo de vivência com reflexão crítica, muitas vezes teorização, fora do ambiente escolar formal. Acho que resume bastante.

Outro ponto o qual pude conversar com os entrevistados foi acerca da existência de materiais didáticos utilizados no programa. Karina comentou sobre a utilização de muitos materiais produzidos pelo Yad Vashem e que esses materiais sempre existiram, pois o povo judeu sempre produziu muito material, se referindo provavelmente a literatura, arte e outras formas de expressão artístico-cultural. Ela ainda menciona a existência de uma apostila que foi produzida e que posteriormente deixou de ser utilizada com as escolas. Muitos dos materiais utilizados atualmente segundo ela são também advindos do Museu do Holocausto de Curitiba. Segundo Celso,

Um registro muito mais emocional

Existiam materiais e a gente chegou a fazer apostilas, mas era muito informativa, são conteúdos feitos... Durante muitos anos a gente usou materiais da própria Marcha da Vida mundial e depois a gente criou a nossa própria apostila, mas ela ficou um material muito raso, muito informativo, você entendeu? Então eu acho que a gente abandonou a ideia. A gente fez foto-livros das edições da Marcha. Mas é um registro muito mais emocional do que avaliador.

Outro ponto importante das narrativas dos entrevistados é a construção da identidade judaica na Marcha da Vida Universitários, a qual para Celso possui um potencial para a construção identitária universalizadora e humanista. Para ele, o programa apresenta uma perspectiva de construção da identidade judaica mais flexível, distante de engessamentos e verdades absolutas sobre a cultura judaica. A Marcha, para o narrador, possibilita uma experiência introspectiva individual onde o participante pode elaborar por si mesmo suas questões identitárias.

Karina, no mesmo sentido do debate identitário, entende que na Marcha da Vida Universitários há uma diferenciação mais marcada em relação à Marcha da Vida para as escolas. Na Universitários, diferentemente da escolar, as pessoas estão ali porque querem estar e não devido a uma obrigatoriedade curricular. Para ela, mesmo não sendo uma terapia, a Marcha tem uma dimensão terapêutica muito potente. Assim, as pessoas acabam por participar com mais perguntas internas a serem respondidas, sobretudo em relação às origens ancestrais. Ela entende que a potência das origens está atrelada a um sentido de saber de onde veio para indicar para onde vamos. Um dos pontos que a narradora destaca é a aproximação com a família, a fim de colher mais memórias, sobretudo dos mais velhos, sobre as genealogias. Nesse sentido, ela ainda nos narra uma longa história de como um participante acabou encontrando um familiar em Israel no Museu da Criança, localizado em um kibutz fundado por combatentes do Levante do Gueto de Varsóvia que sobreviveram. O participante acabou por localizar um familiar que havia sido entregue para uma família polonesa. Essa é apenas uma história que exemplifica dentre várias histórias semelhantes que ocorreram com participantes da marcha ligados a familiares sobreviventes que fortalecem essa dimensão de pertencimento identitário e resistências.

5.7 - Reflexões críticas acerca da Marcha da Vida Universitários

Celso acrescenta que não existem avaliações pós-viagem, apenas uma formação online com participantes de diferentes estados antes. Algo que ocorre mais próximo de uma avaliação acontece na viagem em si, cada participante trazendo as suas experiências mais importantes em uma roda de conversa ou em conversas informais com os coordenadores. Ainda assim, propõe uma reflexão crítica sobre o programa e se pergunta: como elaborar uma avaliação melhor do pós Marcha? O narrador avalia também que o objetivo pedagógico não é plenamente atingido de forma íntegra por todos os participantes. A falta de experiência de conexão com o judaísmo, a superficialidade intelectual sobre o legado de memória e sua relação com a contemporaneidade são apontados como impasses nesse sentido. Outra crítica que sugere é da superação de uma pedagogia vitimosa e ter uma abordagem crítica em relação ao próprio estado de Israel, sem necessariamente estar atacando ou deslegitimando sua existência.

Quando perguntada sobre como avalia a abordagem da Marcha sobre o antissemitismo, Karina elenca outro ponto de crítica: a necessidade de relacionar com mais ênfase os debates da Marcha com outras formas de opressões tais como o racismo, a homofobia e a misoginia. Sente que essa mensagem ainda é passada de maneira menos impactante como gostaria, mas reconhece que apesar de muitas pessoas não conseguirem estabelecer essa conexão, ao menos voltam um pouco mais provocadas, com sementes plantadas nas cabeças. Ela ainda avalia que muitas pessoas se fecham devido a forma mais progressista como esses tópicos são abordados e acrescenta que não é possível atuar em educação com neutralidade, portanto, esse tipo de reação acaba sendo esperado.

Karina relata sua relação durante uma edição do projeto em que teve que lidar muito frequentemente com um participante homofóbico. A narradora nos conta como foi seu processo de tentativa de desconstrução desse preconceito ao longo da viagem através do vínculo gerado com o participante em questão. Ela acredita que pode ter sensibilizado tanto o educando em questão, mas outros em geral, através da escuta, já recorrente em seu jeito de ser devido sua profissão, do exemplo, cuidado e do afeto e entende que a Marcha ao menos oportuniza uma situação de aprender a respeitar e sobre a convivência com diferentes. Ela não sabe atualmente como o participante pensa hoje em dia e qual o saldo da mudança de mentalidade, mas menciona que ele acabou encontrando uma namorada nessa referida edição.

Outra crítica que a narradora tras à tona é também relacionada a ausência de participantes judeus negros na Marcha, ainda restrita a uma branquitude judaica, a questão de

censura e homofobia ocorrida na penúltima edição da Marcha. O contexto político polonês, como dito anteriormente, se encontra sob a gestão de uma vertente política de extrema direita e emblematicamente uma bandeira LGBT foi impedida de adentrar em Auschwitz pela gestão deste local de memória. Outro ponto que ela considera fundamental nesses lugares de memória seria a construção de um pavilhão sobre pessoas negras assassinadas pelo regime nazista. Ademais, a ausência de elementos de memória cultural sefardi também é mais uma perspectiva que Karina acrescentaria nas narrativas do programa.

Narcisismo das pequenas diferenças

De alguma forma o judaísmo ashkenazi, eu vou te falar o que eu entendo, eu acho que também o judaísmo ashkenazi europeu também de alguma forma ocupa um lugar que se sobrepõe ao judaísmo sefardi. Eu acho que muitos sefaradim, mizrahim sentem muito isso, em Israel se sentiram sempre cidadãos de segunda classe, aqui no Brasil, a gente faz piada com isso. A gente fala casamento misto quando tem um ashkenazi com um sefardi, a gente fala ... a gente brinca que não é a mesma religião. Quer dizer, temos as nossas diferenças. Tem um conceito na psicanálise que fala do narcisismo das pequenas diferenças. A questão é como, isso tá na base de toda intolerância, pessoas tão parecidas como judeus ashkenazim, sefaradim, já se acham muito diferentes. Porque um come arroz em Pessach e o outro não come arroz em pessach, porque um reza assim e o outro reza assado, porque na sinagoga de um as mulheres ficam embaixo e na de outro as mulheres ficam em cima, quer dizer, já nós, que somos tão iguais, não toleramos as pequenas diferenças, que dirá as grandes diferenças.

Ela ainda narra que, ao longo dos anos, em sua experiência de Marcha da Vida, observa uma mudança na abordagem pedagógica sobretudo em museus acerca das temáticas relacionadas a Shoá. Essa perspectiva mais presente nas últimas décadas descentraliza os números de 6 milhões de judeus mortos e 12 milhões de vítimas totais, centralizando a vida. Segundo ela, são mais enfatizadas portanto as milhões de histórias de vidas, não ensinando apenas sobre a morte. Ela observa essa mudança em muitos museus, destacando nesse sentido o museu Polin, inaugurado há poucos anos e as atualizações pedagógicas observadas no Yad Vashem.

Nesse sentido, ela ainda problematiza os muitos usos políticos da Shoá, sobretudo no campo religioso judaico. Segundo ela, algumas vertentes ortodoxas creem que a Shoá aconteceu porque os judeus não observaram com rigor os mandamentos de Deus. Para essa narrativa mais radical, esses lugares de memória devem ser conhecidos para aprendermos com os erros e voltarmos mais *kasher*. Ela conta que certa vez ouviu uma crítica de um rabino que

alegava que a perspectiva da Marcha da Vida seria muito universalista e nos narra que “eu já ouvi do rabino: "o problema de vocês é que vocês são muito humanos e pouco judeus". Ele queria dizer, talvez 'humanista', pra salvar o rabino. Mas na hora eu respondi pra ele: "mas os judeus não são humanos?".

Além desse, outro uso político dos lugares de memória visitados é problematizado por Karina. Para ela,

Como ovelhas ao matadouro

muita gente com essa tendência de "não podemos criticar Israel, só podemos falar bem"... aquela fala "enquanto Israel for forte, os portões de Auschwitz ficarão fechados" essas conexões muito diretas, entre Shoá e Israel, que não são verdades históricas, não é verdade que Israel existe por causa da Shoá, não é um produto direto. O sionismo já existia com muita antecedência, mas foi um uso feito inclusive pela sociedade israelense, da Shoá, de que precisavam se fortalecer... foi uma verdade histórica o que aconteceu na sequência, não aconteceu por causa da Shoá, mas aconteceu na sequência da Shoá e a sociedade israelense por muito tempo teve muitos problemas com a Shoá, porque eram judeus fracos da diáspora que foram como ovelhas ao matadouro.

A narradora entende, a partir de Amos Oz, em sua obra "Como curar um fanático" que essa reatividade que não colabora para a paz e a negociação de dois estados está ligado à problematização anterior sobre antissemitismo e identidade judaica.

Sangue nos olhos

Essas falas tipo: "em Yad Vashem eu percebo o custo de não termos um estado de Israel, sabe? Daí o nacionalismo fanático ele vem daí também. Desse lugar dessas pessoas que foram ... e sim, muitas vão te contar que tiveram histórias de perseguição, seja na Europa, seja nos países árabes, mas isso gera uma necessidade tamanha de se defender que não é saudável, que as pessoas vão se defender a qualquer custo com sangue nos olhos.

Diante de tais debates, críticas e problematizações sobre a MVU elencadas pelos narradores, muitas reflexões podem surgir visando o aperfeiçoamento e atualização desse programa. Dentre essas, a sistematização de um projeto político-poético-pedagógico e uma pesquisa de públicos, podem ser entendidas como duas possibilidades de aprimorar a MVU institucionalmente. Esse referido projeto, segundo Celso, já existe enquanto princípios orientadores da Marcha, mesmo que não formalizado e sistematizado textualmente ou em

algum documento mais formalizado. Essas podem ser estratégias museológicas possíveis de solucionar desafios mencionados e potencializar ainda mais as atividades desenvolvidas pelos públicos da MVU.

Tais possibilidades não necessariamente implicam em uma perda da perspectiva não formal do projeto, mas tornam esses instrumentos ferramentas de trabalho atualizáveis, renováveis, sem necessariamente haver um hermetismo. Essas ideias propostas são fundamentadas em ferramentas de gestão museológicas tais como o plano museológico¹¹¹ e pesquisas de públicos de caráter museológico que podem, a médio e longo prazo, promover uma maior sustentabilidade das atividades fomentadas pelo Fundo Comunitário Judaico.

6. APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS

Neste trabalho de pesquisa, buscamos participar na luta contra o nazismo e demais formas de opressões calcadas na intolerância e no racismo, de modo a nos aprofundarmos na investigação sobre a Marcha da Vida Universitários. No primeiro capítulo, além de apresentar as especificidades logísticas e de conteúdos abordadas pelo referido programa de educação judaica não formal para patrimônio, dialogamos com os conceitos ligados à educação, memória e patrimônio. Ali, também pudemos apresentar ao debate sobre educação e patrimônio os conceitos de educação judaica para o patrimônio e de educação para o patrimônio judaico. No segundo capítulo, problematizamos o antissemitismo em suas diferentes expressões e tempos históricos dialogando com a obra de Frantz Fanon e outras pesquisas contemporâneas sobre essa e outras faces de racismos. No terceiro capítulo, dialogamos com nossos/as colaboradores/as da pesquisa de maneira a entendê-los como agentes importantes nas lutas contra preconceitos de diferentes formas e como agenciadores da educação judaica como resistência.

Ademais, ao final do terceiro capítulo, pudemos abrir uma problematização que

¹¹¹ Cf. lei 11.904 de 2009 que institui o Estatuto de Museus, e define que O Plano Museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade (BRASIL, 2009)

amplia o alcance das iniciativas da MVU pela via da ciência museológica. Por se tratar de um projeto de educação que dialoga com práticas de educação museal, cabe nos perguntarmos: como a MVU poderia museificar-se? Ou seja, como a atribuição de um estatuto de museu poderia potencializar a MVU institucionalmente e ampliar esse referido acesso para além das comunidades judaicas? A institucionalização da Marcha da Vida enquanto um museu de percurso ou museu de percurso virtual podem ser formas nas quais a educação judaica para o patrimônio pode gerar acesso a outros grupos e realidades socioculturais e proporcionar uma educação mais ampla para o patrimônio judaico.

Nesse sentido, mantendo o protagonismo comunitário judaico, podemos construir alianças políticas com outras comunidades e grupos que historicamente sofrem tentativa de subalternização, alinhando nossas agendas, na medida do possível. Além disso, convênios com instituições de educação formal e outras institucionalidades de memória são possíveis e podem contribuir com a desnazificação da juventude brasileira, proporcionando acesso às informações relacionadas a MV e MVU. A região sul do Brasil é um local estratégico nesse sentido de combate ao neonazifascismo, tanto em instituições de ensino básico como em instituições de ensino superior. Em ambos os casos, escolas e universidades têm sido palco da cooptação e de reprodução de teses antissemitas e de outros racismos, além de desinformações sobre Israel, sob distintos espectros políticos. Diante disso, combater o extremismo de ideias expresso além da extrema direita (racismos e nazifascismos) mas também no centro e nas esquerdas se demonstra uma demanda urgente.

Essa pesquisa, inicialmente, possuía como abordagem primária, a investigação sobre o fazer-se educador no âmbito de processos museais com temática sobre Holocausto. Todavia, após a experiência enquanto participante da Marcha da Vida Universitários e outros programas semelhantes, propus uma mudança de enfoque para pessoas atuantes dentro da comunidade judaica e para seus públicos internos. A dimensão educativa e de resistência judaica é milenar, e nesse sentido pude me inspirar, na pesquisa de Sérgio Feldman (2019) sobre as Epístolas de Maimônides, rabino e médico da Idade Média. Esse gênero literário, que também tem sua importância pedagógica na história da resistência e preservação das identidades judaicas, é fundamental para pensarmos ressignificações contemporâneas dessa luta pela preservação do patrimônio cultural judaico e suas demandas.

Partindo dessa ideia que relaciona educação e resistência presentes nas epístolas, entendemos a Marcha da Vida Universitários enquanto processo educativo comunitário

judaico que dá continuidade dessas resistências judaicas. Sabemos que muitos outros programas promovidos pelas organizações judaicas poderiam fazer parte desta pesquisa, mas um recorte se fez necessário até mesmo para garantir uma sustentabilidade de tempo e do erário público que financiou este trabalho via CNPq. Diante do cenário político e ideológico brasileiro de extrema direita bolsonarista, nazifascista e de extremismos antissemitas em outros espectros políticos, refletir sobre a Marcha da Vida é um ponto estratégico nesta conjuntura.

Ademais, as/os pesquisadoras e debates que pude ter contato no laboratório Novas Formas de Antissemitismo no Brasil (IBI), foram fundamentais para entender as potencialidades e pontos a serem potencializados na MVU. Investigar este programa nos permite uma complexa ampliação de mais uma frente de luta antirracista nas pesquisas do PAMEDUC e no PPGE (UFSC) de maneira geral, pois as atividades de ensino-aprendizagem da MVU são em si mesmas conhecimentos produzidos por meio da experiência e uso social da memória judaica.

Este trabalho também dialogou com as pesquisas de Gabriela Korman (2022) sobre a Marcha da Vida e de Lara Kchasles (2016) sobre a Marcha da Vida Universitários, com ênfase nos públicos e não nas/nos educadores. Muitos outros programas educativos podem ser pensados dando continuidade a esta linha de abordagem sobre a educação não formal para o patrimônio judaico em um recorte das experiências brasileiras. Programas como o Taglit e Masá, podem ser exemplos para entendermos como cada um desses, com suas especificidades, pode contribuir para este debate. Além disso, o aprofundamento na própria Marcha da Vida Universitários pode ser uma temática que possibilita novas entrevistas com outros públicos participantes, guias de turismo e educadores/as parceiras desse projeto do Fundo Comunitário Judaico Keren Hayesod.

Estreitar o diálogo teórico com autores pós-coloniais como Edward Said para compreender o Oriente Médio e suas demandas e potenciais socioculturais também é uma rica abordagem para pesquisas futuras. Isso nos possibilita pensar uma educação de maneira crítica de como nós, enquanto ocidentais, visualizamos o Oriente. Ademais, pesquisar sobre os decoloniais e seu entendimento sobre judaísmo, tais como Santiago Slabodsky, é uma possibilidade de construção de novos caminhos de pesquisa.

Este trabalho se ancorou nas principais demandas sociais as quais pude perceber enquanto membro da comunidade judaica residente da cidade de Santa Catarina, um estado

ainda com presença do nazismo e outras formas de racismo organizadas identitariamente ou não. A obra de Michel Gherman "O Não Judeu Judeu: A Tentativa de Colonização do Judaísmo Pelo Bolsonarismo" também é central nesse sentido de entender os temas possíveis de estarem presentes nas Marchas da Vida em geral, não apenas na MVU. Dentre tantas problematizações presentes nesse livro, destaco as perspectivas das apropriações culturais; do pseudo-filosemitismo e do aparelhamento da questão sionista e do conflito Israel-Palestina promovidas pela extrema direita brasileira em relação ao judaísmo. Esse debate nos permite entender de maneira mais complexa os utilitarismos promovidos por esse espectro político em relação à judaicidade que seduzem boa parte dos judeus no Brasil, de modo a colonizá-los.

Essa questão nos faz refletir em torno da branquitude e etnicidade judaica e a necessidade de desenvolvimento de um senso crítico mais aguçado para essas formas veladas de antissemitismo. As consequências de candidaturas como a de Bolsonaro nos levou à reflexão contemporânea sobre as temáticas do genocídio, seja pela gestão necrófila da crise sanitária de Covid-19 ou pela proposital negação das demandas indígenas, com destaque para o povo Yanomami. Essa reflexão não nos leva a colocar panos quentes em relação ao antissemitismo expresso em outras alas ideológicas e políticas, mas nos instrui a sermos mais incisivos e críticos em relação a qualquer forma de uso irresponsável e politicamente inviesado do judaísmo para interesses políticos obscurantistas.

Dessa forma, buscamos aqui pensar sobre a Marcha da Vida Universitários enquanto mais uma ferramenta possível de formação dos públicos internos das comunidades judaicas para enfrentar essa e outras formas de opressão. Para isso, é necessário uma resignificação do debate sobre a dessacralização da Shoá para pensarmos paralelos contemporâneos com esse genocídio promovido pelos nazistas. De todo modo, para isso, valorizamos os/as educadores/as desses programas enquanto produtores/as de conhecimento mediante o uso social de suas memórias e experiências.

A museologia propõe caminhos normativos pelos quais, em diálogo com as análises aqui suscitadas, contribui para extrapolar os muros sociopolíticos dos processos e ações educativo-culturais judaicas. As ideias de museu de percurso e museu de rua¹¹² podem ser

112 Conceito criado pelo museólogo e arquiteto Julio Abe Wakahara

estratégias museológicas para ampliar o acesso de diferentes públicos aos conteúdos propostos pela Marcha da Vida Universitários. As ferramentas de gestão museal propostas pela ciência museológica podem orientar a criação de planos museológicos - com programas, projetos e ações - que dialoguem com as demandas da formação da comunidade judaica sem excluir as demandas sociais mais amplas. Construir pontes entre as memórias utilizadas e agenciadas pela MV e pela MVU com outros segmentos sociais é urgente e pode fortalecer e suprir as demandas tanto das comunidades judaicas quanto dos grupos dialógicos, sobretudo contribuindo para a desnazificação da juventude brasileira.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995. 190 p.
- ALCÂNTARA CONDE DA SILVA, B. ENTRE O COLONIZADOR E O COLONIZADO: a concepção de colonialismo e de relações de poder nas obras de Frantz Fanon, Albert Memmi e Paulo Freire. **Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros**, [S. l.], v. 4, n. 8, 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/15280>. Acesso em: 13 dez. 2023.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 266 p.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8.ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. [Obras Escolhidas, v. 1.]
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG/Imprensa Nacional do estado de São Paulo, 2006.
- BROCCO, Ana Karina et al. **Memórias e experiências de estudantes indígenas Kaingang na Região Oeste de Santa Catarina-Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Chapecó/SC**. 2022.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Coord.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: ICOM, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010. 2 v.
- CARVALHO, A. S. de. A alienação em Frantz Fanon: da consciência à descolonização. **Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros**, [S. l.], v. 1, n. 2, 2018. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/9751>. Acesso em: 12 maio. 2022.
- CERQUEIRA, Greice Quelen Miranda. As Persistências Fanonianas no Século XXI. **Revista Avesso**, v. 2, n. 1, p. 1-9, 2021.
- CHAGAS, Mário Souza. Museus, memórias e movimentos sociais. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 41, n. 41, 2012.
- CHAVES, Murilo Mangabeira. **A luta por autodeterminação: desracialização e descolonização no pensamento de Frantz Fanon**. 2019.
- CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo, Annablume, 2006
- DA ROSA, Amílcar Alexandre Oliveira. Benjamin e Fanon: experiência e descolonização. **Revista Discente Ofícios de Clio**, v. 5, n. 9, p. 111, 2020.

DE ALMEIDA ARAÚJO, Aldevane. Educação decolonial e antirracista: a importância do pensamento fanoniano. **Revista Eletrônica Discente História**. com, v. 7, n. 14, p. 241-255, 2020.

DE ASSIS LIMA, Valdemar; ANTÔNIO PAIM, Elison. OS NEGROS OLHARES E OS OLHARES NEGROS DOS EDUCADORES SOBRE OS MUSEUS EM FLORIANÓPOLIS: IDENTIDADES, EXPERIÊNCIAS E USO SOCIAL DA MEMÓRIA EM ESPAÇOS MUSEAIS : <https://doi.org/10.29327/211653.6.4-4>. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 38–49, 2020. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/91>. Acesso em: 13 dez. 2023.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François; SOARES, Bruno Brulon; CURY, Marília Xavier. **Conceitos-chave de Museologia**. [S.l: s.n.], 2013.

DIETRICH, A. M. **Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil**. Tese de Doutorado em História Social, FFLCH- USP, São Paulo, 2007.

DOS SANTOS, Elaine Maria Geraldo; PEIXOTO, José Adelson Lopes. O espiritismo sob a perspectiva dos estudos e da conversão do médico Cesare Lombroso (1857-1909). **CLIO: Revista Pesquisa Histórica**, v. 38, n. 1, p. 526-547, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** (R. Silveira, Trad.). Salvador, BA: EDUFBA.(Trabalho original publicado em 1952), 2008.

FANON, Frantz. Racismo e Cultura. In: **Em defesa da revolução africana**. 1a Edição ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1980. b.

FAUSTINO, D. M. **“Por que Fanon, por que agora?”**: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. 2015. 252 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

FELDMAN, Sergio Alberto. Imigração, educação e identidade. A educação na comunidade judaica de Curitiba-século XX. **Revista del CESLA. International Latin American Studies Review**, n. 22, p. 53-75, 2018.

FELDMAN, Sergio Alberto. Educação, identidade e resistência cultural no judaísmo medieval: as epístolas de Maimônides. **Acta Scientiarum. Education**, v. 41, 2019.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. L & PM Pocket, 2013.

GAG, Paulo. **O antissemitismo**: palavra inventada por Marr (tribunal da história volume II).

GHERMAN, M. (2009). **Deus e o Diabo na Terra Santa**. Webmosaica 1(1), 56-71

GHERMAN, Michel. Jews, Zionism and the Left in Brazil: Echoes of a Relationship. **Analysis of Current Trends in Antisemitism - ACTA**, v. 39, n. 2, 2018.

GHERMAN, Michel. **O não judeu judeu: a tentativa de colonização do judaísmo pelo bolsonarismo**. Editora Fósforo, 2022.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Editora Vozes Limitada, 2019.

GRIN, Monica; GHERMAN, Michel. Breve balanço sobre os estudos judaicos no Brasil. **Cuadernos Judaicos**, n. 34, p. 33-58, 2017.

GRINSPUM, Denise. **Educação para o Patrimônio**: Museu de Arte e Escola-Responsabilidade compartilhada na formação de públicos. 2000. 131p. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo,

São Paulo, 2000.

GUTFREIND, Ieda. Imigração judaica no Rio Grande do Sul: pogroms na terra gaúcha?. **WebMosaica**, v. 2, n. 1, 2010.

GRITTI, I.R. Os pinhais da fazenda Quatro Irmãos/RS e a Jewish Colonization Association. In: GERHARDT, M., NODARI, E.S., and MORETTO, S.P., eds. **História ambiental e migrações**: diálogos [online]. São Leopoldo: Oikos; editora UFFS, 2017, pp. 95-108. ISBN: 978-85-64905-68-9. <https://doi.org/10.7476/9788564905689.0007>

KCHASLES, Lara Grinberg. Educação em Shoah: sentidos e significados da experiência 'Marcha da vida - Universitários'. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

KORMAN, Gabriela Faermann. Educação Sobre Holocausto E Usos Políticos Da Memória: Reflexões Sobre O Programa Marcha Da Vida No Brasil. 2020.

LERNER, Kátia. **Memórias da dor: coleções e narrativas sobre o Holocausto**. Brasília: MinC/IBRAM, 2013.

LIMA, Valdemar de Assis. **A educação museal no pensamento museológico contemporâneo**: musealidade da educação e delineamentos para uma proposta política educacional a partir do uso social da memória. 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PEED1305-D.pdf>>

LIMA, Valdemar de Assis. O BRANCO NO PRETO E O PRETO NO BRANCO: USO SOCIAL DA MEMÓRIA NO FAZER-SE ANTIRRACISTA DE PESSOAS BRANCAS NA AMBIÊNCIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Anais do X Seminário Nacional do Centro de Memória-Unicamp – Independência ou Morte? Memórias do Brasil (1822-2022). Campinas, SP: Centro de Memória-Unicamp (CMU), 2021.

LOPEZ, Carol Colffield. **O holocausto como tema nos livros didáticos brasileiros: realidades e alternativas**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MORAES, Luís Edmundo de Souza. Pode haver racismo na esquerda? Um estudo de caso. **História (São Paulo)**, v. 33, p. 217-249, 2014.

MEINERZ, Marcos Eduardo. Operação Odessa: a fuga dos criminosos de guerra nazistas para a América Latina após a Segunda Guerra Mundial e os caçadores de Nazistas. In: **Mediações** – Dossiê: pensamento de direita e chauvinismo na América Latina, Londrina, v. 19, n. 1, p. 41-60, jan.-jun. 2014.

PAIM, Elison Antonio. **Memórias e experiências do fazer-se professor**. 2005. 532 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

PAIM, E. A.; PEREIRA, N. M. **Interfaces**: educação e temas sensíveis na contemporaneidade. 1. ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2018. v. 300. 232p.

PAIM, Elison Antonio. Descolonizando Tempos, Espaços e Memórias: experiências educativas na Província de Huíla - Angola. **ANAIS DO EVENTO**. 2022

PINTO, Rafael Haddad Cury. **Memória e representação da Segunda Guerra Mundial em museus e memoriais alemães (1950-2014)**. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2017.

REIS, Alice Casanova; SCHUCMAN, Lia Vainer. A Constituição Social da Memória: Lembranças de uma Testemunha da 2ª Guerra Mundial. **Psicologia em Revista**, v. 16, n. 2, p. 388-408, 2010.

ROCHA, G. dos S. (2015). Antirracismo, negritude e universalismo em Pele negra, máscaras brancas de Frantz Fanon. **Sankofa (São Paulo)**, 8(15), 110-119.

SALAZAR, Juan García. **La tradición oral**: una herramienta para la etnoeducación. Una propuesta de las comunidades de origen afroamericano para aprender casa adentro. Quito: FEDOCA-SL, 1983.

SANTANA, T.; PAIM, E. Mônadas sobre mulheres indígenas na Universidade. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 31, p. 49-68, 22 out. 2018.

SANTOS, Eliana Cristina Pereira; SOBRINHO, Nelson Figueira. **Pele branca, máscara negra**: o blackface no discurso da Secretaria Municipal de Educação de Foz do Iguaçu. 2020.

SAPEDE, T. C. Racismo e dominação psíquica em Frantz Fanon. **Sankofa (São Paulo)**, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 44-52, 2011. DOI: 10.11606/issn.1983-6023.sank.2011.88810. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/88810>. Acesso em: 12 maio. 2022.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Produção de sentidos e a construção da identidade judaica em Florianópolis**. 2006.

SLABODSKY, Santiago. **Decolonial Judaism: Triumphal failures of barbaric thinking**. Springer, 2014.

SPINOZA, B. **Ética** Tradução de Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TOLENTINO, Átila Bezerra. Educação Patrimonial Decolonial: perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização federal. **Sillogés**, v. 1, n. 1, p. 41-60, 2018.

VIEIRA, F. A. O antissemitismo em uma breve perspectiva histórica: de Roma ao nazismo. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 54-68, 2019. DOI: 10.17851/1982-3053.13.25.54-68. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/23872>. Acesso em: 6 dez. 2023.

WALSH, Catherine. Interculturalidad Crítica y Educación Intercultural. In: VIANA, Jorge. **Construyendo Interculturalidad Crítica**, III CAB, Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello: La Paz, Bolívia, p.75-96, 2010.

WALSH, Catherine. INTERCULTURALIDAD CRÍTICA/PEDAGOGÍA DE-COLONIAL. **Revista de Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas**, [S.l.], v. 3, n. 6, p. 25-42, dez. 2012. ISSN 2236-3483. Disponível em: <<http://www.ufrj.br/SEER/index.php?journal=retta&page=article&op=view&path%5B%5D=1071>>. Acesso em: 18 mar. 2020.